

PROJETO, DESEMPENHO URBANO E CONSTRUÇÃO DO LUGAR
Avaliação da Qualidade Ambiental do Parque Guinle, Rio de Janeiro

Denise de Alcantara

Dissertação submetida ao Corpo Docente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arquitetura, área de concentração em Teoria e Projeto

Aprovada por:

Prof. Vicente Eduardo Del Rio Nascimento (D.Sc.)
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Paulo Afonso Rheingantz (D.Sc.)
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Cristiane Rose S. Duarte (D.Sc.)
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Haroldo Gallo (D.Sc.)
FAAM-FMU/FAP-FAAP/São Marcos

Rio de Janeiro

Fevereiro de 2002

Alcantara, Denise de.

Projeto, Desempenho Urbano e Construção do Lugar: Avaliação da Qualidade Ambiental do Parque Guinle, Rio de Janeiro / Alcantara, Denise de. Rio de Janeiro: UFRJ/PROARQ, 2002.

IX.151 p. il.

Dissertação – Universidade Federal do Rio de Janeiro, PROARQ.

1. Parque Guinle 2. Percepção Ambiental 3. Cognição 5. Lugar 6. Desenho Urbano
7. Tese (Mestrado. PROARQ/FAU-UFRJ). I. Título

*À minha pequena Manuela
e à memória de meu pai*

AGRADECIMENTOS

- Ao meu sempre presente orientador apesar da distância que nos separa
Prof. D.Sc. Vicente del Rio
- Ao meu co-orientador
Prof. D.Sc. Paulo Afonso Rheingantz
- Aos membros da banca
Prof. D.Sc. Haroldo Gallo
Prof. D.Sc. Cristiane Rose S. Duarte
- Aos membros do corpo docente do PROARQ
Prof. D.Sc. Angela Maria Martins
Prof. D.Sc. Miriam de Carvalho
Prof. Milton Fefferman
Prof. Aldo Carlos de Moura Gonçalves
Prof. D.Sc. Cêça Guimarães
- Ao corpo técnico-acadêmico do PROARQ, especialmente a
Maria da Guia e
Dionísio
- Àqueles que me auxiliaram com valiosas informações e depoimentos sobre o tema
Ana Luiza Nobre
Augusto Guimarães Filho
Jorge Hue
Maria Elisa Costa
Marcos Fávero
Bruno Alegria
- Ao estagiário da pesquisa
Daniel David Cassal de Medeiros
- À parceira profissional e amiga
Marta Nacinovic Fraga
- Àqueles que tanto me incentivaram e auxiliaram em diferentes momentos
Cid Manso de Mello Vianna
Luciana da Silva Andrade
Jean Pierre Bettencourt Janot
- Aos queridos colegas da turma de 2000 do PROARQ
- A todos os usuários do Parque Guinle que participaram ativamente de nossa pesquisa
- À minha mãe pelo exemplo de vida
Wilma de Alcantara Pereira

RESUMO

Projeto, Desempenho Urbano e Construção do Lugar Avaliação da Qualidade Ambiental do Parque Guinle, Rio de Janeiro

Esta dissertação configura o segundo de uma série de estudos de casos da Pesquisa maior Desenho Urbano e Qualidade do Lugar, coordenada por Vicente del Rio, no PROARQ-FAU-UFRJ. Utilizando conceitos e métodos da tradição inglesa de paisagem urbana, de sentido de lugar da geografia humana, de percepção ambiental e acima de tudo das dimensões de desempenho de Kevin Lynch, esta pesquisa objetiva compreender até que ponto o desenho original de uma área urbana é responsável por sua percepção e cognição como um lugar especial pela população. Este estudo de caso concentra-se no Parque Guinle, um complexo residencial de classe média, projetado por Lúcio Costa nos anos 40-50. Com os edifícios implantados ao longo de uma via em aclave e de um parque com bela paisagem – parte de um palacete existente do final do século XIX, este projeto é considerado um dos mais importantes exemplos da arquitetura moderna brasileira. Encontra-se tombado pelo patrimônio histórico e tanto o complexo como os apartamentos são altamente valorizados pela população. A pesquisa revelou a influência do projeto original e dos aspectos físicos e espaciais sobre a percepção e o comportamento ambiental tanto dos moradores quanto dos usuários. A maioria destes elementos tem um forte impacto sobre o cotidiano e contribui com a definição de imagens, de identidade, de padrões ambientais e com o sentido de lugar no Parque Guinle. As descobertas da pesquisa contribuíram com a validação de conceitos e métodos para a avaliação do projeto e do desempenho do lugar.

ABSTRACT

Project, Urban Performance and Place Making Quality Evaluation of Parque Guinle, Rio de Janeiro –Brazil.

This thesis is the second of a series of case studies in the larger research “Urban Design and the Quality of Places”, coordinated by V. Del Rio at the architecture graduate program of the Federal University of Rio de Janeiro. By utilizing concepts and methods from the British townscape tradition, from the sense of place in human geography, from environmental cognition, and above all from Kevin Lynch’s dimensions of performance, this research focuses in understanding how much of the original design for an urban area is responsible for its perception and recognition as a special place by the population. This case study concentrates in Parque Guinle, a mid-rise residential district designed by Lucio Costa in the mid-forties. With the buildings organized along a sloping road and a beautifully landscaped park –part of an existing XIX century palace, this project is praised as one of the most important examples of Brazilian modern architecture. It figures in the national register of historical places what protects it from major changes, and both the complex and the apartments are highly regarded by the population. The research revealed the influence of the original design, and of physical and spatial assets over the environmental perception and behavior of both residents and users. Most of these elements do have a strong impact on daily life and concur in setting images, identity, behavioral patterns, and a sense of place in Parque Guinle. The findings of the research help validating concepts and methods for the evaluation of place performance and design.

SUMÁRIO

<i>Ficha Catalográfica</i>	<i>ii</i>
<i>Resumo</i>	<i>v</i>
<i>Abstract</i>	<i>vi</i>
<i>Sumário</i>	<i>vii</i>
<i>Lista de Figuras</i>	<i>viii</i>
<i>Lista de Tabelas</i>	<i>ix</i>
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1. PROJETO E CONSTRUÇÃO DO LUGAR	6
1.1 Espaço ou Lugar?	6
1.2 Dimensões de Desempenho – Avaliando a Qualidade de um Lugar	9
1.2.1 Vitalidade	10
1.2.2 Sentido	11
1.2.3 Adequação	16
1.2.4 Acesso, Controle, Eficiência e Justiça – Breve Comentário	17
1.2.5 A Boa Forma Urbana na Construção do Lugar	19
CAPÍTULO 2. MÉTODOS E INSTRUMENTOS DA PESQUISA	20
2.1 Reconhecendo o lugar	20
2.2 O Método de Avaliação das Dimensões de Desempenho	21
2.2.1 Avaliação da Vitalidade	22
2.2.2 Avaliação do Sentido	23
2.2.3 Avaliação do Adequação	28
2.2.4 Avaliação do Acesso e do Controle	29
CAPÍTULO 3. AVALIAÇÃO DO PARQUE GUINLE	30
3.1 Localização e caracterização do Lugar	30
3.1.1 Breve Histórico – O Bairro	32
3.1.2 As origens do Parque e do Palácio	34
3.1.3 O Partido	37
3.1.4 O Projeto de Lucio Costa	39
3.1.5 As edificações mais recentes	48
3.2 Pesquisa de Campo	52
3.2.1 Aspectos Físicos e Espaciais da Área	52
3.2.2 Percursos Perceptivos – A Visão do Especialista	64
3.2.3 A População – Dados Censitários	72
3.2.4 Questionários e Entrevistas – A Visão do usuário	72
3.2.5 Mapeamento Cognitivo	106
3.2.6 Anotações de Observação – O Comportamento Ambiental	124
CONCLUSÕES	127
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	135
ANEXO I Modelo do Questionário	
ANEXO II Modelo do Questionário - Estudo de Caso General Glicério	
ANEXO III Tabelas dos Dados Censitários	
ANEXO IV Transcrição da Entrevista com Sr. Augusto Guimarães Filho	
ANEXO V Reportagens extraídas da mídia eletrônica	

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Lúcio Costa, Edifício Caledônia, 1954	2
FIGURA 2: Esquema teórico do processo perceptivo.....	14
FIGURA 3: Localização na zona sul do Rio de Janeiro.....	31
FIGURA 4: Localização do Parque Guinle no Bairro.....	31
FIGURA 5: Palácio das Laranjeiras.....	36
FIGURA 6: Palácio das Laranjeiras com Parque Guinle em primeiro plano	36
FIGURA 7: Regent's Park, Londres	37
FIGURA 8: Royal Crescen e Kings Circust, Bath.....	38
FIGURA 9: Esquema estrutural Dom-ino de Le Corbusier.....	38
FIGURA 10: Croquis do projeto original de Lúcio Costa.....	40
FIGURA 11: Configuração do projeto original em forma de anfiteatro.....	41
FIGURA 12: Portal do Parque Guinle na Rua Gago Coutinho.....	41
FIGURA 13: Vista do Palácio a partir do Edifício Bristol - Sr. Jorge Hue em primeiro plano.....	43
FIGURAS 14a e 14b: Edifício Nova Cintra - Fachadas	44
FIGURA 15: Edifício Nova Cintra – Plantas e Corte.....	45
FIGURAS 16a e 16b: Edifício Nova Cintra – Detalhes da fachada e da escada.....	45
FIGURAS 17a e 17b: Edifícios Bristol e Caledônia – planos de fachada.....	46
FIGURA 18: Edifícios Caledônia – Pilotis.....	46
FIGURA 19: Edifícios Bristol e Caledônia – Plantas Baixas.....	47
FIGURAS 20a e 20b: Edifícios Bristol e Caledônia – Detalhes do nível de acesso.....	47
FIGURA 21: Lago do Parque Guinle com o conjunto dos irmãos Roberto.....	49
FIGURA 22: Edifício dos irmão Roberto.....	50
FIGURA 23: Edifício dos irmão Roberto – Plano de fachada.....	50
FIGURA 24: Edifício dos irmão Roberto – Plantas Baixas.....	51
FIGURA 25: As três tipologias edilícias do Parque Guinle.....	51
FIGURA 26: Vista Geral do Parque Guinle.....	55
FIGURA 27: Planta de Situação.....	56
FIGURA 28: Planta de Topografia.....	57
FIGURA 29: Planta de Malha Viária.....	58
FIGURA 30: Planta de Sistema Viário.....	59
FIGURA 31: Uso do Solo do Parque Guinle e área de abrangência.....	60
FIGURA 32: Gabarito do Parque Guinle e área de abrangência.....	61
FIGURA 33: Planta de Arborização.....	62
FIGURA 34: Figura e Fundo – 1956.....	63
FIGURA 35: Figura e Fundo – 1976.....	63
FIGURA 36: Figura e Fundo – 1994.....	63
FIGURA 37: Mapa dos Percursos Perceptivos.....	65
FIGURAS 38 a 58: Painéis Analíticos da Visão Serial.....	66 a 71
FIGURAS 59 a 61: Exemplos de mapas mentais - Moradores.....	111 a 113
FIGURAS 62 a 64: Exemplos de mapas mentais - Trabalhadores.....	115 a 117
FIGURAS 65 a 67: Exemplos de mapas mentais - Visitantes.....	119 a 121
FIGURA 68: Praça inferior do Parque Guinle numa manhã de domingo.....	123
FIGURA 69: Mapa-croquis do parque com anotações de observação.....	125

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: <i>Imagens Mentais – Pergunta 1</i>	85
TABELA 2: <i>Imagens Mentais – Pergunta 2</i>	85
TABELA 3: <i>Impressões Ambientais – Pergunta 3</i>	86
TABELA 4: <i>Caracterização dos Respondentes – Pergunta 4</i>	87
TABELA 5a: <i>Caracterização dos Respondentes – Pergunta 5</i>	88
TABELA 5b: <i>Caracterização dos Respondentes – Pergunta 5.1</i>	88
TABELA 6: <i>Imagens Mentais – Pergunta 6</i>	89
TABELA 6 (cont.): <i>Imagens Mentais – Pergunta 6</i>	90
TABELA 7: <i>Imagens Mentais – Pergunta 7</i>	91
TABELA 7 (cont.): <i>Imagens Mentais – Pergunta 7</i>	92
TABELA 8: <i>Imagens Mentais – Pergunta 8</i>	93
TABELA 8 (cont.): <i>Imagens Mentais – Pergunta 8</i>	94
TABELA 9: <i>Preferências e Expectativas Ambientais – Pergunta 9</i>	95
TABELA 9 (cont.): <i>Preferências e Expectativas Ambientais – Pergunta 9</i>	96
TABELA 10: <i>Imagens Mentais – Pergunta 10</i>	97
TABELA 10 (cont.): <i>Imagens Mentais – Pergunta 10</i>	98
TABELA 11: <i>Impressões Ambientais – Pergunta 11</i>	99
TABELA 11 (cont.): <i>Impressões Ambientais – Pergunta 11</i>	100
TABELA 12: <i>Impressões Ambientais – Pergunta 12</i>	101
TABELA 12 (cont.): <i>Impressões Ambientais – Pergunta 12</i>	102
TABELA 13: <i>Preferências e Expectativas Ambientais – Pergunta 13</i>	103
TABELA 13 (cont.): <i>Preferências e Expectativas Ambientais – Pergunta 13</i>	104
TABELA 14: <i>Caracterização dos Respondentes – Sexo</i>	105
TABELA 15: <i>Caracterização dos Respondentes – Faixa Etária</i>	105
TABELA 16: <i>Mapas Mentais – Elementos Físicos x Usuários</i>	107
TABELA 17: <i>Mapas Mentais – Elementos Físicos x Tipos de Mapas</i>	107
TABELA 18: <i>Mapas Mentais – Identificação e Estruturação: Moradores</i>	108
TABELA 19: <i>Mapas Mentais – Identificação e Estruturação: Trabalhadores</i>	108
TABELA 20: <i>Mapas Mentais – Identificação e Estruturação: Visitantes</i>	109

PROJETO, DESEMPENHO URBANO E CONSTRUÇÃO DO LUGAR

Avaliação da Qualidade Ambiental do Parque Guinle, Rio de Janeiro

INTRODUÇÃO

A privação sensorial é um problema que atinge diretamente as populações das grandes cidades neste início de milênio. O cerceamento tátil, a passividade e a monotonia que assolam o ambiente urbano podem ser considerados conseqüências diretas dos projetos arquitetônicos e urbanísticos de cidades que priorizam a máquina, o carro e, indiretamente, a individualidade do homem (Sennett, 1997).

Paralelamente a este processo de mecanização do mundo, o "desenvolvimento urbano moderno tem favorecido a proliferação de um domínio universal, privatizado e sem lugar" (Frampton, 1989:82), questão que se torna paradoxal na medida em que as sensações do corpo e a liberdade de movimentos são aspectos tão privilegiados nestes tempos modernos (Sennett, 1997). As cidades contemporâneas possuem uma imagem, não raro, relacionada à violência, à opressão, à hostilidade; imagem que vêm se generalizando cada vez mais através dos meios de comunicação e informação.

O Rio de Janeiro não escapa deste pressuposto negativo inerente às grandes cidades. Além disto, a alienação e o afastamento de seus habitantes, moradores e usuários, cada vez mais enclausurados em suas células de viver, são aspectos que contribuem para o acirramento deste quadro. Entretanto na cidade existem lugares – em sua maioria áreas predominantemente residenciais – que de um modo geral são considerados lugares que atendem às necessidades básicas de bem viver, satisfazendo seus habitantes, gerando preferências e valorização daqueles sítios.

A intenção primeira da pesquisa que deu origem a esta dissertação versa sobre **a qualidade do projeto na construção de um lugar**, ou seja, **as influências e relações entre a qualidade reconhecida de um lugar, seu projeto original e o significado, para os usuários, dos aspectos visuais, perceptivos e cognitivos**. A dissertação está vinculada à pesquisa da Área de Teoria e Projeto do PROARQ-FAU-UFRJ, intitulada "Desenho Urbano e Qualidade do Lugar", coordenada pelo Prof. Vicente Del Rio. Esta pesquisa busca avaliar o desempenho de quatro lugares da cidade do Rio de Janeiro através de estudo comparativo, com ênfase nas dimensões cognitiva e comportamental, sobre os atributos físico-espaciais, identificando os elementos, índices e fatores geradores desta qualidade.

A pesquisa encontra-se em andamento, com o primeiro estudo de caso sobre a Rua General Glicério e adjacências concluído por Marcos Fávero (2000). Os outros lugares selecionados para a pesquisa são: Parque Guinle, (Laranjeiras), Rua Pires de Almeida (Cosme Velho) e Jardim Oceânico (parte velha da Barra da Tijuca), cuja escolha se deveu a reconhecida qualidade destes lugares. Sua temática está intimamente ligada à compreensão do processo projetual urbanístico e arquitetônico, aos impactos que esses projetos podem vir a gerar no cotidiano da população moradora e usuária e à sua aplicabilidade no desenho urbano e na arquitetura.

O Conjunto Residencial do Parque Guinle, um complexo residencial composto por edifícios de concepção modernista localizado no bairro de Laranjeiras, Rio de Janeiro, foi escolhido como objeto de nosso estudo. Este conjunto faz parte de um sítio privilegiado na zona sul da cidade, junto ao Palácio das Laranjeiras, edifício de estilo eclético do início do século e hoje residência oficial do Governador do Estado. O conjunto de edifícios modernistas e o Palácio Laranjeiras estão dispostos em torno de um parque – o Parque Guinle propriamente dito – um espaço verde e aprazível, aberto ao público, densamente arborizado e destinado à recreação infantil e ao lazer contemplativo.



Figura 1 - Lúcio Costa, Edifício Caledônia, 1954 - Fachada para o parque
(edição eletrônica sobre foto da autora)

Projeto concebido por Lúcio Costa nos anos 50, ícone do modernismo nacional, a arquitetura e a implantação urbana do conjunto teve como condição básica o respeito ao parque já existente e em torno do qual seria construído. Com previsão original de seis blocos edificadas, apenas os três primeiros ficaram a cargo de Lúcio Costa, sendo posteriormente confiado ao escritório M.M.M. Roberto, o projeto dos blocos restantes, o que marcou um rompimento com os originalmente

concebidos pelas discrepâncias e diferenças existentes entre eles. O estilo modernista guiou a concepção dos edifícios. Os três blocos do projeto original de Costa possuem algumas características e identidade próprias que contrariam, em parte, alguns preceitos modernistas, tais como sua vinculação consciente com a tradição local e com a ligação espiritual com o passado, ou ainda através de aspectos sutis como a inserção da cor e a riqueza decorativa com a utilização de painéis vazados, característicos de sua obra (Bruand, 1981).

A definição do princípio organizador da pesquisa foi baseada em algumas questões de caráter abrangente:

- Qual é a imagem dos usuários sobre o Parque Guinle e seu conjunto edificado?
- Como avaliar a contribuição do projeto em termos das qualidades inerentes ao seu ambiente atual?
- Qual seu significado e quais os elementos de referência e memória inerentes à definição do sentido de lugar?
- Que avaliação fazem do Parque Guinle os seus moradores e usuários e o carioca em geral?

Assim, a partir de dados empíricos e do senso comum, que direcionavam a uma avaliação positiva da qualidade do lugar em estudo, nosso problema era justamente confirmar este pressuposto através da pesquisa, da conceituação teórica e do conhecimento científico.

Objetivos da Pesquisa

O principal objetivo da pesquisa é **avaliar o Conjunto do Parque Guinle, com ênfase nos aspectos relacionados com a qualidade do ambiente urbano e do espaço construído**. Para tanto, foi necessário **identificar suas características formais, bem como a percepção e a avaliação de seus usuários**. Outro objetivo de nossa pesquisa foi **identificar/explicitar as intenções do arquiteto¹ acerca do projeto que determinaram a configuração de seu perfil atual e a forma como o processo contribuiu para sua imagem contemporânea**. Neste processo de avaliação, os moradores e usuários se transformam nos próprios *atores*, possibilitando a identificação e a compreensão da atual *imagem urbana* e o real *sentido de pertencer* a este lugar urbano.

Podem ser destacados como os **objetivos gerais** da pesquisa:

¹ Embora tenha havido a participação posterior dos irmãos Roberto com o projeto do edifício maior, sua intervenção não alterou a configuração urbanística determinada pelo plano de Lúcio Costa.

- Estudar as relações entre conceitos, projetos e resultados finais na construção de uma área urbana de reconhecida qualidade e identidade própria.
- Contribuir com os estudos sobre a construção do sentido de lugar.
- Contribuir com a identificação de diretrizes e princípios norteadores para o projeto urbano e a construção do lugar, em ambientes residenciais.

Podemos relacionar como **objetivos específicos** pertinentes ao estudo de caso:

- Descrever a evolução histórica do parque desde a construção do Palácio Laranjeiras até o momento atual.
- Identificar os elementos, características tipológicas e modelos referenciais, assim como do projeto urbanístico do Parque Guinle considerando sua inserção no tecido urbano e relacionamento com o entorno.
- Compreender o processo projetual urbanístico e arquitetônico e seus impactos sobre o cotidiano da população moradora e usuária;
- Determinar a percepção e a cognição dos habitantes e usuários sobre a imagem do parque, através de entrevistas e da observação direta;
- Verificar a existência de um sentido de lugar, de identidade e significado, junto à população local.

Sobre a Metodologia

Conhecer os lugares que mais satisfazem aos moradores, visitantes e usuários e tornar mensuráveis suas qualidades pode ser considerado o primeiro passo para que se possa aprimorar o desenho do ambiente construído desde as primeiras fases do processo projetual.

Esta pesquisa e a análise do caso específico do Parque Guinle, permitiu uma melhor compreensão dos conceitos e preceitos do estilo modernista e o modo como estes compreendiam a qualidade urbana e pretendiam gerar um novo lugar. Para verificar as qualidades e limitações deste complexo residencial, tivemos como base fundamental as teorias do lugar e, como base metodológica, a obra de Lynch sobre a boa forma urbana, que propõe qualidades espaciais mensuráveis pelos usos de seus diversos universos sociais, o que faz com que a avaliação evite modelos ou índices de qualidade pré-determinados. A qualidade que percebemos em uma área urbana e o seu reconhecimento como um “lugar” específico possui relações com o projeto original, relações estas que podem haver sido intencionais, previstas originalmente ou não, ou

apenas fruto do próprio desenvolvimento psico-sócio-cultural dos grupos de usuários daquela área. Entendemos que a definição do sentido de lugar, conceito amplamente estudado por Yi-fu Tuan e incorporado na obra de Kevin Lynch, é um dos principais fatores geradores da satisfação e da atração de um local e é neste contexto que buscamos compreender o projeto original e seu método e tornar mensuráveis suas qualidades.

A estruturação metodológica e de processos de projeto arquitetônicos e de desenho urbano vem se mostrando como um aspecto fundamental na avaliação pré-projeto, gerando maior garantia de êxito no produto final. A busca pela qualidade neste novo milênio, utilizando-se critérios de avaliação diferenciados e teorias normativas de concepção urbana e de qualidade do ambiente construído pode nos ajudar a perseguir este objetivo maior. Assim, a aplicação do método de avaliação de Lynch em uma parcela da cidade e a comprovação direta das qualidades do lugar, poderá trazer novos conhecimentos a cerca dos métodos do processo projetual para a disciplina de desenho urbano e contribuir com a preservação do patrimônio cultural urbano-arquitetônico do Rio de Janeiro e na revitalização de áreas degradadas da cidade.

Sobre a organização do trabalho

O trabalho está dividido em três partes básicas. Na primeira parte, da **fundamentação teórica** (Capítulo 1), apresentamos um quadro teórico conceitual sobre a construção do lugar e sobre as dimensões para avaliação de desempenho de um lugar urbano (Lynch, 1981). A segunda parte, que insere-se como uma transição entre as partes da fundamentação teórica e da pesquisa de campo em si, apresenta os **métodos e instrumentos** aplicados na pesquisa (Capítulo 2), ou seja, a aplicação direta das dimensões de desempenho e quais e de que forma foram empregados os instrumentos e técnicas na avaliação do Parque Guinle. A terceira e última parte (Capítulo 3) trata da avaliação do Parque Guinle como estudo de caso e apresenta os resultados obtidos com a aplicação das técnicas e instrumentos de avaliação estudados e definidos nos capítulos anteriores.

1. PROJETO E CONSTRUÇÃO DO LUGAR

Nesta seção apresentaremos uma definição do conceito de *lugar*, através de um quadro teórico referencial, marco inicial na determinação de critérios para a avaliação e o dimensionamento de seus atributos fundamentais e de suas qualidades espaciais, formais, ambientais e cognitivas. Este quadro foi embasado na pesquisa “Qualidade do Lugar e Desenho do Ambiente” desenvolvido no PROARQ-UFRJ e sob a coordenação do Prof. Dr. Vicente del Rio e no estudo de caso de Fávero (2000).

As premissas para a análise e as conclusões sobre as relações entre a qualidade do lugar e o projeto inicial foram baseadas nas seguintes questões:

- a. O que constitui um *lugar*? Qual a diferença entre um lugar e um *local*?
- b. Qual é a importância do *lugar* para a vida humana, para a cultura e para as relações sociais?
- c. Quais são as dimensões e sensações que definem um *lugar* e sua identidade, tornando-o distinto de outros?
- d. Pode um bom projeto gerar um bom *lugar*?

O estudo e análise de conceitos e métodos relativos ao projeto e à avaliação da qualidade do lugar tiveram importante participação no embasamento teórico-conceitual desta pesquisa. Foram eles:

- Dimensões de desempenho: os conceitos de vitalidade, sentido, adequação, acesso e controle possibilitam a avaliação sistemática de um ambiente urbano, gerando conseqüentemente a boa forma urbana (Kevin Lynch, 1981)
- Percepção ambiental: “processo mental de interação do indivíduo com o meio ambiente através de mecanismos perceptivos... e cognitivos” (Del Rio, 1996:1)
- Visão serial: método de análise dos elementos estruturais do ambiente urbano através dos percursos perceptivos. (Cullen, 1974)
- Morfologia urbana: as relações morfológicas de um lugar e seu papel fundamental na compreensão de sua lógica estruturadora. (Del Rio, 1990)

1.1 Espaço ou Lugar?

“A totalidade do fato social... remete a duas outras totalidades: à soma das diversas instituições que entram em sua composição, mas também ao conjunto das diversas dimensões em relação às quais se define a individualidade de cada um daqueles que o vivem e dele participam. Lévi-Strauss... resumiu de maneira notável esse ponto de vista, sugerindo que o fato social total é, antes de tudo, o fato social totalmente percebido, isto é, o fato social em cuja interpretação está integrada a visão que pode ter dele qualquer indígena que o vive.” (Augé 2001: 48)

Como primeiro passo na busca por uma definição do conceito de lugar, procuramos determinar as relações e diferenças básicas entre os termos *espaço* e *lugar*, com base na bibliografia existente, principalmente nas áreas da geografia ambiental e humana e da fenomenologia, relacionada com o estudo e com a definição destes conceitos². Nosso estudo está embasado na análise dos conceitos de espaço e de sentido de lugar dos autores Yi-Fu Tuan, Milton Santos e Marc Augé.

Numa primeira abordagem, partimos do seguinte princípio: o *espaço* é geométrico, possui forma e dimensões definidas; o *lugar* é psicológico, sua percepção se dá através do sentimento. Para Marc Augé (2001: 55), entretanto, o *lugar antropológico* é, antes de mais nada, geométrico, sendo constituído basicamente por três formas espaciais simples, a linha, a interseção de linhas e o ponto de interseção. Tais formas podem ser traduzidas em itinerários, eixos ou caminhos que conduzem de um lugar a outro, e em cruzamentos e praças, os quais foram traçados pelos homens e nos quais eles se cruzam, se encontram e se relacionam. Fica definido assim um espaço e fronteiras, onde o homem adquire identidade perante outros homens, outros centros e outros espaços.

Assim, o *lugar antropológico* se torna “construção concreta e simbólica do espaço que não poderia dar conta, somente por ela, das vicissitudes e contradições da vida social, mas à qual se referem todos aqueles a quem ela designa um lugar, por mais humilde e modesto que seja” (Augé 2001: 51). O *lugar* é necessariamente histórico a partir do momento em que, conjugando identidade e relação, ele se define por uma estabilidade mínima. Aqueles que o habitam podem aí reconhecer marcos que não têm que ser objetos de conhecimento, mas sim princípio de sentido e, para quem o observa, princípio de inteligibilidade.

Para melhor compreender o sentido do termo *lugar*, remetemos ao conceito de Tuan (1983) onde o *espaço* transforma-se em *lugar* à medida que adquire definição e significado. No caso do ambiente construído pelo homem a grande diferença está na qualidade do conhecimento e envolve a consciência, a experiência e o esforço físico. De acordo com o autor, os espaços construídos pelo homem afetam seus habitantes, aperfeiçoam a sensação e a percepção humana, definem as funções e as relações sociais e 'ensinam' através de seus volumes e símbolos. Na discussão sobre espaço vivenciado, a introdução dos objetos e lugares – que não podem ser estéreis, nem podem estar desprovidos de toda a carga simbólica das experiências vividas – se torna necessária na definição deste espaço.

É a partir das experiências íntimas, difíceis de explicar por palavras, que o homem desenvolve uma apreensão simbólica e conceitual de sua existência. Os momentos íntimos experimentados o

² Vide Rypkema (1995), Gallagher (1993), Canter (1977) e Bachelard (1988).

tornam vulnerável, exposto ao risco do estímulo da nova experiência. Os lugares íntimos trazem segurança e suprem suas necessidades básicas existenciais e fundamentais. Com a presença das adversidades, tais lugares íntimos tornam-se ainda mais aconchegantes e acolhedores. As experiências íntimas resultam em uma afeição duradoura pelo lar.

Norberg-Shulz (1980), por sua vez, baseou-se em Heidegger e seu conceito de “habitar”, onde o lugar possui um caráter distinto para definir o que chamou de *espírito do lugar*. A orientação e a identificação do homem com o ambiente, assim como sua significação simbólica conferem caráter ao lugar, não apenas como simples abrigo, mas como base existencial. Ainda no sentido existencial, para o autor, habitar é o propósito da arquitetura, e depende da visualização, da complementação e da simbolização, que são aspectos do processo de assentamento. Seu propósito existencial é também fazer um espaço tornar-se um lugar, descobrir os significados potencialmente presentes, valorizar determinado sítio, trazer à luz seu caráter intrínseco. Norberg-Shulz propõe um estudo das relações etimológicas do termo habitar, concluindo que o mesmo deriva de pertencer, por sua vez, ligado a estar em paz, protegido.

Assim, o *espírito de um lugar* pode ser percebido como a qualidade expressiva de seu espaço e significa uma energia expressiva independente que evoca sentimentos e representações. Os lugares reúnem experiências e devem ser entendidos como unidades de experimentação.

Para o geógrafo Milton Santos (1996: 51) “o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”. Na dinâmica e na transformação do espaço estes dois sistemas interagem e se complementam. Em nossa compreensão simplista, o sistema de ações é representado pelo homem e sua atuação intencionada com um significado e com o sistema de objetos, em como os elementos são criados a partir dessas ações. O autor não determina uma diferenciação entre os termos *espaço* e *lugar*, utilizando-os alternadamente com o mesmo e único sentido. Isso fica claro quando afirma que “o espaço se impõe através das condições que ele oferece para a produção, para a circulação, para a residência, para a comunicação, para o exercício da política, para o exercício das crenças, para o lazer e como condição de viver bem” (Santos, 1996: 45).

Santos também revela uma necessária distinção epistemológica entre *paisagem* e *espaço*, argumentando que não são sinônimos. Entendemos aqui o termo por ele utilizado em paisagem como espaço, onde afirma que “a paisagem é o conjunto de formas que ... exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza” (Santos 1996: 83). Expressa normalmente como configuração territorial, a paisagem denota o conjunto de elementos naturais e artificiais característicos de uma área e tão somente a porção do território passível de

ser visualizada. Já espaço, aqui compreendido como lugar, engloba “essas formas mais a vida que as anima” (Santos 1996: 83). Sendo a paisagem (ou espaço em nossa definição) um sistema material e imutável, seu contraponto, ou seja, o espaço (ou lugar como aqui o designamos) é um sistema de valores em permanente transformação. A avaliação do espaço, como meio operacional, pode dar-se de maneira objetiva e, como meio percebido, de forma subjetiva, pois o mesmo espaço tanto atua como palco de operações individuais e coletivas, quanto como realidade percebida. Concordamos com o autor quando afirma que a produção da percepção do espaço e do tempo tem a participação das técnicas, tanto por sua existência física, quanto pelo seu imaginário, de forte base empírica.

1.2 Dimensões de Desempenho - Avaliando a Qualidade de um Lugar

As grandes cidades costumam oferecer aos seus habitantes os mais diversos palcos, onde acontecem as interações, as atividades sociais, profissionais ou de lazer. Nem sempre há, nestes lugares, adequação entre função e uso. As condições vitais destes ambientes comportamentais podem estar aquém das necessidades humanas, tornando-os insalubres e até perigosos. Seus habitantes se identificam e interagem com estes locais, dando-lhes ou não significado ou um sentido de lugar. O acesso entre os vários cenários ou às suas mais diversas opções, seja ele representado por meios de transporte ou acesso à informação, podem favorecer ou prejudicar seus usuários, pela carência ou pelo excesso. O controle de uso do espaço, seja ele físico ou psicológico, pode vir a provocar em seus usuários reações e sentimentos diferenciados, tais como: ansiedade, satisfação, orgulho ou submissão.

No parágrafo anterior estão resumidamente descritas as cinco *Dimensões de Desempenho* propostas por Kevin Lynch em *A Boa Forma da Cidade*³ como um instrumento de avaliação de um assentamento em seu sentido mais amplo, ou seja, da cidade como um todo. O autor propõe além das cinco dimensões básicas, *vitalidade, sentido, adequação, acesso e controle*, dois meta-critérios *eficiência e justiça*, os quais buscam discernir os aspectos hierárquicos e de equilíbrio interdimensionais. O desenvolvimento destas categorias de análise sem dúvida limitadas, porém genéricas, e que pudessem abarcar todos os aspectos possíveis e importantes da forma urbana, teve como objetivo principal lançar as fundações de uma teoria normativa sobre a boa forma das cidades, como alternativa às normas dogmáticas vigentes até então (Lynch, 1981).

Para o exercício de avaliação a que nos propomos, foi necessária a transposição destas categorias de análise para a escala menor de nosso objeto de estudo - o Conjunto Residencial do Parque

³ Lynch, Kevin. *A Theory of Good City Form*. Cambridge: MIT Press, 1981.

Guinle – o que demandou, a priori, a compreensão e a interpretação das dimensões básicas, com destaque das três primeiras: *vitalidade*, *sentido* e *adequação*, por conta da ênfase dada aos aspectos de cognição e comportamento ambiental.

1.2.1 Vitalidade

De acordo com o conceito de vitalidade, um ambiente que suporta, mantém e propicia um bom funcionamento e a perpetuação da vida pode ser considerado um bom ambiente. Segundo este conceito, três aspectos principais são definidos, relacionados diretamente à sobrevivência e à saúde das espécies, e determinam se um local é vital:

- *Sustentação*

Deverá haver suficientes fontes de subsistência, como água potável, alimento, energia, ar e formas adequadas de tratamento e eliminação de lixo e esgotos. O efeito das edificações e suas interferências nas questões de conforto térmico, ventilação, insolação; a ocupação do solo e sua densidade em relação àquelas fontes; o modo como a terra é cultivada e a vegetação preservada, são considerações importantes deste aspecto.

- *Segurança*

O ambiente deverá ser seguro para a vida de sua população e os riscos de doenças e endemias, intoxicações por água ou outro agente qualquer e acidentes pessoais, controlados ou minimizados. Também a prevenção dos impactos dos fenômenos naturais ou das grandes fatalidades, como enchentes, terremotos, incêndio, são apenas alguns dos muitos aspectos a serem levados em conta.

- *Consonância*

O aspecto mais subjetivo do dimensionamento da vitalidade é a consonância do ambiente com a estrutura biológica básica do homem: sua temperatura corpórea, seu ritmo natural e suas reações sensoriais. Relações ergonômicas e acessibilidade favorecem o uso adequado do corpo e devem estar presentes para que haja saúde física, principalmente para o desenvolvimento normal das crianças.

Lynch (1981) questiona se um ambiente totalmente saudável e seguro seria desejável, e se um pouco de dor e sofrimento não seriam aspectos naturais e necessários no processo evolutivo, e conclui que a morte é um fato inevitável. Complementa com uma busca por níveis razoáveis de risco, e não sua ausência total: o homem testa suas próprias habilidades se arriscando e se divertindo com o perigo. A criança deve crescer em um ambiente que permita suas incursões ao

mundo exterior, experimentando novas possibilidades e estendendo cada vez mais seus limites. O conceito de vitalidade enfatiza a continuidade, proporcionando oportunidade para o desenvolvimento individual. Um critério pode ser estabelecido com base nos limites de tolerância e seu dimensionamento, as probabilidades de ocorrência de estresse, doença, falhas reprodutivas e morte.

Identificar um ambiente vital torna-se uma tarefa difícil no mundo de hoje, onde a diminuição de alimentos, os riscos de contaminação por radiação atômica, poluição do ar e dos mares podem atingir a todos indiscriminada e globalmente. Ou seja, "a vitalidade está perto de ser um bem público puro..., desde que saúde e sobrevivência são valores amplamente considerados, e ameaças à saúde são freqüentemente indiscriminadas em sua incidência" (Lynch, 1991: 125).

Um ambiente urbano positivamente vital pode estar interferindo negativamente em outro ou outros, como, por exemplo, pelos despejos lançados num rio que abastece outros locais; ou nas monoculturas que determinam mundialmente os preços dos alimentos; ou na produção de energia monopolizada por algumas nações em detrimento de outras menos favorecidas. Como conseqüência, vem sendo reconsiderado o valor da autonomia local a respeito dos recursos básicos.

Nem sempre se pode avaliar os riscos de uma guerra nuclear ou bacteriológica, onde não há defesa aparente para suas armas invisíveis e seus efeitos altamente destruidores. Tivemos um claro exemplo disso, com os recentes atentados ao World Trade Center e ao Pentágono, ocorridos em Nova York e Washington, cuja imprevisibilidade assustou o mundo. Tais fatores dificultam e até impossibilitam uma avaliação correta e conseqüentemente um bom planejamento.

1.2.2 Sentido

A relação entre a forma do ambiente e os processos humanos de percepção e cognição, ou seja a interação entre pessoas e lugares, define o conceito de *sentido*. Esta definição pode ser complementada pela forma de apreensão e identificação de um ambiente urbano; por sua ligação através de uma representação mental coerente, temporal e espacial, a outros eventos e lugares; e pelo modo como sua representação pode ser ligada a conceitos e valores não espaciais.

O *sentido* deve ser analisado em aspectos formais que ajudam no reconhecimento e padronização da dimensão espaço-temporal:

- *Identidade*: É o reconhecimento ou recordação de um local de modo distinto de outros, como se tivesse um caráter único, particular - uma forma especial. A identidade do lugar relaciona-

se intimamente com a identidade pessoal, assim como a intensa familiaridade cria um *sentido de lugar*. Também os eventos e as celebrações reforçam sua identidade.⁴

- *Estrutura formal* – Trata da forma como as partes se ajustam ao todo num pequeno local e do sentido de orientação em um grande aglomerado urbano. A orientação é elemento fundamental da estrutura, pois gera sentimentos de confusão e medo, sendo pobre e, ao contrário, sentimentos de prazer e segurança. Ou seja, a forma do ambiente se conecta com níveis psicológicos profundos e subjetivos. Diferentes pessoas, assim como diferentes culturas têm formas também diferenciadas de estabelecer a estrutura formal de um local. Cada cultura desenvolveu sistemas de orientação que facilitam o desenvolvimento de uma boa imagem ambiental. Se o sistema é fraco, a construção da imagem torna-se difícil e o homem se sente perdido. A investigação da imagística mental está baseada na teoria que relaciona o ambiente físico externo e sua representação na mente captada através da percepção, cujo principal fundamento teórico foi definido em *A imagem da cidade* por Lynch (1960), primeiro autor a estudar essas representações mentais levando-se em conta a visão não técnica dos usuários. Qualidade ambiental denominada *imageabilidade*, os elementos constituintes da estrutura espacial de um ambiente urbano e formadores dos *mapas mentais* são concretos, com caráter e significado. São eles: *percursos*, *setores*, *limites*, *marcos e nós* (Lynch, 1960). Complementamos o significado de *mapas mentais* conforme denominado por Gould e White (in: Amorim Filho, 1999: 141) como “as representações geográficas armazenadas no espírito humano e as imagens que os homens constroem dos lugares, paisagens e regiões do mundo”. A seguir, descrevemos, resumidamente, aqueles elementos:
 - *percursos*: espaços lineares, vias do sistema cinemático, canais ao longo dos quais o observador se movimenta, não necessariamente as vias de tráfego veicular;
 - *setores*: partes da cidade com formas e funções facilmente identificáveis pelo observador por possuírem limites e identidade bem definidos, não necessariamente correspondentes aos “bairros”;
 - *limites*: elementos lineares não utilizáveis como percursos que articulam a demarcação de um setor ou parte do tecido urbano conhecido pelo observador, tais como morros, rios, linhas férreas etc;
 - *marcos*: referenciais pontuais – objetos naturais ou artificiais, que podem ser vistos à distância ou de inúmeros pontos de vista e que possuem algum significado simbólico.

⁴ Fizemos um desenvolvimento mais elaborado na análise e conceituação do termo *lugar*, relacionado diretamente a este aspecto no Capítulo 1 (vide item 1.2 *Espaço ou Lugar?*)

- *nós*: cruzamentos ou pontos estratégicos ou centros de atividades nos quais o observador pode penetrar, que configuram áreas de interesse funcional, espacial e formal;

A técnica de visão serial pode ser utilizada, como forma auxiliar para a análise destes elementos físicos estruturais em relação a um ambiente urbano, dentro do conceito de *townscape*, desenvolvido por Gordon Cullen (1996).

A análise da paisagem local com a utilização desta técnica demanda a captação de imagens fotográficas ou elaboração de croquis de alcance dos campos visuais pelos percursos mais usuais dos pedestres. Assim, podem ser reveladas, numa sequência de pontos de vista, uma sucessão de surpresas ou revelações súbitas que estimulam o cérebro humano, ou seja, os “elementos da cidade que exercem sobre as pessoas um impacto de ordem emocional” (Cullen, 1996: 11). Assim, tivemos um campo fértil a examinar no estudo do Parque Guinle e na análise de sua imagem sobre a população.

Outros aspectos conectam a forma do ambiente às características pessoais dos indivíduos:

- *Congruência* - "A relação puramente formal da estrutura ambiental com a estrutura não-espacial" (Lynch, 1981: 138). Mede o grau com que a forma abstrata de um lugar se combina com a forma abstrata de suas funções, ou com as características sócio-culturais de sua população. O próprio autor considera este um assunto complexo pois é o campo perceptual de um ambiente significativo. Buscamos elaborar uma maior definição deste aspecto, com embasamento nos autores que desenvolveram estudos recentes no campo da percepção ambiental.

A percepção de um ambiente se dá através dos *mecanismos perceptivos*, ou seja, estímulos externos captados pelos cinco sentidos básicos, sendo a visão o mais destacado (Gibson, 1966), e *mecanismos cognitivos*, gerando um processo mental de interação do indivíduo com o meio ambiente. Os *mecanismos cognitivos* são

“aqueles que compreendem a contribuição da inteligência, uma vez admitindo-se que a mente não funciona apenas a partir dos sentidos e nem recebe essas sensações passivamente; existem contribuições ativas do sujeito ao processo perceptivo desde a motivação à decisão e conduta” (Del Rio, 1999: 3).

Canter (1977: 8) conceitua *cognição* como sendo “gerada por processos mentais específicos de categorização, organização e reconhecimento dos estímulos sensoriais”. A existência de filtros sócio-culturais, categorias e sistemas resultantes do processo de socialização do indivíduo, e a filtros psicológicos, dependentes do sistema interpretativo pessoal, de valores e

expectativas de cada pessoa. A importância de tais filtros no processo cognitivo é justamente a que define a diferença entre “mundo real” e “mundo percebido”. Todos os fatores psicológicos afetam o comportamento (conduta) e incluem percepções, imagens, memórias, preferências, atitudes, etc.

Há ainda a contribuição de diversos autores que vêm trabalhando com cognição que consideram a percepção um processo de interação entre o homem (através dos sentidos) e o ambiente, e não uma simples captação de estímulos externos. Podemos citar como exemplo a metáfora sobre a doçura do açúcar: ela não é uma propriedade nem de nosso paladar, nem do açúcar: ela somente acontece e se justifica na interação entre o açúcar e o paladar (Laing, in: Capra, 1991). Para Damasio (1996), a percepção não está ligada apenas a recepção de estímulos ou imagens pelo cérebro. Todo o corpo, que não é passivo, se altera ativamente para captar adequadamente os sentidos e obter a melhor interface possível, as pupilas dilatam, os poros se dilatam, as narinas se abrem. Ou seja, tanto o corpo quanto o cérebro participam na interação com o meio ambiente, “é necessário sentir o meio ambiente para que se possam formular respostas adequadas ao que foi sentido. A percepção é tanto atuar sobre o meio ambiente como dele receber sinais.” (Damasio, 1996: 256)

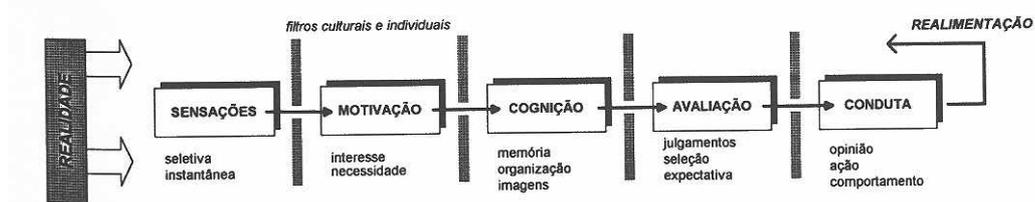


Figura 2 - Esquema teórico do processo perceptivo (in del Rio, 1999)

- *Transparência* - Refere-se ao grau com que cada indivíduo compreende a operação das várias funções técnicas, atividades e processos sociais e naturais que acontecem no seio de um aglomerado populacional. As funções imediatamente percebidas por nossos sentidos ajudam-nos a entender o mundo. Podem, por outro lado, provocar confusão e aborrecimento quando há perda de privacidade e controle. Estes argumentos levam o próprio autor a questionar se a transparência total de um ambiente deve ser premissa de um bom planejamento.
- *Legibilidade* - "Capacidade de comunicação de um determinado aglomerado populacional de comunicar-se com seus usuários através de suas características físicas simbólicas" (Lynch, 1981: 139). São meios de comunicação do ambiente, símbolos implícitos e/ou explícitos, tais como: bandeiras, sinais, cruzeiros, imagens, colunas, pontes, cercas rústicas, logomarcas,

placas, entre outros. Também a forma dos edifícios pode informar sobre sua identidade, ainda que sua compreensão possa estar limitada a um significado localizado cultural e socialmente.

Os três componentes do Sentido acima relacionados são específicos e descrevem o ambiente através de suas relações formais com valores e conceitos não-espaciais. Enquanto identidade e legibilidade são seus componentes formais, existe um outro aspecto ainda mais complexo e difícil de dimensionar: o significado simbólico de um lugar, seu significado sistêmico, de unicidade ecológica. Conforme Capra (1991: 89) há uma profunda ligação entre ecologia e espiritualidade em sua essência mais profunda, sendo a “consciência ecológica o reconhecimento intuitivo da interdependência das múltiplas manifestações vitais e de seus ciclos de mudança e transformação”. As cidades do passado eram concebidas como uma representação simbólica ou cosmogênica. Esta é uma questão polêmica no planejamento, ainda que possam ser feitas as conexões simbólicas entre o ambiente do indivíduo e suas crenças.

Segundo Lynch: "um bom lugar é aquele que, de algum modo apropriado ao indivíduo e sua cultura, o torna consciente de sua comunidade, seu passado, ao enredo de vida e o universo de tempo e espaço que os contém" (Lynch, 1981: 142). O autor também observa que existem limites onde os indivíduos deixam de querer compartilhar seus assuntos pessoais, que devem ser respeitados, e que o ambiente deve permitir um desdobramento na criação do significado à medida da experimentação pessoal.

As qualidades acima descritas estão relacionadas aos sentidos inerentes ao homem e sua cultura e na análise ou no planejamento de um ambiente o fator humano deverá ter sua importância devidamente resguardada.

Por se tratar de uma dimensão cuja avaliação mostrou-se complexa e subjetiva, em nosso estudo de caso procuramos analisar seus vários aspectos visuais, perceptivos e cognitivos, considerando duas visões: a do usuário (o morador, o visitante ou o trabalhador do lugar) e a do especialista (o pesquisador). Desta forma, foi possível cruzar as análises dos dados e as informações coletadas com seus resultados através das duas visões diferenciadas, bem como confirmar suas semelhanças ou levantar suas contradições. A primeira foi obtida através de entrevistas com questionários sistematizados e de mapas mentais realizados pelo próprio usuário. Para a visão do especialista, fizemos a análise das estruturas formais do Parque Guinle através do emprego da técnica de visão serial e da análise da observação direta. A metodologia, assim como os instrumentos e técnicas empregados na pesquisa de campo estão pormenorizados e analisados no Capítulo 2 – Métodos e Instrumentos Utilizados.

1.2.3 Adequação

"O grau em que a forma e a capacidade dos espaços, canais e equipamentos de um ambiente urbano, correspondem ao padrão e às ações em que as pessoas normalmente se envolvem, ou desejam envolver-se – ou seja, a adequabilidade dos cenários comportamentais, incluindo sua adaptabilidade a ações futuras" (Lynch, 1981: 118).⁵

Representada como uma dimensão básica, a adequação de um determinado conjunto ou grupo de indivíduos está fortemente relacionada com o seu padrão de espaço e de tempo e com o modo como ele corresponde ao comportamento habitual dos seus usuários. Desta maneira, a relação ação-forma corresponde a um determinado cenário comportamental e ao seu circuito de comportamento: os locais são modificados para se adequarem a comportamentos e os comportamentos modificam-se para se adequarem ao local. Seria o processo recorrente ou “movimento de retroatividade” inerente à relação entre todo e partes (Morin, 1996: 260) que gera um circuito do tipo uno \Leftrightarrow diverso onde a diversidade organiza a unidade que organiza a diversidade.

O termo adequação possui uma certa relação com palavras tais como: *conforto*, *satisfação* e *eficácia*, que nem sempre mantêm o mesmo significado e que variam de acordo com as expectativas. Neste aspecto, um lugar confortável pode não ser saudável. Um local que funciona bem é menos notado que um que funciona mal. Por outro lado, quando um local é adequado à sua função deixa óbvio um sentido de competência.

O aspecto funcional é o fator que tem como objetivo satisfazer às formas comuns e públicas de comportamento. A forma mais elementar de adequação é a quantitativa, ou seja, se a área, ou o número de cômodos, ou a altura, é/são suficiente(s) para determinada ação. Entretanto a forma quantitativa é frequentemente negligenciada e os aspectos subjetivos e imprecisos da adequação comportamental tornam-se de extrema importância no seu dimensionamento. Segundo Lynch esses aspectos podem ser observados de duas formas:

- Observando a ação das pessoas num local para verificar como suas ações públicas correspondem às características do local.
- Entrevistando os próprios usuários, cujo sentido de ajuste a um local é a medida final da sua adequação.

A adequação tem a ver com o local e com o comportamento real ou, quando muito, com o comportamento conscientemente desejado. Até mesmo o desejo consciente pouco consegue prever

⁵ Tradução livre da autora.

acerca da satisfação futura, a não ser através de experiência anterior já vivenciada. Está relacionada ainda à adaptabilidade e à sobrevivência, dado que o homem tem a capacidade de adaptação a qualquer meio desde que mantidas as condições básicas de suprimento de ar, água e alimento.

No programa e planejamento de uma área urbana deverão estar contidos o conjunto de comportamentos desejados e as qualidades espaciais a eles apropriadas, e não somente as quantidades de áreas e os espaços pretendidos. A acomodação mútua de espaço e ação deve ser enfatizada. O ambiente deve ser manipulável e flexível e prever possibilidades de transformação para as evolução e mudanças naturais do homem, apesar deste ser um critério enigmático de difícil previsão. Nem sempre o local vai estar adequado a funções ou intenções de usos em que ocorram conflitos entre si, como uma pequena cidade interiorana que se torna ponto turístico no verão, ou uma rua bucólica onde, uma vez por semana, instala-se uma feira livre. Neste caso, Lynch propõe no planejamento uma territorialização do espaço que permita a troca de usos e regras de tolerância.

Para a avaliação desta dimensão no estudo do Parque Guinle, utilizamos a técnica de *observação sistemática participativa marginal* (Zeisel, 1981), assim como questões fechadas inseridas nos questionários. A intenção é coletar dados qualitativos sobre a congruência entre o lugar e as funções ali realizadas tanto no que concerne ao ambiente privado, quanto ao público e coletivo. Foi dada ênfase nas observações realizadas à conduta do usuário em relação ao ambiente, ou seja ao comportamento ambiental, e o método empregado encontra-se melhor detalhado no próximo capítulo.

1.2.4 Acesso, Controle, Eficiência e Justiça

Reiteramos aqui a ênfase dada aos aspectos perceptivos e cognitivos de nossa pesquisa. Por entendermos que as três primeiras dimensões apresentadas estão relacionadas diretamente a estes aspectos, apresentamos a seguir de forma breve e sintética as outras dimensões da teoria de Lynch sobre a boa forma urbana, apenas como complementação do nosso estudo.

- *Acesso* - Dentre as dimensões de desempenho elaboradas por Lynch, o acesso tem no transporte e na comunicação seus principais aspectos. A análise do acesso tem utilidade fundamental para estudos de igualdade social, da economia regional e para estudos de qualidade da aglomeração urbana. As três categorias de análise desta dimensão são *diversidade* de meios e alcances, *igualdade* para a população e *controle* do sistema, e sua distribuição, nem sempre possui um caráter igualitário e socialmente justo. Sua diversidade

implica em uma gama total de coisas acessíveis e quanto maior a variedade entre os meios disponíveis aos palcos comportamentais, onde os indivíduos encontram o que desejam ou suas afinidades, maior é sua eficácia. Por outro lado, dentre as dificuldades em seu dimensionamento, esta diversidade, quando excessiva, pode gerar dificuldades de escolhas e causar estresse quando ilimitada. Conhecer o nível de escolha que as pessoas desejam ou toleram é um critério de medição do uso desta diversidade.

- *Controle* - O espaço e o comportamento encontram-se intimamente relacionados e o uso do território serve para promover as trocas pessoais, além de garantir os direitos aos recursos disponíveis. Há um forte componente psicológico nas relações espaciais e podem gerar sentimentos diferenciados como submissão, ansiedade, satisfação ou orgulho. O controle do espaço está formalmente ligado às questões de direito de propriedade, e informalmente ao direito de circulação, presença ou exclusão, e de ação ou utilização, com apropriação ou não do território. Estas formas de direito têm variações conforme os costumes e a cultura da população. O controle espacial é favorecido quando feito através de meios físicos, com a demarcação de limites através de cercas, muros, sinais e marcos no terreno, e o aumento da visibilidade no espaço. Deve ser exercido de forma não excessiva, ou aliado a pressões políticas, com o risco de gerar um processo de opressão, resguardando o indivíduo ou grupo de indivíduos, sem contudo tirar-lhes a liberdade.

As formas de análise desta dimensão devem identificar os sistemas de comunicação e os cenários comportamentais do lugar em estudo, assim como observar os grupos sociais em relação a espaços que eles realmente controlam e a que podem ter acesso. Indagamos se o controle espacial passa pela questão da segurança. Ou seja, se o controle é exercido também como uma forma de manter, guardar, proteger o patrimônio e os bens materiais, além da própria segurança pessoal e integridade física. Assim, ousamos incluir mais este aspecto ao conceito.

As cinco dimensões de desempenho (vitalidade, sentido, adequação, acesso e controle) apresentam uma grande interdependência, o que torna sua análise bastante complexa. Outra questão é a relação dessas dimensões com as variações culturais que irão valorizar esses aspectos de forma diferenciada. Para se estabelecer um equilíbrio relacionado aos ganhos e perdas obtidos referentes às cinco dimensões descritas Lynch propõe dois meta-critérios, *eficiência* e *justiça*. Enquanto eficiência trata de como custos e benefícios são distribuídos entre os diversos tipos de valor, justiça é a maneira como custos e benefícios são distribuídos entre pessoas. Os conflitos inter-dimensionais poderão ser resolvidos ou atenuados com a aplicação destes dois meta-critérios.

1.2.5 A Boa Forma Urbana na Construção do Lugar

Consideramos válidas e procedentes as teorias apresentadas nas seções anteriores sobre a construção do lugar e as qualidades advindas da boa forma urbana para este processo. Ou seja, através de uma boa forma urbana – e de um bom projeto que leva em conta tais qualidades ambientais – está se construindo um lugar cuja essência e qualidades intrínsecas serão posteriormente reconhecidos pelos seus moradores e usuários em geral.

Nas palavras de Lynch (1981: 235), “a boa forma urbana é uma cidade que seja vital, sensível, adequada, acessível e bem controlada, o que se consegue com justiça e eficiência. Em termos gerais, um lugar contínuo, bem conectado, aberto e que contribua para o desenvolvimento”. Em todos os critérios de dimensionamento do desempenho da forma urbana apresentados por Lynch, fica sempre demonstrado seu alto grau de complexidade e ambigüidade. No planejamento de um assentamento, seja em larga ou pequena escala, esta complexidade está presente no próprio fator preponderante a ser considerado: o homem. No relacionamento pessoal, nas características sociais, religiosas e culturais, nas inseguranças, incertezas, desejos, conflitos e dificuldades, o homem representa o papel principal no processo de planejamento e é para ele e tudo o que a ele está relacionado, que são criados os palcos comportamentais e os ambientes construídos.

2. MÉTODOS E INSTRUMENTOS DA PESQUISA

Nesta seção encontram-se expostos os passos metodológicos da pesquisa realizada sobre o Parque Guinle. O processo de avaliação de nosso objeto de estudo foi estruturado obedecendo uma ordem de procedimentos e ações de modo a inserir-se na pesquisa maior *Qualidade do Lugar e Desenho do Ambiente*, já mencionada, e já aplicados em um primeiro estudo de caso (Fávero, 2000).⁶

Entretanto, conjuntamente com o orientador, entendendo que os resultados da pesquisa maior podem e devem influenciar e refinar o desenvolvimento dos estudos de caso, consideramos necessário ampliar o foco da pesquisa de campo, descrita detalhadamente no Capítulo 3, incluindo outro ponto de vista além da visão e da opinião não técnica do usuário do parque, os quais categorizamos como *moradores, trabalhadores e visitantes*⁷. Optamos por analisar também a visão do especialista/pesquisador, i.e., a própria autora deste trabalho, com a utilização das técnicas de visão serial e da observação direta sistemática para avaliação do comportamento ambiental no Parque Guinle.

2.1 Reconhecendo o Lugar

Como primeiro e fundamental passo neste processo de avaliação do Parque Guinle enquanto um *lugar* urbano, tornou-se necessário identificar as forças estruturantes da sua realidade: aprender sobre o lugar, conhecer suas características formais e identificar suas particularidades físicas e contextuais.

Para cumprir esta etapa inicial, foi realizado um minucioso levantamento de fontes secundárias – da informação catalogada sobre o assunto, além de extensa pesquisa bibliográfica – para a obtenção de dados históricos desde sua ocupação inicial e posterior evolução urbana, possibilitando uma revisão e um reconhecimento deste ambiente urbano. O levantamento também considerou a coleta de informações existentes sobre o espaço construído e sobre o acervo projetual dos edifícios pertencentes ao conjunto, mais especificamente, dos projetos de Lúcio Costa e dos irmãos Roberto, assim como sua inserção no tecido da cidade.

⁶ Pesquisa *Qualidade do Lugar e Desenho do Ambiente* (CNPq-PROARQ, FAU/UFRJ) coordenada pelo Professor Vicente del Rio.

⁷ Para a descrição pormenorizada destas categorias ver item 2.2.2 Avaliação do sentido.

Contamos, nesta fase de conhecimento e caracterização da área, com os depoimentos de duas personalidades relacionadas com a obra de Lúcio Costa: o Sr. Augusto Guimarães Filho, engenheiro, e que, de acordo com suas próprias palavras, “teve sua formação prática de arquiteto e urbanista devida ao Dr. Lúcio Costa”. Amigo pessoal de Costa e trabalhando diretamente com o renomado arquiteto, ele participou ativamente no desenvolvimento do projeto e na construção dos edifícios Nova Cintra e Bristol⁸. Outro importante depoimento, o do arquiteto Jorge Hue, morador do Edifício Bristol e profundo admirador e estudioso da obra de Lúcio Costa, enriqueceu nossa pesquisa com seus conhecimentos e informações sobre o tema.

Ainda no processo de conhecimento do lugar, a análise morfológica da área de abrangência do Parque Guinle – através de mapas figura-fundo, assim como o mapeamento de uso do solo, gabarito e malha viária – foi procedimento útil e indispensável para a identificação de elementos conformadores do tecido urbano. O mapeamento das relações morfológicas – domínios público, semi-público e privado, distâncias e acessibilidade, espaços construídos e espaços vazios – ao serem levantados e analisados (vide item 3.2.1 – *Aspectos físicos e Espaciais da Área*) trouxeram à luz a lógica estruturadora deste ambiente urbano e as transformações que ocorreram ao longo de seu processo evolutivo.

A partir do cumprimento da etapa de conhecimento do lugar, demos início a sua avaliação com base nos conceitos estabelecidos no quadro teórico e utilizando os métodos e técnicas apresentadas nos próximos segmentos.

2.2 O método de Avaliação das Dimensões de Desempenho

Na seqüência da pesquisa aplicamos os métodos de Lynch (1981) para análise e avaliação da área de abrangência do Parque Guinle. A partir da transposição das dimensões de desempenho, (vide item I.3 *Avaliando a Qualidade do Lugar – Dimensões de Desempenho*), utilizamos instrumentos e técnicas específicos para análise e avaliação de cada uma das dimensões contempladas nesta pesquisa.

Por se tratar de uma pesquisa com enfoque nos aspectos perceptivos e cognitivos oriundos da imagem da população sobre o Parque Guinle, torna-se necessário enfatizar que nas análises dos dados de cada etapa do processo prevaleceu sempre o critério de avaliação estritamente

⁸ Vide Anexo IV – Transcrição da Entrevista

qualitativo. Isto possibilitou uma melhor compreensão e uma avaliação coerente das características subjetivas e pessoais da percepção e cognição no lugar.

Ao optarmos pela avaliação de processos perceptivos e cognitivos, devemos ter em conta que toda percepção inclui julgamento, sendo definida pela visão (realidade), pelo conhecimento (experiência) e pelo que se espera (expectativas). Os estudos de percepção ambiental devem considerar variáveis amplas, o que torna a tarefa necessariamente complexa e obrigatoriamente abrangente. Isto não quer dizer que o que mais importa seja a quantidade de dados e informações coletados, sejam eles oriundos de fontes diretas ou de fontes indiretas. O que torna mais valiosa a pesquisa é justamente o critério **qualitativo**, ainda que para torná-la exequível tenham sido necessários estudos mais aprofundados de questões como a representatividade da amostragem e a validade para uma generalização. Além destes, a confiabilidade das respostas obtidas e dos instrumentos de medição, o formato ideal e o tempo de aplicação dos questionários, foram aspectos importantes considerados na operacionalização da pesquisa (Del Rio, 1996).

2.2.1 Avaliação da Vitalidade

Com relação ao Parque Guinle a avaliação da *vitalidade* e dos aspectos de sustentação, segurança e consonância do lugar, contou com a realização de levantamentos *in loco* de suas características físicas – condições de abastecimento dos meios de subsistência, ou seja, existência de sistema de água canalizada e de saneamento, proximidade com o mercado formal, condições de conforto, de insolação, de ventilação e ergonômicas – para determinar os aspectos formais de qualidade do lugar. Tais levantamentos feitos a partir de aferição *in loco*, e complementados com as informações obtidas nos mapeamentos de uso do solo, gabarito, arborização e malha viária, foram úteis na determinação dos aspectos formais de qualidade do lugar. Como o sítio encontra-se inserido numa cidade bem provida de meios de subsistência e farto mercado de serviços e produtos de toda ordem, demos ênfase aos aspectos de conforto ambiental, como a incidência solar e ventilação entre as edificações, de iluminação pública, as limitações de ruídos, assim como as condições de limpeza urbana e remoção de lixo.

As regras do bom planejamento urbano devem favorecer a criação de um microclima saudável e prazeroso. Assim, nossa pesquisa também analisou o papel do parque, sua arborização, sua ambiência e os benefícios ambientais gerados e as relações entre o sítio e seu entorno, assim como os efeitos e interferências entre ambos, na avaliação daquele aspecto.

2.2.2 Avaliação do Sentido

Tanto na avaliação da identidade e estrutura formal do espaço, que compõem os aspectos formais da dimensão *sentido*, quanto dos aspectos mais subjetivos de congruência, transparência e legibilidade do espaço, utilizamos um sistema de métodos múltiplos de pesquisa, tais como: visão serial, entrevistas sistematizadas e mapeamento cognitivo. Ou seja, foram aplicadas técnicas e instrumentos diferenciados e complementares, de modo que os dados aferidos pudessem ser confrontados e cruzados para a obtenção da maior credibilidade e coerência possíveis do resultado final.

Dentre os métodos utilizados, foi realizada a observação sistemática em campo para o estudo de comportamentos e ações e aplicação de entrevistas estruturadas e mapeamento cognitivo com os usuários do Parque Guinle, principais protagonistas daquele cenário urbano. Categorizamos os usuários em três grupos distintos de um total de 125 pessoas que formaram o universo da pesquisa:

- *Moradores* (34): habitantes dos edifícios inseridos no Parque, os blocos Bristol e Caledônia na rua Capitão César de Andrade, o Edifício Nova Cintra, de frente para a rua Gago Coutinho, e dos edifícios Guararapes, Dalton, Parque São Joaquim e Barão de São Clemente, que compõem um único bloco, na parte mais alta ao final da rua.
- *Visitantes* (46): usuários e freqüentadores do parque em geral, moradores das ruas próximas, moradores de outros bairros do Rio de Janeiro, turistas nacionais e estrangeiros.
- *Trabalhadores* (45): funcionários dos edifícios e do Palácio das Laranjeiras – domésticas, babás, entregadores, *office-boys*, garis, comerciantes locais, policiais e guardas civis, entre outros – mesmo que morando, por contingência do ofício, num dos edifícios do Parque.

Para transpormos a dificuldade intrínseca no estudo do significado do lugar, foram utilizadas também outras técnicas apropriadas – entrevistas informais e perguntas abertas - para aprofundar a compreensão das informações coletadas permitindo que os entrevistados transmitissem sua visão pessoal sobre o lugar e a relação com o ambiente urbano que habitam ou utilizam.

Questionários e Entrevistas

Para a análise das fontes diretas desta parte da pesquisa de campo e avaliação das questões referentes à dimensão sentido, um questionário foi elaborado (vide Anexo I) considerando os principais aspectos desta dimensão, principalmente que se refere ao modo que o ambiente urbano em estudo é percebido pela população usuária. Conforme já mencionado anteriormente, o principal critério de avaliação foi o qualitativo.

O questionário foi elaborado tendo como base o modelo indicado na pesquisa *Qualidade do Lugar e Desenho do Ambiente* e já utilizado por Fávero (2000). A estrutura principal do questionário foi preservada, assim como suas questões mais genéricas (vide Anexo II). Foram necessários, porém, pequenos ajustes nas perguntas em função das diferenças entre os dois estudos de caso. A importância de se preservar a similitude com o questionário-modelo se deve ao fato de que os resultados desta pesquisa, assim como os da supra mencionada, serão analisados comparativamente com os das outras áreas a serem avaliadas, que fazem parte da pesquisa maior sobre a qualidade do lugar e que serão a ela incorporados posteriormente.

Ao iniciarmos as entrevistas, aplicamos um pré-teste em cerca de dez usuários do Parque Guinle de modo a avaliar seu rendimento, tamanho do questionário, tempo de aplicação e compreensão do mesmo por parte dos entrevistados. Verificamos que algumas das questões do questionário não foram bem compreendidas ou geraram certa confusão nas respostas, gerando a necessidade de serem reformuladas.

Escolhemos como local de aplicação das entrevistas o interior do Parque – em diversos pontos, assim como em sua entrada principal – e a Rua Gago Coutinho, junto ao Portal, com abordagem direta aos passantes. Os horários das entrevistas foram aleatórios e variaram entre a manhã e à tarde, entre nove da manhã e dezoito horas, contemplando todos os dias úteis e também alguns finais de semana. A maior variação nos horários das entrevistas, permitiu-nos ampliar o universo da amostragem, não limitada somente a grupos específicos de usuários, ao contrário do levantamento sobre o comportamento ambiental realizado através de *observação participante marginal* (Zeisel, 1981), no qual os horários de observação obedeciam a uma rígida programação (vide item 2.2.3 – Avaliação da Adequação).

Dentre as dificuldades levantadas na aplicação das entrevistas, verificamos o visível constrangimento, por parte dos entrevistados, no momento da elaboração dos *mapas mentais* (última parte do questionário) em nossa presença, além de alguma dificuldade na abordagem de passantes apressados e com pouco tempo para responder perguntas de caráter subjetivo. Ainda assim, optamos por continuar sua aplicação pessoalmente, ainda que levasse mais tempo, pois numa primeira tentativa de aplicação sem a presença do entrevistador houve baixíssimo retorno

dos questionários deixados nas portarias dos edifícios para serem preenchidos durante o período inicial da pesquisa de campo. Entre quarenta formulários deixados nos escaninhos das portarias, apenas cinco retornaram devidamente preenchidos, tornando-se válidos para a pesquisa. Outros três voltaram com preenchimento incompleto ou não compreendido em toda sua essência.

Outra dificuldade levantada foi a realização das entrevistas no horário noturno, após as dezenove horas. Sua aplicação se tornou inviável tanto pela pouca iluminação nas vias, como pela baixa tolerância dos passantes a abordagens de estranhos, gerando insegurança tanto para os entrevistadores, quanto para os entrevistados.

O questionário está dividido em quatro grupos principais de perguntas, sendo que não há uma separação clara por grupos, estando as questões organizadas de forma aparentemente aleatória. Desta forma buscamos não direcionar ou induzir as respostas dos entrevistados. As perguntas dividem-se em “caracterização dos respondentes”, “impressões ambientais”, “imagens mentais” e “preferências e expectativas”.

O primeiro grupo – caracterização dos respondentes – compõe-se de perguntas diretas que situam e caracterizam informalmente os respondentes num primeiro momento da abordagem. Ao final do questionário os respondentes são caracterizados de modo formal com nome, idade, sexo, profissão, tempo e local de moradia e ocupação. Com a intenção de se obter as *imagens mentais* sobre o lugar, no segundo grupo existem perguntas abertas e de cunho subjetivo, como “o que acha deste lugar?” e “o que melhor representa para você o Parque Guinle?”, com pontuação por escala de valores.

O terceiro grupo busca criar um painel sobre as *impressões ambientais* dos respondentes em relação à sua própria avaliação do lugar. Finalmente, o quarto grupo de perguntas visa determinar as *preferências e expectativas* dos respondentes sobre o ambiente que habitam/usam. Nos dois últimos grupos as perguntas são de avaliação por escala de valores positivos e negativos.

Mapeamento Cognitivo

Para possibilitar uma melhor avaliação do aspecto de congruência da dimensão *sentido*, foi utilizado o conceito de *mapeamento cognitivo* (Lynch, 1960) e, junto à população usuária, foi aplicada a técnica de *sketch-map* – que consiste em solicitar aos entrevistados que façam representações gráficas, fruto da sua memória do ambiente em estudo – concomitantemente com a aplicação dos questionários. Através desta técnica, os profissionais envolvidos no campo projetual conseguem entender os espaços através da percepção dos usuários do ambiente urbano.

Ao observar os mapas e os elementos desenhados, seguindo a metodologia apresentada por Appleyard (1984), desenvolvemos uma tipologia de mapas cognitivos, a partir dos mais simples, com representações e símbolos mais abstratos, até os mais estruturados, representando símbolos mais icônicos, com maior semelhança com a realidade. Essas tipologias foram então cruzadas com dados relacionados a tempo de vivência, idade, sexo, local de moradia, de forma a apreender o quanto e como o ambiente afeta a cognição.

De forma a manter uma coerência entre os estudos de caso na pesquisa do PROARQ, foram adotados os mesmos parâmetros e critérios para classificação dos tipos básicos de mapas mentais, quais sejam:

- “Simbólico: compreende os desenhos constituídos apenas por uma imagem;
- Semi-estruturado: relativo aos desenhos que sugerem uma lógica operacional simples, no sentido de ser formada por poucos elementos, ou por apresentarem apenas um recorte da área.;
- Estruturado: compreende os desenhos nos quais foi possível observar um grau elevado de complexidade quanto à compreensão e estruturação do lugar.”(Fávero, 2000:12)

Outro dado de suma importância foi a identificação dos elementos formadores da imagem mental, de acordo com Lynch (1961)⁹ comuns nos mapas obtidos, a escala relativa de cada um, e até mesmo a ordem em que os desenhos foram elaborados, pois em teoria, os elementos que são desenhados primeiro são os mais significativos (del Rio 1991). As análises levaram em conta dados omitidos, precisão da representação, distorções entre os elementos representados e o conhecimento diferenciado do lugar.

Devido ao seu caráter basicamente qualitativo, a análise dos mapas mentais foi realizada com o cuidado de não generalizar os dados para além da amostra de entrevistados. Também houve a precaução de aliar aos resultados aferidos nos desenhos os outros métodos de inferência, tais como os relatos verbais e escritos dos questionários.

⁹ Os cinco elementos físicos estruturadores dos mapas mentais definidos por Lynch (1960) são: *nós, caminhos, limites, setores e marcos*.

Visão Serial

Finalmente, de modo a complementar a análise do sentido a partir da visão do especialista, foram analisados, de acordo com as teorias e métodos de análise visual do *townscape* de Cullen, (1996), os mesmos elementos componentes da legibilidade e estrutura formal do espaço, definidos como *nós, percursos, limites, setores e marcos* (Lynch, 1960) relacionados ao mapeamento cognitivo (vide item I.2.2. Sentido). Aqui foi aplicada a técnica de *visão serial*, que tem por propósito o registro fotográfico de imagens do lugar, de modo a configurar determinados percursos que identifiquem os elementos físicos estruturais através de croquis de observação. A visão serial foi útil na análise do Parque Guinle do ponto de vista do especialista pois possibilitou dimensionar o impacto visual do ambiente urbano sobre seus habitantes (Cullen, 1996).

A operacionalização do método teve como partida a escolha das rotas a serem percorridas. Como início do percurso, optamos pela Rua das Laranjeiras, rua pertencente ao tecido formal da cidade, subindo conforme seu fluxo em direção ao início da Rua Gago Coutinho. Esta escolha se deu em função de ser a Rua das Laranjeiras a mais importante do bairro e também por estar perpendicular à entrada principal do parque, criando um efeito de perspectiva já a partir desta rua. Foram feitos registros fotográficos a cada cem metros aproximadamente e algumas tomadas de detalhes significativos que chamaram à atenção durante o trajeto.

É importante salientar que os múltiplos estímulos imediatos percebidos *in loco* naquele ambiente urbano durante a realização do percurso sofreram também a influência dos valores mentais já adquiridos no longo estudo sobre o lugar. Para a avaliação perceptiva-cognitiva, foram atribuídos os mesmos critérios propostos por Cullen (1996) para análise da paisagem urbana. Entretanto, em nossa avaliação pessoal, a tentativa foi a de atribuir um sentido fenomenológico (Bachelard, 1988) de apreensão das imagens captadas e dos estímulos recebidos.

Para melhor compreendermos este sentido fenomenológico fizemos uma analogia da imagem poética definida por Bachelard (1988), e tomamos a liberdade de utilizar o momento da captação de uma imagem fotográfica, onde a luz impregna os sais de prata definindo a forma que se deseja posterizar. Esta luz incidente, num exato momento, cria a imagem única e especial. Ao pousar o olhar na imagem fotografada com ou sem conhecimento prévio de seu objeto, seja ele uma paisagem, um retrato ou apenas um borrão, ou mesmo sem o reconhecimento de algum vestígio, qualquer que seja, da existência do nosso ser, essa imagem única ganha um novo sentido. Passamos então a imaginar a cena subjetivamente, sensivelmente, desprendidamente. Aquele momento único torna-se eterno e ao mesmo tempo transcende sua contemporaneidade.

2.2.3 Avaliação da Adequação

A observação e o registro do *comportamento ambiental* no Parque Guinle foi uma das partes da pesquisa de campo mais importantes para medição da congruência do ambiente e de seus elementos. Ao serem relacionados aos comportamentos pessoais, auxiliaram na identificação de imagens, atributos reconhecidos, expectativas e condutas potenciais dos indivíduos, dos pares, dos pequenos grupos ou dos grandes grupos. Sua observação no ambiente físico, tanto externo, quanto interno, permitiu a “geração de dados sobre suas atividades, sobre as relações necessárias para seu suporte, sobre regularidades de conduta, sobre usos esperados, novos usos e maus usos de um lugar, e sobre oportunidades e limitações comportamentais que o ambiente proporciona” (Zeisel, 1981:111)¹⁰.

Foi utilizada a técnica de *observação sistemática participativa marginal*, além da inclusão de questões relativas ao tema nas entrevistas semi-estruturadas, com a intenção de coletar dados sobre como o ambiente atende às funções ali realizadas, tanto no que concerne ao ambiente privado, quanto ao público e coletivo. Na técnica de observação marginal o observador/pesquisador é apenas mais um membro sem importância no meio a ser pesquisado (Zeisel, 1981). A opção por esta técnica deveu-se ao fato de a pesquisa ter se realizado num parque público, em que pessoas de diferentes meios e origens normalmente freqüentam e transitam, e no qual nossa presença seria notada como um fato normal e cotidiano.

A observação direta de um ambiente lida com fenômenos também diretos, permitindo ao observador graduar sua presença ou participação no cenário de acordo com a intenção da pesquisa. Seu envolvimento ou empatia com o meio pesquisado pode vir a trazer benefícios ou, ao contrário, interferir negativamente, na coleta de dados e anotações, com sua visão pessoal e sentimental omitindo detalhes e aspectos específicos. Buscamos aqui, formular nossos sentimentos através de hipóteses passíveis de serem testadas. Quanto mais padronizadas e teoricamente fundamentadas, tanto mais fácil foi a sua avaliação e a comparação de resultados.

Estando em contato direto com o fenômeno, foi possível perceber sutilezas do comportamento não expressas através de entrevistas e questionários formais. Por ser dinâmico, o método permitiu ainda identificar padrões e desvios significativos de conduta, os efeitos das atividades entre si e as cadeias de reações.

¹⁰ Tradução livre da autora

Empregamos na observação do comportamento ambiental um critério mais rígido quanto aos horários programados para as anotações, do que o empregado nas entrevistas (vide item 2.2.2 - *Avaliação do Sentido*). Deste modo pudemos manter o enfoque da análise sob o mesmo grupo, ou grupos de usuários. Neste sentido, inicialmente, optamos por verificar quais eram os horários de maior afluência de público e de trânsito nas imediações do parque, verificação esta realizada à medida que aplicávamos as entrevistas aos passantes, na fase anterior da pesquisa.

2.2.4 Avaliação do Acesso e do Controle

O estudo desta dimensão se deu através dos seguintes mapeamentos:

- Estudo quantitativo com aplicação de questionários para determinar quem são os usuários potenciais do parque, de onde vêm, quando vêm, e com que finalidade.
- mapeamento do acesso geral existente – principais vias de entrada e saída, disponibilidade de meios de transporte e meios modais – e da permeabilidade física no lugar;
- identificação do potencial de acessibilidade ao meio físico do parque e das ruas do entorno – com indicação dos principais obstáculos, desníveis, dificuldades de circulação e a demarcação de rampas e outros dispositivos e facilidades que promovam acesso com igualdade e diversificado a todas as pessoas.
- os padrões de acesso mínimo a atividades e lugares básicos – escolas, mercados, serviços, espaços abertos – numa escala local pelas distâncias percorridas a pé;

O estudo do Controle foi realizado através da identificação dos palcos comportamentais típicos e dos sistemas de comunicação majoritários, mapeados com variações de escala e de tipos de controle, de graus de adequação e competência, de presença de conflitos ou mudanças, entre outros. Foi incluída no questionário a indagação sobre a necessidade ou desejo de um maior controle sobre o Parque Guinle com a instalação de guaritas ou seu gradeamento periférico.

3. AVALIAÇÃO DO PARQUE GUINLE

Neste capítulo iremos apresentar o processo de avaliação do Parque Guinle a partir da utilização dos conceitos levantados e analisados no quadro teórico - Capítulo I - e da aplicação dos métodos e instrumentos descritos no quadro metodológico - Capítulo II.

O primeiro passo desta avaliação foi situar e caracterizar o Parque Guinle no contexto do Bairro das Laranjeiras e da Cidade do Rio de Janeiro e conhecer sua evolução e desenvolvimento. Assim, uma breve descrição da história do bairro é apresentada desde o período colonial, quando houve o incremento de seu desenvolvimento urbanístico. A partir daí, a ênfase é dada na evolução histórica do Parque Guinle propriamente dito e suas três fases de desenvolvimento, com a descrição da morfologia e tipologias edilícia e dos modelos que inspiraram a concepção das edificações, com destaque para a obra realizada por Lúcio Costa.

Na segunda parte, desenvolvemos a Pesquisa de Campo, que envolveu levantamentos das características atuais do Parque e da área de abrangência, do perfil sócio-econômico da sua população e aplicação de instrumentos e técnicas para determinar a percepção e cognição no Parque Guinle. Na parte final do capítulo, apresentamos uma análise cruzada dos dados levantados e dos resultados da pesquisa.

3.1 Localização e Caracterização do Lugar

Próximo ao centro da Cidade do Rio de Janeiro, o Bairro das Laranjeiras abriga o Parque Guinle, um conjunto residencial multi-familiar de classe média situado junto ao parque público homônimo. Limitado pelos bairros Cosme Velho, Catete, Santa Tereza e Botafogo – IV Região Administrativa, o bairro possui uma topografia bastante acidentada e configura-se como um vale entre os morros da Formiga, São Judas Tadeu, do Chico e Nova Cintra, pelo lado norte, e a sul pelos morros do Silvestre, Inglês, Dona Marta e Mundo Novo. Ao longo do vale, o Rio Carioca, atualmente canalizado e subterrâneo, corre sob a rua das Laranjeiras.

O Parque Guinle possui características únicas de implantação e de urbanização em terreno em aclive e sua inserção urbana se dá em área densamente edificada. Entretanto, grande parte de sua área verde original mantém-se preservada, mesmo após a construção dos edifícios majoritariamente residenciais¹¹. Tais fatores agregaram qualidades ao lugar, hoje percebidas e

¹¹ Apesar de quase todos os edifícios voltados para o Parque Guinle serem residenciais, o Nova Caledônia, possui uso misto com comércio no nível da Rua Gago Coutinho.

usufruídas não somente por seus moradores, como também por seus vizinhos e freqüentadores, que o consideram uma das áreas verdes mais aprazíveis da cidade.

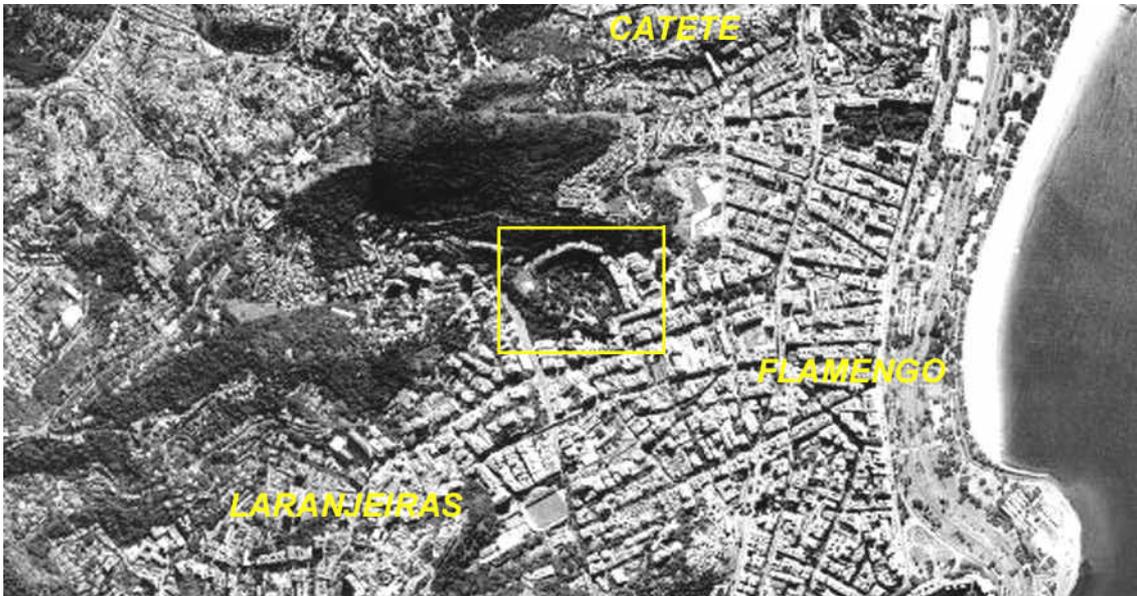


Figura 3 – Localização do Parque Guinle na zona sul do Rio de Janeiro (Foto aérea, IPLAN-RJ)



Figura 4 – Foto aérea com a demarcação do Parque Guinle (Foto aérea, IPLAN-RJ)

Três períodos distintos de ocupação marcam o conjunto arquitetônico e urbanístico do Parque Guinle. O primeiro estágio, de 1900 a 1940, está representado pela arquitetura eclética do Palácio das Laranjeiras, hoje residência oficial do Governador do Estado. Posteriormente, a afirmação do modernismo no Brasil nos anos 40, que emergiu em todos os campos das artes e das letras, e foi adotado como estilo único dos três edifícios residenciais projetados por Lúcio Costa, considerados pelo arquiteto o prenúncio das superquadras de Brasília. Nos anos 60, foram erigidos os seis blocos geminados do conjunto residencial projetado pelo escritório M.M.M. Roberto, seguido pelo surgimento da última edificação construída no Parque, um pequeno edifício de seis andares, inserido entre os dois conjuntos. Os três estágios de ocupação acima vieram a definir a configuração atual do lugar e serão descritos mais detalhadamente nas seções seguintes.

3.1.1 Breve histórico do Bairro

Nesta seção faremos um breve relato descritivo sobre a evolução histórica do Bairro das Laranjeiras. Utilizamos como fontes de consulta os textos de Brasil Gerson em *Histórias das Ruas do Rio* (1965) e de Paulo Berger em *Dicionário Histórico das Ruas do Rio de Janeiro. Da Glória ao Cosme Velho* (1989). Também como importante fonte de consulta, utilizamos o histórico do bairro elaborado por Fávero (2000), cuja pesquisa trata do mesmo bairro aqui estudado e que está diretamente relacionada à nossa pesquisa conforme já mencionado.

O processo de ocupação do bairro iniciou-se ainda no século XVI, com a política de sesmarias, onde as terras férteis eram oferecidas aos portugueses com condições materiais e humanas para cultivá-las. O Rio Carioca era de fonte de abastecimento para a cidade e também para os navios aportados na Baía, pela qualidade de sua água potável. Sua importância para a cidade pode ser medida pelo fato que passou a designar os que nela nasciam como "cariocas".

A partir do século XVII, as sesmarias foram transformando-se em chácaras pelos seus herdeiros que cultivavam hortaliças, frutas e arroz, além de fornecerem carvão e lenha provenientes das matas abundantes. A água também era comercializada e rendiam bons lucros aos "aguadeiros da Carioca". Tal comércio somente veio a diminuir com a construção do aqueduto, em 1750, levando as águas do Rio Carioca diretamente ao centro da cidade.

Os bairros ao longo do Rio Carioca começaram a adquirir uma identidade própria a partir do século XVII, principalmente a Glória, o Catete e, o interior do vale, Laranjeiras, cuja denominação deve-se às inúmeras plantações da fruta ao longo do rio. A especulação imobiliária das áreas mais próximas ao Centro fez com que as chácaras ali existentes fossem divididas em lotes e a atividade agrícola ia reduzindo-se progressivamente, sendo substituída inicialmente pelo uso residencial, principalmente para a classe de menor poder aquisitivo. O adensamento e o

crescimento do centro da cidade fez com que os proprietários das chácaras das Laranjeiras, que abrangia também o Cosme Velho, e de Botafogo e Santa Tereza, as transformassem em suas moradias definitivas, onde estariam mais protegidos dos inconvenientes das epidemias, mosquitos, falta de água e saneamento do centro. Isto promoveu estes bairros a áreas nobres, conferindo aos seus moradores símbolo de status.

O desenvolvimento da região provocou a poluição do Rio Carioca, assim como o desmatamento das margens do rio e das encostas dos morros ocasionaram desabamentos sobre seu leito, deixando inacessíveis muitos trechos da estrada de Laranjeiras. Assim, tornou-se contrastante a opulência das propriedades particulares e o aspecto deteriorado da estrada das Laranjeiras e do Rio Carioca.

Com a chegada da Família Real de Portugal, o Bairro das Laranjeiras sofreu o primeiro fracionamento, justamente na chácara adquirida pela princesa Carlota Joaquina, o que correspondeu ao primeiro loteamento de Laranjeiras. O contínuo e acelerado processo de desmembramento das chácaras remanescentes em lotes, foi transformando a configuração do bairro com a abertura de várias novas ruas, dentre elas a Pereira da Silva e Gago Coutinho. No final do século XIX já havia vinte e três novos logradouros no bairro.

A implantação dos transportes coletivos no bairro deu-se com a inauguração dos carris de tração animal em 1868 e posteriormente com os bondes elétricos, em 1984, o que veio a contribuir significativamente com a consolidação do bairro. A proximidade com o centro, a facilidade de transportes coletivos e a concentração de renda no Rio de Janeiro, gerada pela produção cafeeira, contribuíram com a ocupação de uso predominantemente residencial no bairro, aliada a pequenas atividades de prestação de serviços e comércio local.

A mudança da composição sócio-cultural deu-se com a instalação da primeira indústria no bairro, a Companhia de Tecidos e Fiação Aliança, atraindo uma população de menor poder aquisitivo, operários e imigrantes, que foram ocupando as novas casas e vilas operárias construídas próximas à fábrica. O perfil aristocrático foi alterado, passando a ser também operário. Porém sua fisionomia residencial não foi tão influenciada, pois a fábrica estava localizada no interior do bairro, onde hoje se encontra a rua General Glicério.

A primeira grande intervenção urbanística ocorreu no início do século XX, com o Prefeito Pereira Passos. Inspirado nos centros urbanos europeus, saneou e canalizou o Rio Carioca em galerias subterrâneas, urbanizou a Praça São Salvador, arborizou e pavimentou com asfalto diversos logradouros e implantou o sistema de energia elétrica em Laranjeiras.

Posteriormente, com intenção de interligar as zonas norte e sul e o bairro a outros pontos, foram realizadas novas intervenções viárias, ocasionando uma drástica mudança no perfil, até então, bucólico e pitoresco dos bairros de Laranjeiras e Cosme Velho. Inicialmente foi construído o túnel para o Rio Comprido, pela Rua Alice e feita a ligação a Botafogo pela rua Farani, a duplicação da rua Pinheiro Machado e, finalmente, inaugurado, em 1963, o túnel Santa Bárbara, criando a primeira grande ligação das zonas norte e sul da cidade. Em 1965, o projeto do túnel Rebouças, com acesso à zona sul pelo Cosme Velho, voltou a ampliar o fluxo de veículos pelos bairros. A construção, em 1982, da via Paralela pelas ruas Ipiranga e Soares Cabral, vieram a descaracterizar e comprometer ainda mais o bairro com a demolição de várias vilas e casario existente para sua implantação. Com as facilidades de acesso e a legislação urbanística incentivando a verticalização, os especuladores imobiliários destruíram várias construções históricas, construindo em seu lugar espigões e alterando definitivamente a configuração do bairro. Apesar de todas estas intervenções terem gerado uma mudança na sua ambiência, não provocaram sua total degradação.

3.1.2 As Origens do Parque e do Palácio

O antigo Morro do Mato do Balaio, nome original do Morro de Nova Cintra, abrigava uma grande chácara pertencente à família de um religioso franciscano. Este tipo de partição de terras era muito comum no Brasil e praticamente toda a capital da colônia era assim dividida nas áreas não urbanizadas. Com a intensificação da ocupação do caminho das Laranjeiras, freqüentemente utilizada pela família real portuguesa, as terras foram vendidas a Domingos Carvalho de Sá e retalhadas em fins do século XIX. Muitas das parcelas das terras divididas foram sendo adquiridas pelo jovem milionário e progressista Eduardo Guinle, que as transformou numa extensa reserva pessoal de caça. Nesta época, a área já se caracterizava pela densa vegetação nativa de mata atlântica.

A intenção de construir no local um palacete inspirado nos suntuosos palácios europeus, após a visita de Guinle à exposição de artes de Paris, em 1900, efetivou-se com a contratação do arquiteto brasileiro Armando da Silva Telles que, juntamente com os franceses Joseph Gire e Bouet conceberam e construíram a casa eclética, implantada na parte mais alta e favorável do terreno. A decoração da residência ficou a cargo do francês Bettenfeld.

As obras do Palácio das Laranjeiras estenderam-se por cinco anos e foram concluídas somente em 1914, apesar da família Guinle ter-se mudado para lá antes de seu término, em 1912. A longa duração da obra deveu-se principalmente ao fato de que Guinle queria para si toda a suntuosidade

e sofisticação absorvidas quando de sua viagem à Europa. Para tanto, importou todo o material utilizado na construção, desde os lambris de carvalho, aos lustres de cristal Baccarat, passando pelos vinte tipos diferentes de mármore e os variados e ricos mosaicos desenhados exclusivamente por artistas da época. Além destes, obras de arte de inestimável valor, como as esculturas de bronze de Emille Guillaume, quadros de Rigaud, Picard e Coivalle, mobiliário de Boule, entre outras tantas peças, foram adquiridas para ornamentar e tornar ainda mais magnífico o palácio dos Guinle. Para o tratamento paisagístico dos jardins que envolveriam a mansão, Guinle trouxe de Paris o paisagista Cochet.

Inspirado nos jardins românticos ingleses, de aspecto mais natural, o projeto de Cochet foi responsável pela conservação de grande parte da exuberante mata original e nativa. O paisagista preservou principalmente as árvores de grande porte, contrariamente aos ditames da época que sistematicamente derrubavam as "matas" para replantar espécies exóticas. Tal atitude contribuiu para a manutenção da diversificada fauna que fazia dali seu habitat. A área dos jardins projetados por Cochet foi doada à prefeitura em 1944 e, então, transformada em parque público municipal.

Contra a vontade de Eduardo Guinle – que desejava que ela permanecesse com sua família –, em 1946 a luxuosa mansão foi vendida ao Governo Federal. Transformada em residência de visitantes ilustres de passagem pela capital, a mansão hospedou presidentes e outras personalidades de vários países antes de tornar-se residência oficial do governo Juscelino Kubitschek e, posteriormente, dos presidentes militares que governaram o Brasil até 1974, quando passou por uma restauração. No palácio foram realizados vários atos históricos, entre os quais a assinatura da transferência da capital para Brasília. Após a restauração, quando constatou-se o desaparecimento de várias obras de arte, provavelmente levadas por seus moradores, o palácio tornou-se residência oficial do governador do Estado e passou definitivamente ao governo estadual em 1987, depois de nova restauração e intenção não realizada de transformá-lo em museu.

Como somente a área da residência fora vendida e uma parcela da área verde doada, os descendentes de Eduardo Guinle, ainda dispuseram de alguns lotes de grandes dimensões e decidiram fazer ali um conjunto de prédios residenciais de luxo. O encargo foi então confiado em 1947 a Lúcio Costa, que já havia realizado outros projetos para os Guinle, dentre os quais o Park Hotel em Nova Friburgo onde a simbiose entre o moderno e a tradição local já havia se manifestado de forma pungente (Bruand, 1981).



Figura 5 – Palácio das Laranjeiras. Construção eclética do início do século e atual residência oficial do Governador do Estado do Rio de Janeiro (foto da autora)



Figura 6. Palácio das Laranjeiras com lago do Parque Guinle em primeiro plano, visto a partir da Rua Paulo César de Andrade (foto da autora)

3.1.3 O Partido

A concepção urbanística do Parque Guinle parece ter sido inspirada em alguns precedentes históricos que, sem dúvida, eram conhecidos por Lúcio Costa. Tomamos como exemplo dois projetos realizados no século XVIII: o projeto da Regent's Street e do Regent's Park, em Londres, de John Nash (Bacon, 1974) e o King's Circle e o Royal Crescent, de John Wood, em Bath (Barnett, 1986). Em ambos os projetos podemos notar uma preocupação com a simetria em relação a um ponto focal mais natural – característica do paisagismo naturalista inglês do período – como se a natureza estivesse sendo contida pela arquitetura.



Figura 7. Regent Park ao final da Regent's Street (em amarelo), Londres (in Bacon, 1974: 200)

O projeto da *Regent Street* em Londres de John Nash, – arquiteto oficial da coroa – previa uma nova rua de acesso às áreas de expansão pertencentes a coroa inglesa. A intenção era conectar os dois parques – *Regent's Park* e *St. James Park* – também projetados pelo arquiteto através de uma área de ocupação consolidada da cidade. Para sua implantação o arquiteto teve que negociar com cada proprietário dos edifícios existentes a respeito do trajeto da nova via e das fachadas e tipologias que deveriam atender à sua determinação e aos requerimentos de seu novo *layout*. As idéias do arquiteto atendiam perfeitamente às demandas de novos palacetes e de um novo ambiente urbano para a classe média emergente da época. O Regent Park, ao final desta nova via, possui um desenho parcialmente naturalista, como que "controlado" pelo homem. Em torno do parque, “como duas mãos segurando uma substância preciosa” (Bacon, 1974: 201), foram implantadas as residências (terrace houses) que definem sua configuração arquitetônica.

Um outro projeto que certamente inspirou Lúcio Costa foi o *Royal Crescent* em Bath, projetado e construído pelos Woods, pai e filho. A pequena Bath – cidade de veraneio inglesa cujo sítio é bastante acidentado – foi um desafio aceito pelos arquitetos, donos da companhia imobiliária que ali implantaram seu projeto urbanístico. As configurações geométricas das vias definem espaços verdes de desenho "naturalista", como que simbolizando a conquista da natureza pelo homem. Resultado de um desenvolvimento controlado, as town-houses de estilo georgiano (neo-classico) construídas ao longo desses espaços para a classe média são típicos resultados de uma era de início de especulação imobiliária, e utilizaram-se das vistas sobre os espaços verdes públicos como marketing de venda.

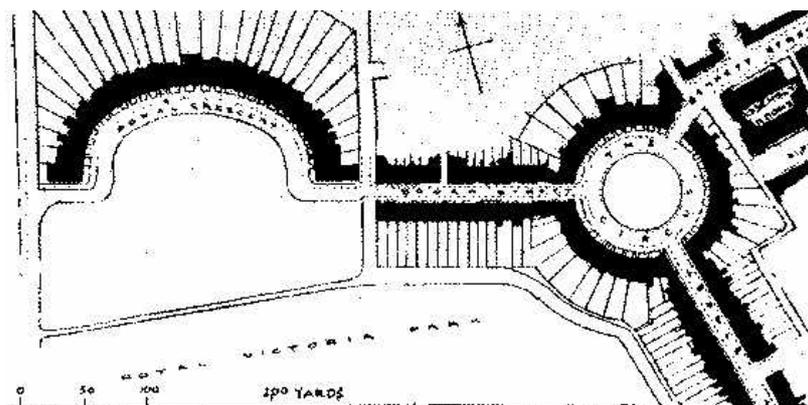


Figura 8. King's Circle and Royal Crescent, Bath. Projetos de John Wood (pai e filho) - 1727-1750 (in Barnett, 1986: 53)

Com respeito à configuração arquitetônica do Parque Guinle, Lúcio Costa aplicou os preceitos corbusianos e é clara neste projeto a influência dos padrões urbanísticos estabelecidos pelo CIAM e pela “Carta de Atenas”. Concebidas no esquema *Dom-ino* de Corbusier, ícone primordial do estilo moderno (Comas, 1991), as edificações do conjunto de Costa são representativas no que diz respeito à estrutura independente, com lajes planas e paralelas prolongando-se em balanço sobre suportes enfileirados e também paralelos. A coerência e a regularidade de seu partido estrutural tornam possível a variedade compositiva de interior e exterior com independência total entre suportantes e suportados, vedação e laje, permitindo o preenchimento dos vazios internos ou a interposição vertical com total ausência de regularidade. Em seu artigo sobre Lúcio Costa para a Revista *Arquitetura e Urbanismo*, Comas finaliza afirmando que o “*jogo de volumes* pode alternar com o *prisma puro* e a fusão em única doutrina da concepção orgânico-funcional e plástico-ideal da forma arquitetônica se viabiliza” (Comas, 1991: 70).

O potencial instrumental e representativo do vocabulário e sintaxe corbusianos foram profundamente compreendidos por Costa, permitindo a afirmação da modernidade com a assimilação de elementos da arquitetura colonial brasileira.

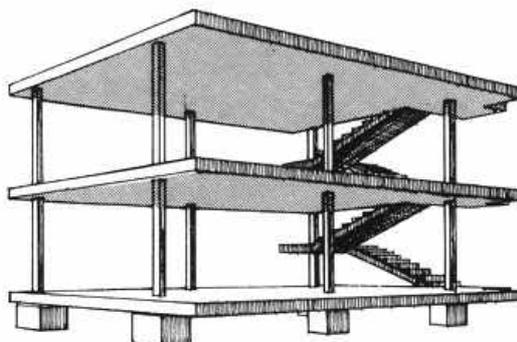


Figura 9. Esquema estrutural Dom-ino de Le Corbusier (in Baker, 1998)

3.1.4 O Projeto de Lúcio Costa

Nos idos dos anos 40, Lúcio Costa já era considerado figura de destaque na arquitetura brasileira e internacional. Sua valiosa contribuição, foi além da normalmente atribuída aos profissionais desta área, cujas atividades práticas projetuais e construtivas não costumam ser extravasadas para o campo da teoria.

Lúcio Costa foi, mais do que um grande projetista, um teórico da arquitetura. Suas idéias e escritos definem o caráter combativo do arquiteto quando se tratava de conceituar e teorizar a concepção arquitetônica. Não foi um teórico de grandes inovações ou criador de nova ordem. Acima de tudo, sua inabalável causa, a qual defendeu e ajudou a difundir e valorizar, foi o movimento moderno. Os pioneiros do racionalismo, Le Corbusier e Gropius, forneceram as linhas mestras, seguidas fiel e coerentemente ao longo de sua vida. Aceitou-as e tornou-se seu defensor intransigente, sem porém nunca se ter tornado um escravo do modelo modernista. Sua maior contribuição, neste sentido, foi a de produzir arquitetura moderna adaptando-a às necessidades locais e corrigir o que ela podia ter de excessivo rigor (Bruand, 1981: 120).

Tanto em suas fundamentações teóricas, quanto em vários exemplos edificados, estão presentes, e em simbiose, a nova arquitetura e a tradição local. Temos em Lúcio Costa o maior representante do embate entre os modelos urbanísticos culturalista e progressista que persistia mesmo com a consolidação do modernismo no Brasil.

O arquiteto sempre esteve ligado às atividades de pensador e escritor, e muito de seu prestígio está vinculado a cargos importantes como Diretor da Escola de Belas Artes. Também esteve à frente de funções burocráticas e públicas como quando ingressou no IPHAN. Foi um de seus fundadores e principais pensadores e articuladores, mesmo sendo modernista, o que, aparentemente, é uma contradição com os preceitos do movimento moderno que negavam a cidade e a arquitetura tradicionais. Apesar da pouca produção prática arquitetônica, Lúcio Costa deixou-nos um legado considerável, muito mais qualitativo do que quantitativo, de obras realizadas.

Dentre seus projetos realizados, os conteúdos programáticos variaram desde projetos para residências unifamiliares até grandes planos urbanísticos de escalas monumentais, como o Plano Pitoto de Brasília e a Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro. Foi quando elaborou o projeto do Conjunto Residencial do Parque Eduardo Guinle – primeiro projeto do arquiteto para edifícios residenciais multifamiliares – que o arquiteto atingiu “a síntese entre a arquitetura contemporânea e a arquitetura colonial,... sem dúvida alguma, sua contribuição pessoal mais característica no campo estritamente arquitetônico” (Bruand, 1981: 124).



Figura 10 – Croquis do projeto original de Lucio Costa (in Costa, 1995)

Projetado em fins dos anos 1940, o conjunto arquitetônico hoje tombado pelo Patrimônio Histórico, teve como condição básica à sua implantação o respeito ao parque já existente em torno do qual seria construído. Com previsão original de seis blocos edificadas, apenas os três primeiros ficaram a cargo de Lúcio Costa. Como os “corretores não souberam vender as inovações propostas” pelo arquiteto (Costa, 1995), a venda dos apartamentos apresentou grande dificuldade. Possivelmente esta foi uma das razões que levaram os proprietários a confiar a conclusão do projeto aos irmãos Roberto, cujo projeto rompe completamente com a concepção original.

Assim, embora o estilo modernista tenha guiado a concepção tanto dos edifícios de Lúcio Costa quanto daqueles concebidos posteriormente pelos irmãos Roberto, os blocos originais possuem características e identidade próprias, que contrariam em parte alguns preceitos do modernismo. Principalmente no que diz respeito à vinculação consciente com a tradição local e a ligação espiritual com o passado, aspectos sutis, tais como a inserção da cor e a riqueza decorativa dos painéis vazados, estão presentes e são característicos da obra de Lúcio Costa (Bruand, 1981).

Quando de sua concepção e ciente da intenção dos Guinle de construir ali prédios em estilo "afrancesado", Costa convenceu-os de que se daria uma relação *casa grande e senzala*, o que poderia não agradar os futuros moradores (Costa, 1995: 205). Assim a construção dos primeiros prédios residenciais com planta livre, sobre pilotis, aos moldes do *Dom-ino* corbusiano e fazendo referências às *Unité d'Habitation* de Marselha, foi plenamente concretizada.

Construídos sobre o terreno do já existente Palácio Laranjeiras, e a partir de sua cota mais baixa, os edifícios projetados por Lúcio Costa foram implantados na periferia do terreno, de modo a respeitar a topografia em aclave e a exuberante área verde central do parque.

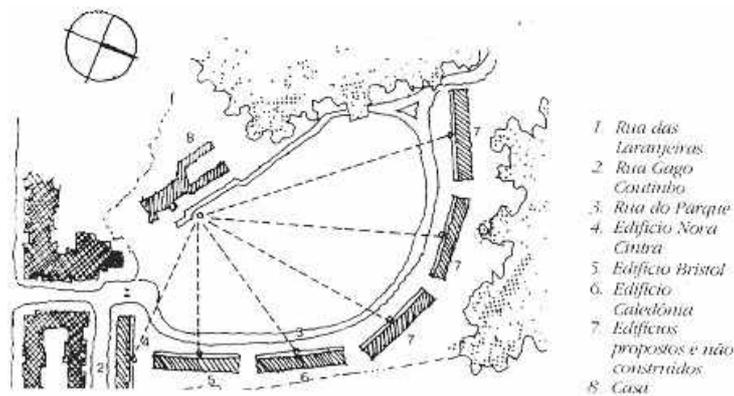


Figura 11 – Configuração do projeto original em forma de anfiteatro (in Nogueira, 1991)

O loteamento como um todo define uma espécie de anfiteatro (Nogueira, 1991), tendo o parque, com seu cenário verde e o lago, na parte baixa, margeado por frondosas árvores e palmeiras, como palco das inter-relações pessoais e convivência comunitária. Os edifícios, por seu turno, representam a platéia, vislumbrando, pelo lado direito, o parque-palco. Como ponto focal e majestoso protagonista, o palácio eclético construído em 1916 situa-se sobre uma das cumeeiras do morro de Nova Cintra.

Na principal rua de acesso localiza-se o portão original da entrada do Palácio, hoje tombado pelo Patrimônio Histórico, o qual delimita a transição do tecido regular da cidade e a rua em curva ascendente que contorna o parque, numa alusão as *crescent* georgianas (Comas, 2001). Conforme relato do Sr. Jorge Hue, ainda que o portão tivesse sido encomendado por Eduardo Guinle durante as obras do palacete, ele foi montado somente na época da construção dos edifícios modernistas constando no projeto de Lúcio Costa.



Figura 12 – Portal do Parque Guinle na Rua Gago Coutinho (foto da autora)

As edificações projetadas por Lúcio encontram-se do lado direito da rua interna, sendo que o primeiro prédio, Nova Cintra, está voltado para a Rua Gago Coutinho, numa linha perpendicular ao segundo, Bristol, já inteiramente inserido no parque, assim como o edifício Caledônia, terceiro e último construído dos edifícios projetados por Costa. Este faz uma pequena deflexão em relação ao segundo, para melhor adequação à rua curvilínea.

Defensor e apaixonado que era pelo modernismo, Lúcio Costa levou seus preceitos às últimas conseqüências. Na forma prismática dos edifícios, nas linhas racionais da fachada, na estrutura livre e nos pilotis vazados, estão representados todos os elementos formadores do edifício moderno. A exemplo de outros projetos, como o do pavilhão do Brasil em Nova Iorque e do Ministério da Educação, ambos em co-autoria, ou no projeto do Park Hotel em Friburgo, Lúcio Costa ousou utilizar elementos históricos e da tradição local, “desenvolvendo e enriquecendo a gramática corbusiana e delimitando um estilo brasileiro de arquitetura moderna” (Comas, 1991:70). A valorização das fachadas e a rejeição do dogmatismo do estilo internacional representam também o estilo único do arquiteto, onde é característica a vinculação consciente da tradição local sem prejuízo do caráter contemporâneo.

O processo projetual do arquiteto consistia, primeiramente, de uma intensa pesquisa acerca da obra a realizar, envolvendo questões e problemas de implantação – que deveria respeitar o exuberante parque já existente e a marcante diferenciação entre a rua de acesso e o parque – trouxeram à luz uma transição suave entre interior e exterior. Tal solução congregou ainda a transição entre a arquitetura moderna, na austera e racional fachada da rua, e as ricas referências ao decorativismo histórico encontrado nas fachadas voltadas para o parque. (Bruand, 1981).

O arquiteto, em *Registro de uma vivência* (Costa, 1995), faz referência às primeiras habitações da cultura aborígine e à casa colonial brasileira, justificando a planta dos apartamentos separadas em dois núcleos: social e íntimo. A planta tradicional, com setores bem definidos e articulados entre si está presente nos apartamentos dos edifícios Nova Cintra, Bristol e Caledônia. Sua distribuição parte de dois corpos de circulação vertical dos prédios, possibilitada pela pouca limitação de recursos financeiros, característica da sua época de construção. A privacidade entre os apartamentos foi favorecida, com a minimização das circulações horizontais e os duplex intercalados nas seções intermediárias dos blocos, criando vestíbulos quase privativos para cada unidade. A referência da casa esparramada, conforme a tradição da residência rural brasileira, provêm das “plantas longitudinais de espaços generosos e da delicada sobriedade que não ostenta o orçamento privilegiado” (Comas, 2001:2). Já os apartamentos em dois níveis fazem uma apologia ao sobrado colonial – casas em fita de dois pavimentos – não os descaracterizando do todo uniforme e ordenado dos módulos projetados.

A idéia de resgatar o partido traz embutidos valores importantes e atuais, pois congrega “a intenção do apartamento com as virtudes ambientais da casa e o perfeito equilíbrio entre o interior do edifício - a casa - e o seu exterior - a cidade” (Nogueira, 1991:98).

Ainda a utilização dos elementos cerâmicos vazados, como preferia definir os vulgarmente chamados cobogós, com seu rendilhado e textura remetendo aos muxarabi luso-brasileiros tão utilizados em nossa arquitetura colonial.

Problemas de insolação, que não favorecia as fachadas voltadas para a vista panorâmica do parque, foram solucionados com um sistema harmonioso e uniforme. O uso das treliças, assim como dos *brise-soleil*, teve por função básica e racional proteger as fachadas principais dos edifícios voltados para o poente, o Caledônia e Bristol, sem prejuízo da bela visão do parque. Ainda funcional e racionalmente, a intenção no caso do edifício Nova Cintra, foi esconder da visão os serviços e funções íntimas também voltados para o parque. Neste último, as circulações verticais e de serviços configuram elementos escultóricos de forte impacto visual, em cilindros envidraçados sobressaindo do prisma, criando assim uma zona de transição na perpendicularidade entre este e os outros prédios.

O conjunto é um todo unificado pelas semelhanças de volumes, proporções e estruturas. A individualidade e característica própria de cada edificação é, porém, garantida pelos elementos vazados e brises tratados com originalidade e maestria pelo arquiteto.

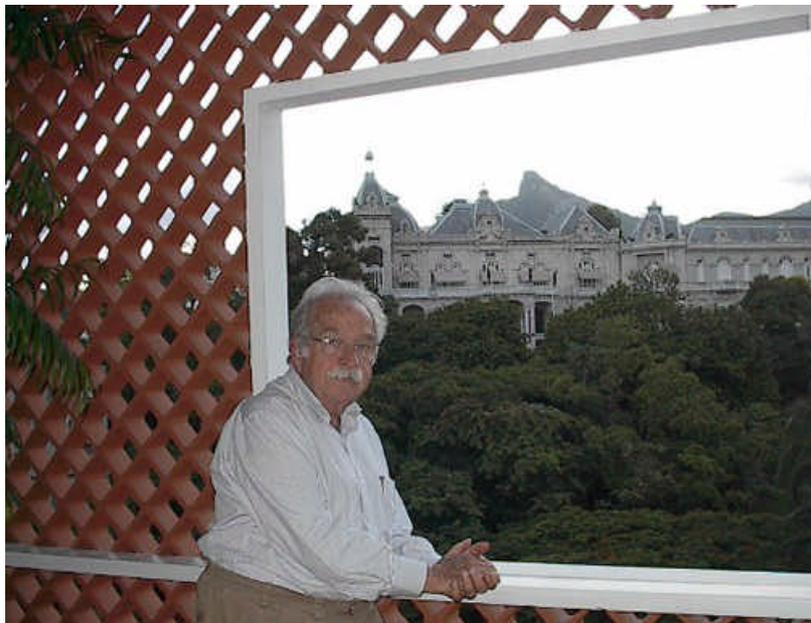


FIGURA 13: Vista para o parque e para o Palácio a partir do sétimo andar do Edifício Bristol com Sr. Jorge Hue em primeiro plano, arquiteto e morador do lugar (foto da autora).



Figura 14a - Edifício Nova Cintra - Plano de fachada voltada para a Rua Gago Coutinho. Diversamente dos demais, neste edifício o Estilo Internacional está bem caracterizado com sua fachada envidraçada (in Wisnik, 2001)



Figura 14b - Edifício Nova Cintra - Fachada de fundos voltada para o parque – A transparências dos elementos cilíndricos que se projetam da fachada conferem ao conjunto um excelente resultado plástico. (foto da autora)

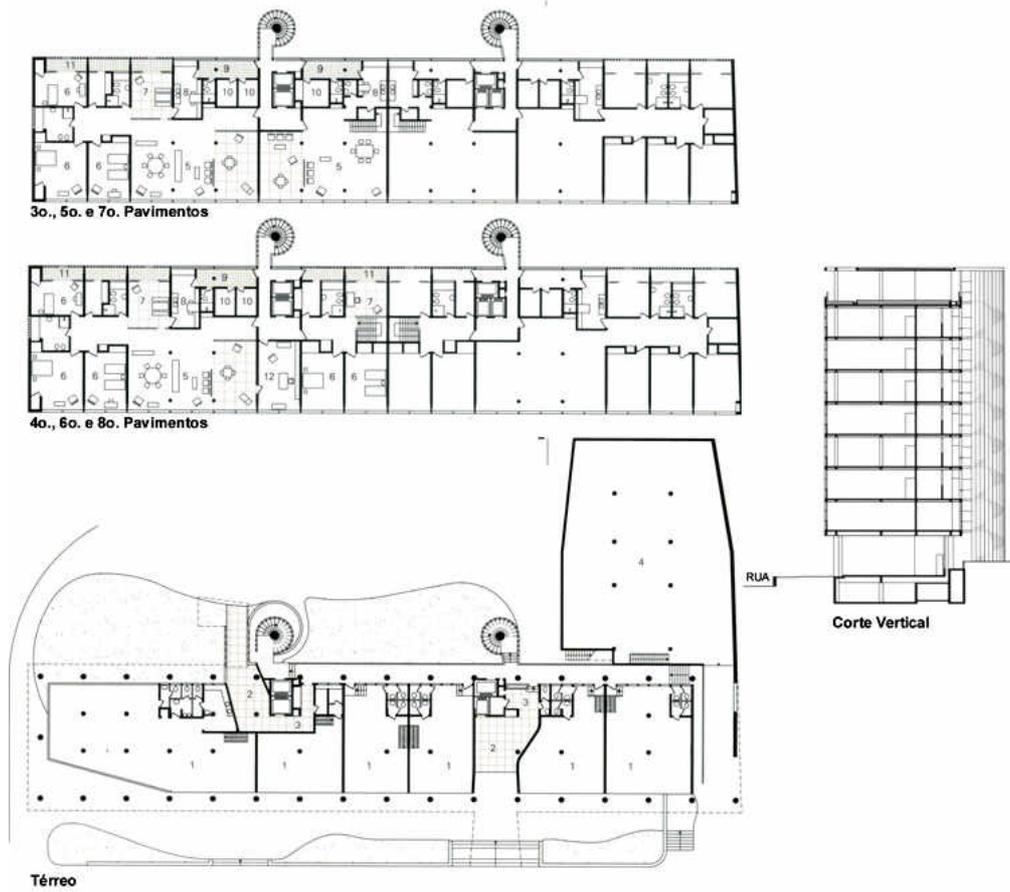


Figura 15 - Edifício Nova Cintra – Plantas baixas do térreo e dos pavimentos-tipo e Corte Vertical (in Wisnik, 2001)



Figura 16a e 16b - Edifício Nova Cintra – Detalhes da Fachada da Rua Gago Coutinho e Escada (in Wisnik, 2001)



Figuras 17a e 17b - Planos de fachadas dos prédios Bristol e Caledônia voltados para o Parque, valorizadas pela dinâmica e riqueza das texturas e cores dos cobogós e brises (fotos da autora)



Figura 18 - Edifício Caledônia

Último dos edifícios projetados por Lúcio Costa construído no Parque Guinle, esta obra revela os elementos e preceitos clássicos do modernismo: pilotis, estrutura independente, fachadas planas e racionalismo. (foto da autora)

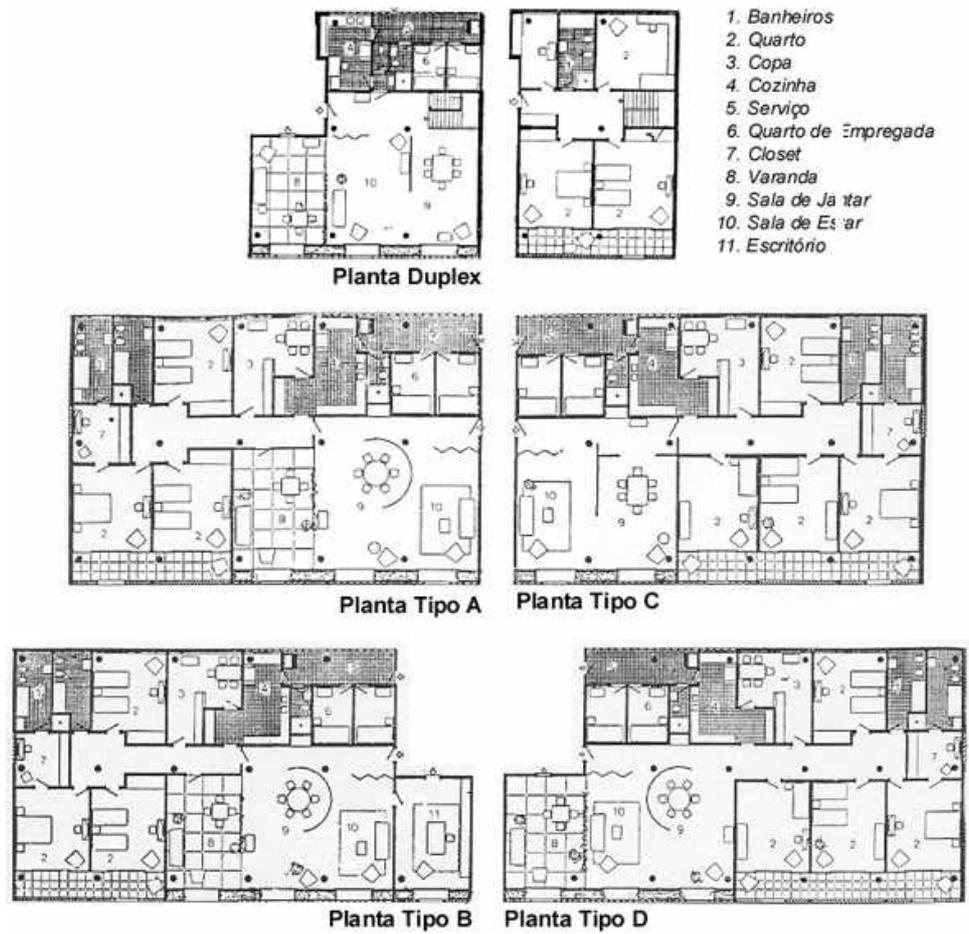


Figura 19 - Edifícios Bristol e Caledônia – Plantas Baixas dos apartamentos-tipo (in Nogueira, 1991)



Figuras 20a e 20b - Edifícios Bristol e Caledônia – Detalhes nível de acesso. No Pilotis se dá suave transição entre o espaço público e o privado, explicitando uma relação harmoniosa entre a rua e o edifício (in Wisnik, 2001)

3.1.5 Os Edifícios mais Recentes

Nesta seção será feita uma breve descrição dos edifícios construídos posteriormente aos de Lúcio Costa com a identificação de suas características tipológicas e principais elementos compositivos. Nossa pesquisa baseou-se na bibliografia existente e publicações em artigos e revistas. Dentre estas, destacamos: *Arquitetura Contemporânea no Brasil* (Bruand, 1981), *Quando o Brasil era Moderno: Guia de Arquitetura 1928/1960* (Cavalcanti, 2001) e o artigo *Parque Eduardo Guinle* (*Revista Acrópole*, 1962: 394-395). Todos apenas citam o conjunto projetado pelo escritório M.M.M. Roberto situado na parte alta do terreno.

A concepção dos edifícios Guararapes, Dalton, Parque São Joaquim e Barão de São Clemente, situados na parte alta da Rua Capitão César de Andrade ficou a cargo dos irmãos Roberto, por decisão da família Guinle, após o fracasso nas vendas dos apartamentos de Lúcio Costa. Nesta época, o escritório já não contava mais com Milton Roberto, nem com o brilho que marcou alguns dos projetos anteriores da equipe formada pelos irmãos arquitetos, tais como: o Prédio da Associação Brasileira de Imprensa e o Edifício Marquês do Herval (Bruand, 1981).

A implantação do conjunto, concebido na forma de seis blocos geminados, respeita o projeto urbanístico de Lúcio Costa ao longo da rua curvilínea, apesar de romper definitivamente com a sintaxe compositiva original. Os seis blocos configuram uma única edificação, o que amplia o efeito visualmente marcante de suas proporções. Este efeito, aliado à sua localização na parte alta do morro, confere um caráter de peso excessivo e brutalidade à edificação, contrastando “de modo pouco harmonioso com a leveza requintada dos edifícios de Lúcio Costa” (Bruand, 1981: 179-180). Esta característica marcou o início de “uma tendência *brutalista* carioca, depois desenvolvida por Maurício Roberto em alguns projetos como o da sede da Academia Brasileira de Letras” (Cavalcanti, 2001).

Os edifícios geminados mantêm a concepção modernista, com estrutura livre de concreto armado e pilotis de uso comum parcialmente vazado. Os acessos aos apartamentos de cada bloco, ainda que independentes, intercomunicam-se no pilotis conferindo a este um caráter de uma edificação única. O tratamento único dado à fachada dos blocos tem uma possível monotonia quebrada pelo movimento da inflexão existente entre eles e pela inserção de platibandas horizontais que se projetam além dos planos de vidro, criando um jogo interessante de luz e sombra.

Partem do nível do pilotis estreitas rampas que fazem a ligação dos blocos com a rua, cerca de 10 metros abaixo e, por conseguinte, à área verde do parque. O conjunto é acessível a pedestres em suas áreas comuns, não havendo barreiras físicas, tais como portões ou grades impedindo sua visitação.

Seus apartamentos possuem área útil ainda maior do que a dos edifícios de Costa e por estarem em um nível acima e com a privilegiada orientação para sul, abrem-se para a vista deslumbrante do Parque Guinle e da Baía de Guanabara.

A última edificação construída no Parque Guinle, de “arquitetura representativa do *a-simbolismo* da edificação da especulação imobiliária” (Nogueira, 1991:92), data da década de 1970 e mantém as características de residência de luxo para a classe média alta. O edifício encontra-se inserido entre os dois conjuntos mais representativos anteriormente estudados, porém sobre ele não foram encontradas quaisquer referências ou citações na bibliografia pesquisada ou citações em artigos e revistas especializadas.

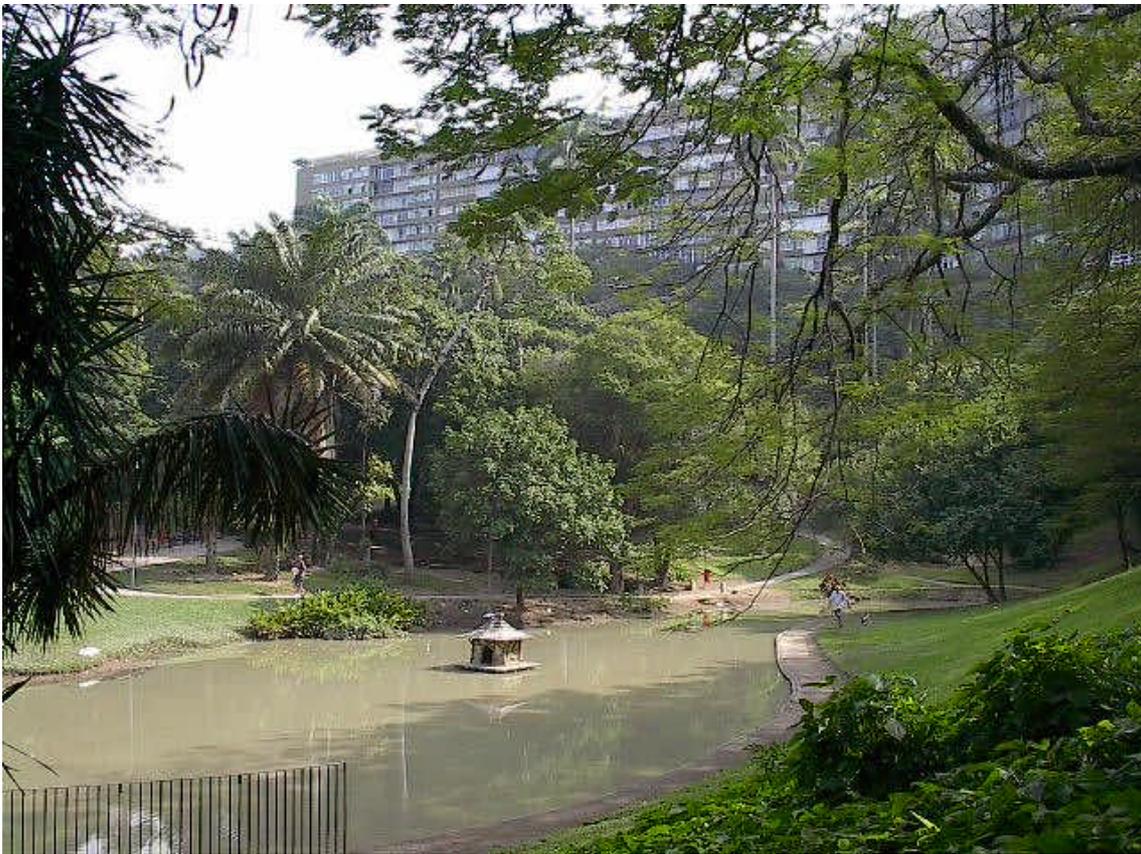


Figura 21: Lago do Parque com o conjunto dos Edifícios Guararapes, Dalton, Parque São Joaquim e Barão de São Clemente – projeto modernista da fase brutalista do escritório MMM Roberto – ao fundo. (foto da autora)



Figura 22 - Fachada do edifício projetado pelos irmãos Roberto em total desconexão com a Rua Paulo César de Andrade (foto da autora)



Figura 23 - Plano de fachada (parcial) do edifício dos irmãos Roberto que, pela extensão de lajes e pequenas variações em sua composição, lograram êxito em torná-las menos monótonas em suas grandes dimensões (foto da autora)

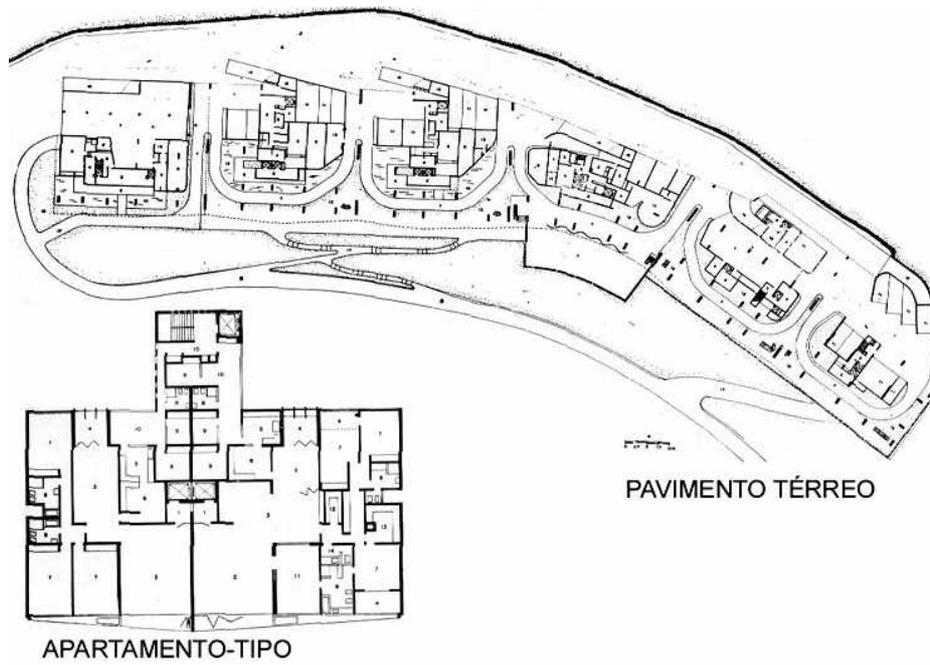


Figura 24 – Edifício dos irmãos Roberto – Planta baixa do térreo com os acessos independentes dos quatro blocos geminados (in Acrópole, 1962)



Figura 25 – As três tipologias edilícias do Parque Guinle (foto da autora)

3.2 Pesquisa de Campo

A seguir, apresentamos os dados relativos às condições atuais e os atributos físico-espaciais do Parque e sua área de abrangência, levantadas *in loco*, mapeadas e analisadas em suas características topo-geográficas, morfológicas, viárias, paisagísticas e de uso e ocupação urbana. De forma a melhor ilustrar e complementar o estudo físico-espacial, em seguida apresentamos a análise dos percursos perceptivos a partir da visão do especialista com a utilização do registro fotográfico e aplicação do método da visão serial.

Na parte seguinte, demonstramos através de dados censitários o perfil da população local comparativamente ao contexto do bairro da região administrativa e da cidade e a avaliação da percepção e cognição na área pela visão do usuário do Parque, com análise dos questionários aplicados e do mapeamento cognitivo e, pela visão do especialista, das anotações de observação sobre o comportamento ambiental.

3.2.1 Aspectos Físicos e Espaciais da Área

Nesta seção estão apresentados, sob a forma de plantas baixas em escalas diversas, os dados relativos ao levantamento de campo, realizado no período de agosto a novembro de 2001.

Os diversos diagnósticos desenvolvidos com base nos levantamentos efetuados no local e informações das plantas cadastrais obtidas junto aos órgãos competentes da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro¹², serão a seguir apresentados e estão representados através dos seguintes desenhos, respectivamente, denominados:

- Situação (fig. 27)
- Topografia (fig. 28)
- Malha Viária (fig. 29)
- Sistema Viário (fig. 30)
- Uso do Solo (fig. 31)
- Gabarito (fig. 32)
- Arborização (fig. 33)
- Figura e fundo 1956 – espaço edificado e não edificado (fig. 34)
- Figura e fundo 1976 – espaço edificado e não edificado (fig. 35)
- Figura e fundo 1997 – espaço edificado e não edificado (fig. 36)

¹² IPP - Instituto Pereira Passos, anteriormente denominado IPLAN-RIO; SMU - Secretária Municipal de Urbanismo (Cidade Nova e Irajá) e SMO - Secretária Municipal de Obras

A área do Parque Guinle considerada em nosso estudo abrange desde a Rua Gago Coutinho, os edifícios Nova Cintra, Bristol e Caledônia, de forte representatividade arquitetônica e tombados pelo IPHAN em 1986, e os edifícios seguintes da Rua Paulo César de Andrade até a curva da entrada do Palácio das Laranjeiras, conforme consta na planta de *situação* (fig. 27). Além destes, também fazem parte da área, o parque público municipal de mesmo nome, com área de 24.750m² e o Palácio das Laranjeiras, atual residência oficial do Governador do Estado, ambos tombados pelo INEPAC (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), em 1983. Toda a área do Parque Guinle está contida na APA São José (Área de Proteção Ambiental São José), criada em 1991, que abrange os morros Nova Cintra e São Judas Tadeu.

Sua *topografia* (fig. 28) é bastante acidentada a partir do portal de entrada do Parque Guinle, configurando-se como um vale, com o parque público ocupando sua parte interior e mais baixa e a rua que contorna um de seus lados subindo em uma curva suave e ascendente acompanhando as curvas de nível. Esta configuração foi determinada pela pré-existência da área verde, já transformada em parque na época da urbanização da área.

A rua do parque – Rua Capitão César de Andrade – juntamente com as ruas do entorno define a *malha viária* (fig. 29) que integra o conjunto ao tecido regular da cidade. A regularidade e ortogonalidade das vias do bairro contrastam com a sinuosidade da primeira, que após o grande arco que contorna o parque serpenteia morro acima, mudando de nome e conecta-se a outras vias locais com as mesmas características.

A hierarquia viária está classificada em três níveis, definindo assim o *sistema viário* local (fig.30). São eles:

- as principais vias do bairro, com fluxo de transportes coletivos e tráfego mais pesado: Rua das Laranjeiras, Rua do Catete, Rua Bento Lisboa, Largo do Machado, Rua Conde de Baependi e Rua Pinheiro Machado – representadas em vermelho;
- as vias locais, algumas sem saída, com tráfego menos intenso e que fazem as ligações entre as principais – representadas em amarelo;
- as vias de acesso ao Parque Guinle: Rua Gago Coutinho, Rua Paulo César de Andrade, Rua General Mariante, Rua Dr. João Coqueiro e Rua Pereira da Silva. O tráfego local tem pouca intensidade, apesar da circulação de micro-ônibus que parte do Largo do

Machado e segue por estas ruas, atendendo aos moradores e trabalhadores da parte mais alta do morro, retornando pela Rua das Laranjeiras.

A ocupação e *uso do solo* (fig. 31) do Parque Guinle e das ruas próximas demonstram uma predominância majoritariamente residencial. Há entretanto a presença de uso misto, com edifícios residenciais e comércio ao nível da rua, e uso comercial ao longo da Rua das Laranjeiras e junto ao Largo do Machado. Constatou-se a existência de quatro instituições de ensino médio, sendo uma pública e três particulares e três edificações voltadas ao uso institucional, sendo uma delas o Palácio das Laranjeiras e outra o Instituto Pereira Passos, localizado na Rua Gago Coutinho.

Quanto ao *gabarito* (fig. 32) no local, percebemos que há grande discrepância entre as edificações de todo o entorno, com casas térreas e sobrados históricos justapostos e espremidos entre edifícios com dez ou mais pavimentos. Podem ser notadas nitidamente as perdas sofridas pelo bairro, tanto em termos históricos quanto em qualidade de vida, em função da especulação imobiliária e pela falta de um planejamento adequado e regulador. Já no interior do Parque a regularidade dos edifícios projetados por Lúcio Costa e suas proporções integram-se à paisagem do lugar, assim como o edifício que se segue a este conjunto, o qual respeitou o plano original do arquiteto que previa seis pavimentos além do pilotis. Por sua vez, o imenso bloco de apartamentos que se projeta sobre o morro e visto da entrada do parque aparenta ser ainda maior, contrastando e rompendo definitivamente com a regularidade dos anteriores.

A área do Parque Guinle possui historicamente uma cobertura verde bastante acentuada com inúmeras espécies arbóreas e palmáceas centenárias provenientes da mata nativa original. Na época da construção dos primeiros edifícios, foram introduzidas e plantadas espécies exóticas – Flamboyants – ao longo da rua do parque. Na época de floração, entre Novembro e Janeiro, suas inflorescências vermelho-vivo conferem um vibrante e atraente colorido àquele espaço verde tornando-o ainda mais aprazível e exuberante. O mapa intitulado *arborização* (fig. 33) enfatiza entretanto apresentar um panorama quanto à arborização ao longo das vias do Parque e do entorno. Observamos pelo mapa que a Rua Gago Coutinho também é bastante arborizada, em contraste com o trecho da Rua das Laranjeiras, onde a arborização viária conta com poucos exemplares. A presença maciça de árvores tanto no parque quanto no seu entorno confere um microclima agradável e ameno ao lugar, transformando-o numa espécie de pulmão verde muito apreciado pela população de toda aquela região.



Figura 26 – Vista geral a partir do pilotis do conjunto dos irmãos Roberto com edifícios Caledônia e Bristol à esquerda, Palácio das Laranjeiras no alto à direita e Pão de Açúcar no fundo. Época de floração dos Flamboyants no Parque Guinle. (foto da autora)

A observação dos diversos mapas de *figura-fundo* (figuras 34, 35 e 36) permite identificar a morfologia da área constatando a grande densidade edificada do bairro em relação aos espaços não construídos do Parque Guinle. Não ocorreram grandes alterações na estrutura física dos arruamentos e da malha viária local, mas se torna perceptível o seccionamento da Rua das Laranjeiras com a duplicação da Rua Pinheiro Machado e a abertura do Túnel Santa Bárbara entre 1956 e 1975. A diferenciação entre a textura edilícia a partir do Parque Guinle e a da região mais plana do bairro também pode ser notada, com grandes espaços entre as construções no primeiro e o pouco ou quase nenhum afastamento no segundo. Esta característica aliada às condições topográficas favoráveis, conferem às edificações qualidades quanto à ventilação, iluminação e privacidade, além do aspecto visual, com as panorâmicas amplas e indevassadas que se abrem para o parque.

Além dos mapas e como complementação das análises desta seção, na seguinte apresentamos uma série de fotos (figuras 38 a 58) cuja posição relativa à área encontra-se indicada no mapa dos percursos perceptivos (fig. 37), cujo objetivo é proporcionar uma melhor compreensão da caracterização do lugar. Trata-se de um levantamento fotográfico dos percursos mais utilizados pelos usuários com análise dos elementos físicos mais marcantes a partir da visão do pesquisador/especialista.



Figura 27

SITUAÇÃO



Figura 28

TOPOGRAFIA



LEGENDA

▬ vias de acesso do Parque Guirã

▬ outras vias

Figura 29

MALHA VIÁRIA

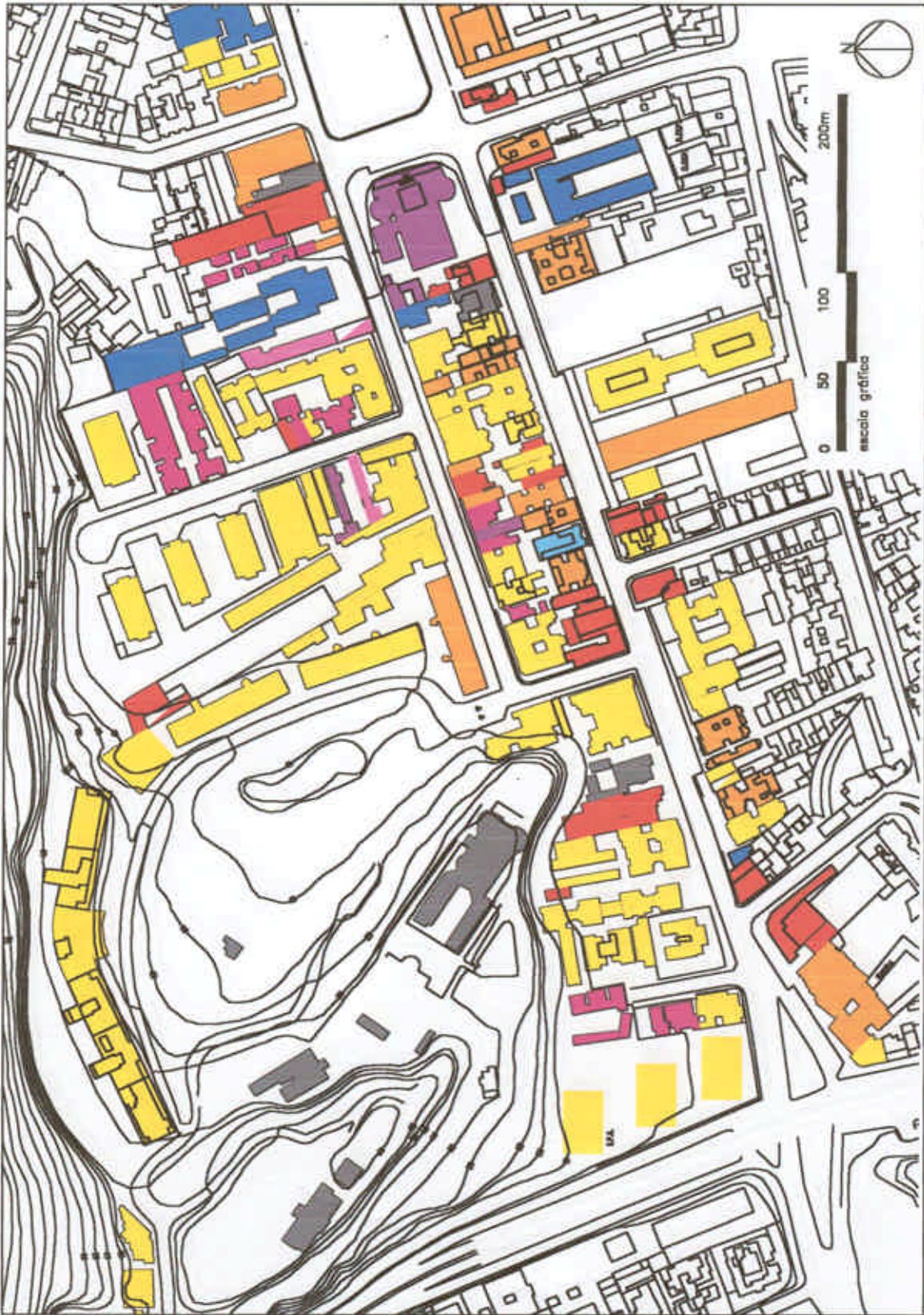


LEGENDA:

- vias principais (ônibus)
- vias do parque (microônibus)
- vias locais
- sentido da rua

Figura 30

SISTEMA VIÁRIO



LEGENDA :

- | | | |
|---|---|---|
| ■ residencial unifamiliar | ■ misto | ■ educacional |
| ■ residencial multifamiliar | ■ institucional | ■ hotéis |
| ■ comercial | ■ templos | ■ saúde |

Figura 31

USO DO SOLO



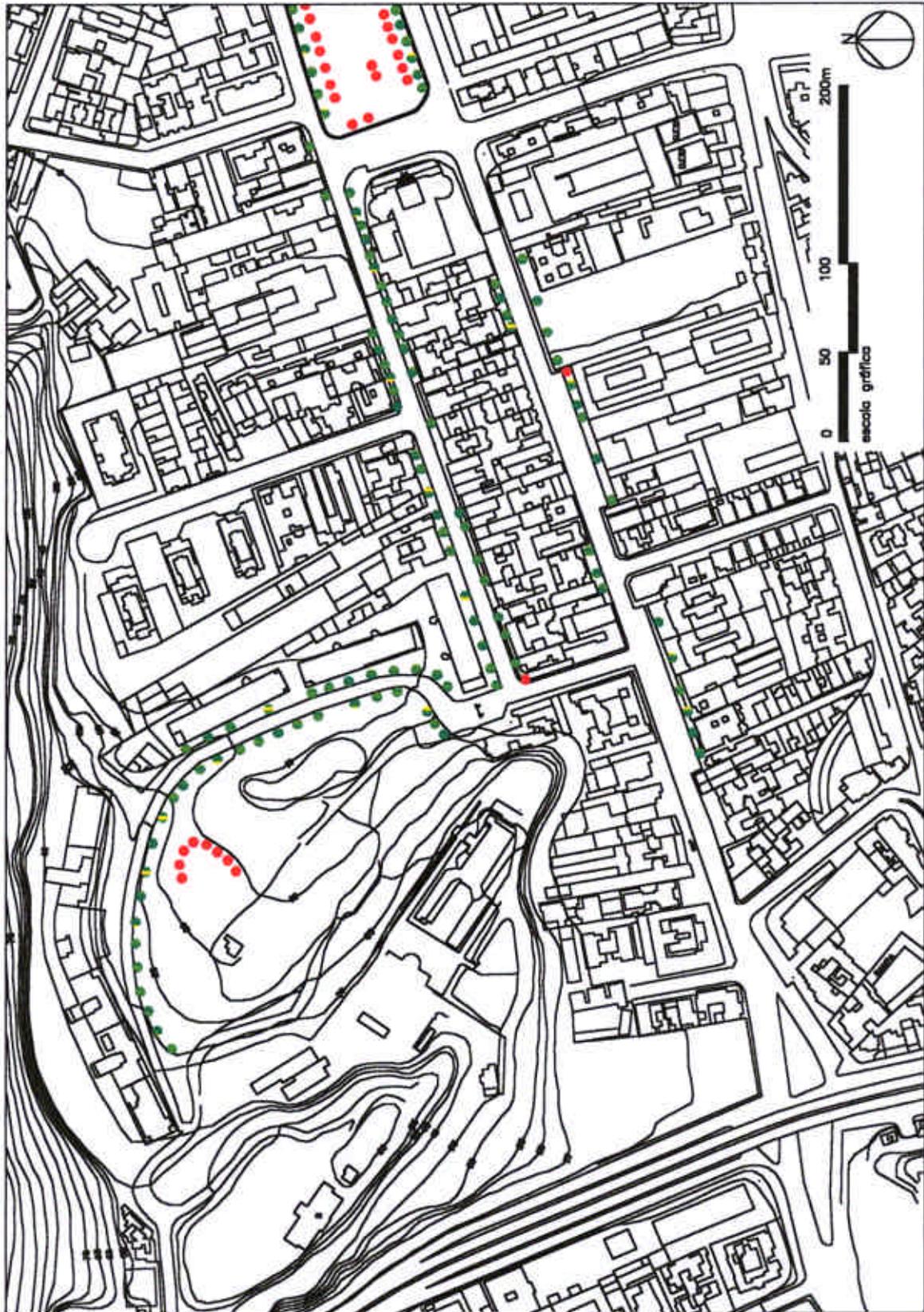
LEGENDA

- 1-2 pavimentos
- 3-6 pavimentos
- 7-10 pavimentos
- mais que 10 pavimentos

Figura 32

ARE GABARITO

61



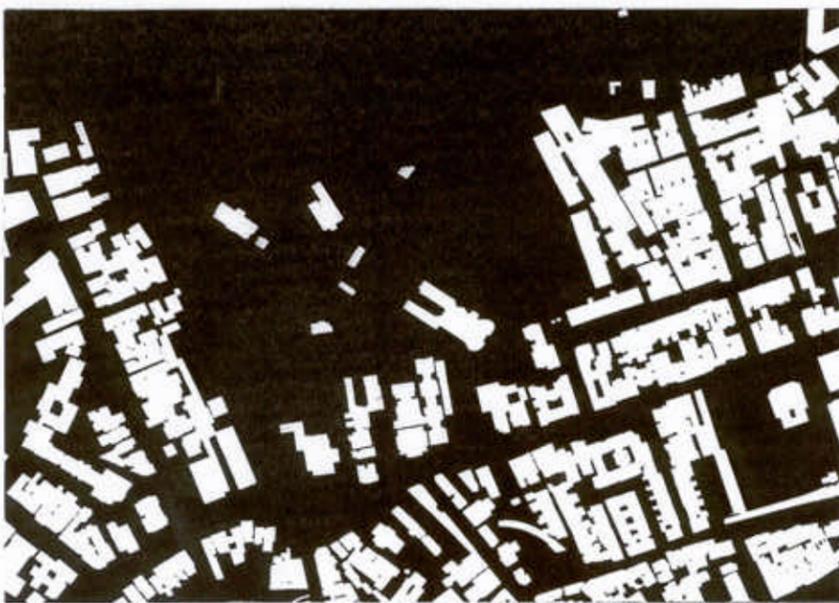
LEGENDA:

● espécie arbórea

● espécie palmácea

Figura 33

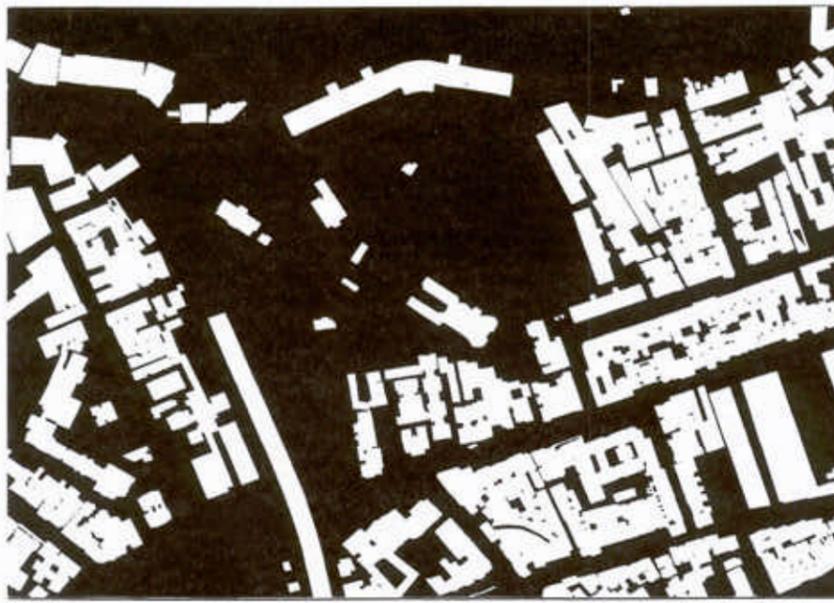
ARBORIZAÇÃO



0 50 100 200m
escala gráfica

Figura 34

FIGURA E FUNDO - 1956



0 50 100 200m
escala gráfica

Figura 35

FIGURA E FUNDO - 1976



0 50 100 200m
escala gráfica

Figura 36

FIGURA E FUNDO - 1994

3.2.2 Percursos Perceptivos – a Visão do Especialista

Dois percursos dirigidos iniciais foram realizados na área em estudo, cuja escolha se deu por serem os mais utilizados pelos pedestres e usuários do Parque (fig. 37). A Rua Gago Coutinho conforma-se, pelas suas duas extremidades, no principal acesso ao Parque Guinle – tanto no seu início na Rua das Laranjeiras, quanto pela outra extremidade junto ao Largo do Machado. Após o cruzamento do Portal do Parque o “percurso de ida” torna-se um só, subindo pela Rua Paulo César de Andrade até o largo em frente ao Palácio das Laranjeiras e a partir daí o “percurso de volta” retornando pela mesma rua curvilínea ao Portal, donde se descobre novos e impactantes pontos focais.

Apesar de que os registros fotográficos e gráficos e sua análise tenham sido realizados pelo especialista/pesquisador, i.e., a própria autora deste trabalho e, considerando que nossa visão possa estar influenciada pela enorme gama de informações e valores mentais já acumulados sobre o lugar, ainda assim pudemos nos surpreender e reagir ao impacto provocado pela força de tais registros. Foi possível destacar vários elementos físicos característicos e também alterações significativas ao longo da paisagem percorrida. Tais elementos e alterações vieram a reforçar uma imagem, *a priori*, positiva sobre a área estudada, conforme explicitado nos comentários e análises sobre as imagens captadas, a seguir (vide Painéis Analíticos: figuras 38 a 58):



LEGENDA:

- percorso di ida
- percorso di volta

PERCURSO PERCEPTIVO

Figura 37

percurso a partir da Rua das Laranjeiras

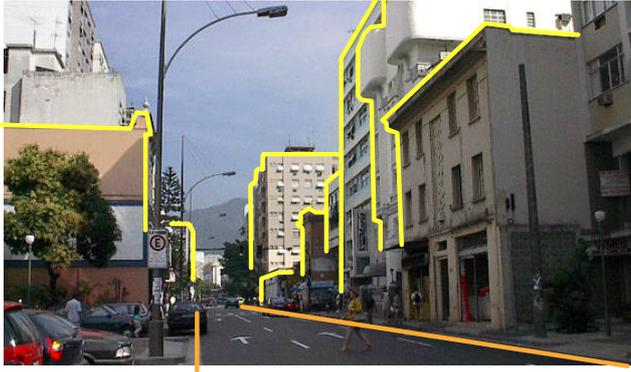


Figura 39 - Rua das Laranjeiras
Unidade urbana com disposição desordenada e não harmônica de volumes, gabarito e estilos das edificações, resultando num espaço urbano de leitura complexa, porém não valorizada



Figura 40 - Rua das Laranjeiras
Início da Rua Gago Coutinho com o Mercado São José na esquina. Aqui torna-se marcante o contraste das edificações tanto em termos estilísticos quanto de altura.

percurso a partir do Largo do Machado



Figura 41 - Rua Gago Coutinho. A rua segue o padrão retilíneo do tecido regular do bairro sem maiores atrativos. A caixa de rua é tomada pelos veículos estacionados se contrapondo à largura da calçada e ao pouco afastamento dos edifícios entre si com os planos de fachadas seguindo o mesmo ritmo e definindo a **perspectiva** da rua.



Figura 42 - Rua Gago Coutinho em frente ao Edifício Nova Cintra. O contraste da rua sombreada pelas copas das árvores e o plano de fundo define uma descontinuidade com um novo interesse, ainda desconhecido, sendo sugerido pela luz incidente.

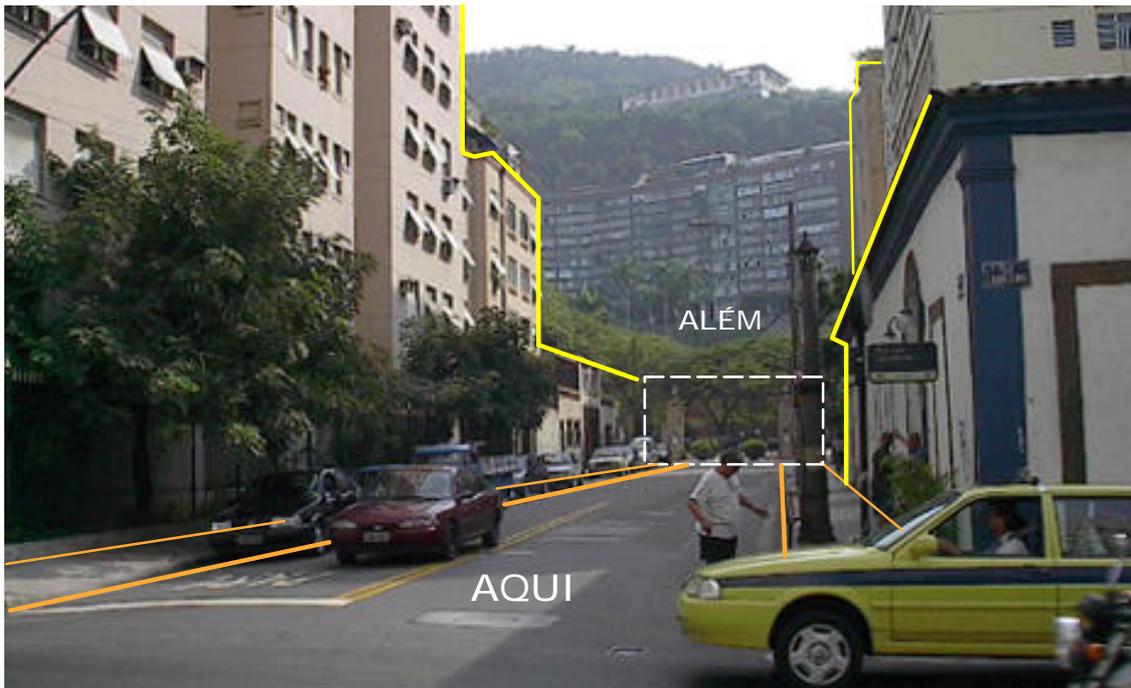


Figura 43 - Rua Gago Coutinho esquina com Rua das Laranjeiras
O AQUI representa a cidade formal conhecida - o ALÉM gera a expectativa do desconhecido adiante da massa arbórea. Tanto o edifício-muralha ao fundo quanto a edificação no cume da montanha mesclam-se à paisagem, não determinando pontos focais.



Figura 44 - Portão de entrada do Parque Guinle
O Portão atua como marco referencial, ponto nodal e limite entre o AQUI e o ALÉM.



Figuras 45a e 45b - A partir da transposição do Portal, ocorre uma brusca alteração da paisagem até então vivenciada.



Figura 46 - O percurso é pontuado pelo largo que se define como um **recinto** cuja **delimitação** é feita pelos edifícios modernistas e pela massa arbórea. A idéia de **antecipação** surge com a **continuidade** da rua em curva que foge ao padrão reticulado da parte de fora do Parque.

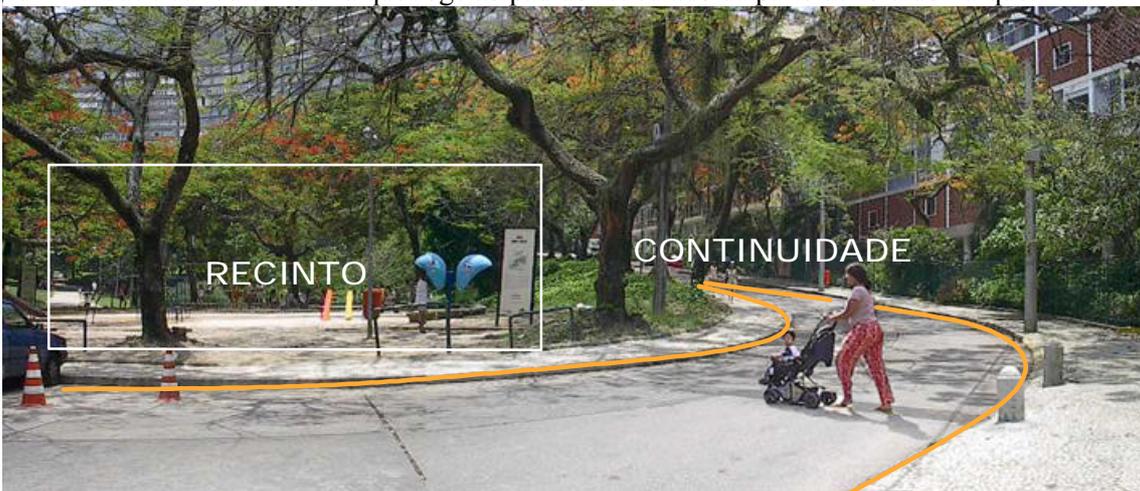


Figura 47 - Rua Paulo César de Andrade. As **linhas de força** curvilíneas e suavemente ascendentes, convidam a novas descobertas. Por outro lado, a definição de **recinto** também é percebida no parque delimitado pela massa de árvores, pela topografia e pelos edifícios, atraindo o caminhante a penetrá-lo.



Figura 48 - A relação entre o espaço público, semi-público e privado é direta e intensa. A rua curvilínea de tráfego tranquilo contorna **delimitando** o espaço verde do parque, sem prejuízo da visibilidade nem do acesso físico, limitado apenas pela forração vegetal. A sinuosidade das **linhas de força** convive em estreita harmonia com a geometria dos edificios modernistas.



Figura 49 - Como em Manchester Square, aqui está exemplificado o conceito de **urbanidade** -"a síntese da qualidade e do caráter da vida urbana: proporção, elegância e alta densidade, a par do requinte de um jardim público com vegetação exuberante" (Cullen, 1996:66)

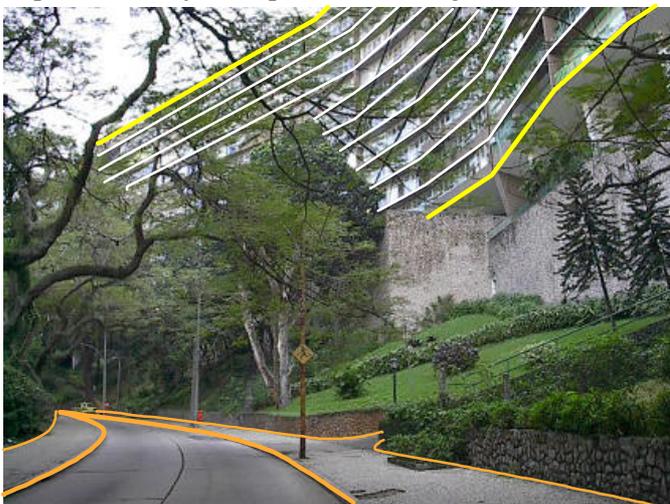


Figura 50 - Neste trecho a relação do edificio com a rua desaparece, ficando apenas uma sugestão de continuidade e de definição de um recinto maior - o próprio parque - delimitado pelos edificios, pela geografia e pela própria existência do Portal. O peso e a intensa horizontalidade do bloco edificado o transformam numa barreira inacessível, ao mesmo tempo que reforçam a iminente confluência com o final da curva.



Figura 51 - O verde das folhagens e das árvores se intensifica, camufla e suaviza a edificação brutalista.



Figura 52 - Curva final da Rua Paulo César Guimarães no ponto onde o edifício maior está mais próximo da via.



Figura 53 - Largo da Guarda e entrada do edifício brutalista - configura-se como um segundo **ponto nodal**, onde a paisagem atua com papel de destaque.



Figura 54 - Largo da Guarda do Palácio - **Chegada e continuidade**. O largo está delimitado pela densa vegetação e pelo portão da Guarda, que sugere o início de algo que está mais **além**, ocultando a **perspectiva** do Palácio.

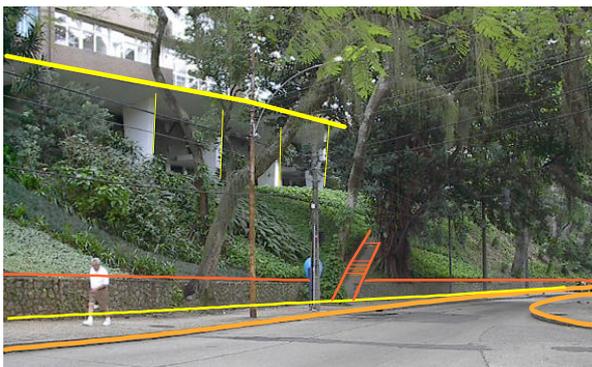


Figura 55 - O percurso de volta pela Rua Paulo César de Andrade, na sua parte mais alta, revela novos campos visuais...



Figura 56 - ...explicitando os acessos em rampa, as declividades acentuadas, a desconexão do edifício com a rua...

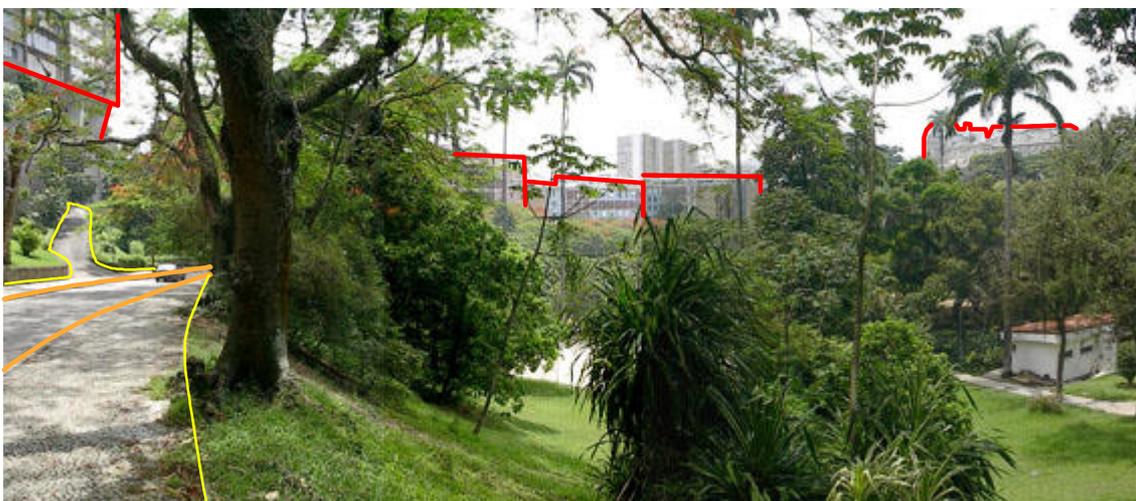


Figura 57 - ... e desvenda a magnífica paisagem para a qual o olhar é atraído. Nela se integram as edificações - o conjunto de Lúcio Costa, os blocos dos irmãos Roberto e o Palácio das Laranjeiras - que determinaram os três estágios de ocupação do lugar.



Figura 58 - Ao final do percurso, o retorno ao Portal - marco referencial do lugar. As definições territoriais e geográficas e a escala vivenciadas durante o trajeto configuram-se importantes aspectos da percepção e da sensação de **envolvimento, controle e domínio** dos usuarios em relação a este ambiente urbano - o Parque Guinle.

3.2.3 A População – Dados Censitários

Para melhor configurar o perfil populacional da área em estudo as tabelas contendo os dados censitários relativos à Área de Planejamento 2, à IV Região Administrativa e especialmente ao bairro das Laranjeiras, estão apresentadas no Anexo III. Como não existem dados censitários específicos para a área de nosso estudo, entendemos como válidos os dados referentes ao Bairro das Laranjeiras.

3.2.4 Questionários e Entrevistas – a Visão do Usuário

Durante os meses de setembro a dezembro de 2001, aplicamos o questionário (ver Anexo I) elaborado para a análise da percepção e cognição no Parque Guinle, com o objetivo de compreender as interações sociais do lugar e, finalmente, para a avaliar a dimensão *sentido* (ver item 2.2.2).¹³

O questionário foi aplicado a um total de 125 pessoas, cuja amostragem mostrou-se significativa na busca da visão do usuário do lugar. Deste total, três categorias de usuários foram classificadas e dividiram-se entre moradores, trabalhadores e visitantes.

A. Dados dos Entrevistados

Apresentamos nesta seção o perfil dos entrevistados considerando os dados de *sexo* e *faixa etária* em relação a todos os entrevistados e pelos três grupos classificados para análise – moradores, trabalhadores e visitantes.

- Sexo: 74 homens e 51 mulheres, numa proporção de 59% dos entrevistados do sexo masculino e 41% do sexo feminino
- Faixa Etária: 7 entrevistados (6%) com menos de 18 anos, 42 entrevistados (34%) de 18 a 30 anos, 64 entrevistados (50%) de 30 a 60 anos e 12 entrevistados (10%) acima de 60 anos.

Além do já comentado acima, destacamos as peculiaridades de cada grupo (para melhor visualização dos resultados vide Tabelas 13 e 14):

¹³ O método de elaboração e estruturação deste instrumento de pesquisa encontra-se explicitado no Capítulo 2 – Métodos e Instrumentos de Pesquisa.

Grupo de Moradores

- Sexo: masculino 50%; feminino 50%
- Faixa Etária: 5 entrevistados com menos de 18 anos, 10 entrevistados de 18 a 30 anos, 14 entrevistados de 30 a 60 anos e 5 entrevistados acima de 60 anos.

Grupo de Trabalhadores

- Sexo: masculino 70%; feminino 30%
- Faixa etária: 20 entrevistados de 18 a 30 anos, 24 entrevistados de 30 a 60 anos e 2 entrevistados acima de 60 anos.

Grupo de Visitantes

- Sexo: masculino 56%; feminino 44%
- Faixa Etária: 2 entrevistados com menos de 18 anos, 12 entrevistados de 18 a 30 anos, 26 entrevistados de 30 a 60 anos e 5 entrevistados acima de 60 anos

B. Análise dos Questionários

Pergunta 1. Em que bairro nós estamos?

A identificação do Bairro de Laranjeiras foi quase unânime nas respostas de todos os grupos de usuários (92%) do Parque Guinle, tanto dos moradores, quanto dos trabalhadores e visitantes. Houve apenas pouquíssimos respondentes que citaram bairros próximos, tais como Flamengo (3%) e Catete (1%). A localização do lugar está claramente definida para a maior parte dos que o utilizam, ainda que o bairro seja de passagem e o Parque Guinle esteja situado próximo a uma de suas extremidades.

Pergunta 2. Que lugar é este?

A maior parte dos usuários do Parque Guinle (90%) o identificou como tal, com apenas uma pequena parcela o denominando Parque Eduardo Guinle. Houve ainda alguns respondentes do grupo de trabalhadores que responderam Palácio das Laranjeiras, basicamente por lá trabalharem e estarem localizados no momento da aplicação da entrevista. Entendemos que há, como na pergunta anterior, grande identificação com o lugar por parte de seus usuários em termos de opção pelo lugar, pois tanto os moradores quanto os visitantes assim o fizeram ao optarem por ali morar ou lá visitarem a lazer ou descanso. No caso dos trabalhadores, esta identificação se mantém pois, apesar de lá estarem por obrigação de trabalho, a própria natureza de suas funções que faz com que vivenciem aquele ambiente de forma plena.

Pergunta 3. O que acha deste lugar?

A intenção desta pergunta aberta é a de obter as primeiras impressões ambientais sobre o lugar da forma menos direcionada possível. Por isso está colocada em terceiro lugar no questionário, antes mesmo das perguntas referentes à caracterização informal dos usuários do lugar. Sua análise abrange também o número total das respostas dos entrevistados, sem categorização por grupo de usuários. Isto se deu por ser uma questão aberta, dando assim margem a um número considerável de diferentes respostas com inclusive mais de um termo ou sentença caracterizando aquele ambiente urbano. Por esta razão fizemos uma correlação entre os termos e palavras utilizadas que possuíssem um mesmo sentido, tais como: *calmo*, *tranquilo* e *sossegado*, ou ainda, *bonito*, *lindo* e *de boa paisagem*. Não nos surpreendeu encontrar, após o exame das respostas, um grande número de adjetivos enfatizando as qualidades e os aspectos positivos sobre o lugar e poucas referências aos negativos. Obtiveram assim os maiores percentuais as respostas:

1º Muito Bom, ótimo ou legal para as crianças e para o lazer-	31%
2º Bom (para passear, morar, descansar, relaxar) -	28%
3º Bonito, muito bonito, lindo, de boa paisagem-	20%
4º Tranquilo, calmo, sossegado, seguro -	19%
5º Maravilhoso, excelente -	9%

Outras respostas salientaram as qualidades ambientais do lugar – “*agradável*”, “*muito gostoso*”, “*aprazível*” (6%) – e os aspectos relacionados às preferências pessoais dos entrevistados – “*adoro*”, “*gosto muito*” (6%).

Houve apenas um pequeno número de respostas relacionadas a aspectos negativos do Parque, comparando sua situação hoje a um passado mais glorioso do lugar – “*já foi melhor*”, “*podia ser melhor*” (2%) – ou ligadas à presença de mendigos – “*hotel dos pobres, largado*” (2%).

Pergunta 4. Se você mora ou trabalha aqui, há quanto tempo?

Relacionadas a caracterização dos respondentes, esta e as duas próximas perguntas visam conhecer o tipo de usuário do Parque Guinle, o que costuma fazer no lugar e com qual frequência o faz. Na pergunta 4 foram considerados apenas os grupos dos moradores e dos trabalhadores que têm uma permanência maior, diária ou quase diária, no lugar.

Quanto aos moradores, que nas entrevistas representam 27% dos respondentes, há uma parcela considerável que fez a opção de ali morar há mais de vinte anos (23%) e outra parte ainda em maior número (32%) mora no Parque Guinle há mais de dez anos, o que vem demonstrar que em nossa amostragem, mais da metade dos moradores entrevistados possui uma boa vivência no lugar. Os trabalhadores, ao contrário dos moradores, estão instalados no lugar há menos de 5

anos em sua maioria (63%), sendo de 20% mantêm-se no mesmo emprego e local há mais de 5 anos e outros (13%), representados pelos porteiros e zeladores dos edifícios, há mais de 10 anos.

Perguntas 5 e 5.1. Se você não mora nem trabalha aqui, o que normalmente vem fazer? Com qual frequência?

Apesar de estar mais relacionada aos visitantes, foram também consideradas nesta pergunta as respostas dos outros dois grupos – moradores e trabalhadores – que encontram-se no Parque Guinle diariamente porém o vivenciam de forma diferenciada, visando conhecer sua intenção ou opção ao freqüentar o lugar.

Obtivemos dos moradores como intenção principal o uso do Parque como percurso de ida e volta para casa (48%), principalmente dos moradores dos blocos no final da rua, que o fazem pelo seu interior, atravessando seus caminhos aprazíveis. Apenas alguns poucos moradores (15%) vêm ao parque para descansar, relaxar ou encontrar amigos e uma parcela ainda menor vem ao parque para trazer seus animais de estimação, normalmente cachorros, para passear (10%). A mesma quantidade de moradores (10%) o freqüenta com a intenção de realizar atividades intelectuais que exijam tranquilidade e silêncio como ler e pensar. Apesar de que a maioria dos moradores entrevistados fez a opção pessoal de ali morar e há muito tempo, como consta na pergunta 4, sua presença no parque teve um registro baixo em relação aos outros grupos. Consideramos a hipótese de que esses moradores possuem uma relação mais contemplativa com o parque, pois a partir das janelas de seus apartamentos vislumbram a paisagem magnífica e ampla por sobre as árvores o que lhes confere um domínio subjetivo sobre o lugar.

No caso dos trabalhadores, sua presença no Parque parece estar diretamente relacionada a sua função, já que a grande maioria ali se encontra por ser simplesmente seu local de trabalho (65%), e muitas vezes também de moradia no caso de porteiros e empregadas domésticas, o que não necessariamente denota uma opinião negativa sobre o lugar, como pode ser avaliado nas perguntas seguintes. A segunda forma mais citada de utilização do parque é como local onde os trabalhadores relaxam e descansam de suas atividades rotineiras nos intervalos de suas funções e por ali encontrarem a paz e a tranquilidade almejadas e por gostarem do lugar (17%). O percurso de ida e volta para casa foi a terceira razão mais citada (13%) de sua utilização, cortando caminho num atalho pelo interior do Parque entre o início (parte baixa) e o final (parte alta) da Rua Paulo César de Andrade.

Já os visitantes demonstraram em suas respostas que optaram pelo lugar para atividades de lazer e recreação e por suas qualidades ambientais. Passear, ler, pensar (33%) e trazer as crianças para brincar no parque (33%) foram as razões mais citadas, sempre acompanhadas de interjeições positivas relativas ao lugar, tais como “*é muito agradável para passear*”, ou “*as*

crianças gostam muito de vir brincar aqui”!, e ainda “*não há melhor lugar para pensar na vida*”. A frequência de grande parte deste grupo nas visitas ao parque, sendo majoritariamente moradores das proximidades do Parque Guinle, se dá semanalmente e pelo menos 2 vezes por semana (40%). Uma parcela menor o visita de três a quatro dias por semana (16%) e há ainda os moradores das áreas próximas que vêm todos os dias para passear e trazer as crianças e/ou os cachorros (13%). Os visitantes menos frequentes foram os moradores de outros bairros ou de áreas mais distantes e os turistas, que o visitam raramente, mas que também demonstraram ao final uma impressão positiva do lugar.

Pergunta 6/7/8. Por estarem relacionadas às imagens mentais dos respondentes e por identificarem elementos e atributos destas imagens, as próximas perguntas foram agrupadas e analisadas em conjunto. Assim pudemos identificar aspectos comuns e disparidades e melhor configurar os elementos que definem a qualidade do lugar:

- a. Aspectos positivos
- b. Aspectos negativos
- c. Aspectos físicos
- d. Aspectos pessoais

Buscamos identificar os atributos que configurassem uma mesma idéia ou sentimento e se havia uma conotação positiva ou negativa em relação à mesma. Assim foram classificados e categorizados num mesmo aspecto termos semelhantes relacionados a um conceito mais amplo, tais como: tranquilidade – *calmo, sossegado, paz, descanso* – e beleza – *belo, bonito, paraíso, paisagem bonita*. Muitas vezes os respondentes empregaram mais de um termo ou palavra em suas respostas, portanto as médias percentuais representam o índice de citações de cada aspecto em relação ao total de respondentes, podendo ultrapassar a este total quando agrupados.

Pergunta 6. Diga a primeira coisa que vem à sua cabeça quando pensa no Parque Guinle:

- a. Aspectos positivos: tranquilidade, qualidades visuais e de ambiência (62%)
- b. Aspectos negativos: falta de manutenção, degradação (5%)
- c. Aspectos físicos: natureza, arborização, prédios, Palácio (25%)
- d. Aspectos pessoais: lembranças, infância (8%)

Pergunta 7. Se fosse descrever para alguém este lugar, o que diria?

- a. Aspectos positivos: tranquilidade, beleza, qualidades visuais e ambientais, qualidades recreativas e de lazer, qualidades de moradia (68%)

- b. Aspectos negativos: falta de manutenção, degradação, insegurança (5%)
- c. Aspectos físicos: natureza, arborização, prédios, Palácio (25%)
- d. Aspectos pessoais: lembranças, infância, romance (3%)

Pergunta 8. Diga o que melhor representa, para você, o Parque Guinle

- a. Aspectos positivos: tranquilidade, beleza, qualidades visuais e ambientais, qualidades recreativas e de lazer, qualidades de moradia (44%)
- b. Aspectos negativos: (0%)
- c. Aspectos físicos: natureza, arborização, prédios, Palácio (53%)
- d. Aspectos pessoais: lembranças, infância, romance (3%)

Pergunta 9. Nas afirmativas abaixo, relativas ao PARQUE GUINLE, indique o quanto você concorda com elas, marcando um X seguindo a escala abaixo

Os seis itens analisados da pergunta relacionam algumas das características específicas do lugar e sem relação entre si. Os usuários avaliaram as afirmativas através de pontuação por escala de valores com índices variando de -3 a +3, representando sua discordância ou a concordância com as afirmativas. Os índices médios foram:

A comunidade deveria ser mais atuante nas questões relacionadas...	+2,51
O Parque é agradável com edifícios e paisagens bonitas-	+2,50
O Parque está mal situado com poucas opções de comércio e serviços -	-1,77
Há poucas opções de lazer e recreação -	-0,70
O parque precisa de ponto social central -	-0,97
Gostaria de mudar de bairro -	-1,41

A pontuação positiva ou negativa indica a preferência média dos grupos de entrevistados, não estando relacionada com aspectos positivos ou negativos do lugar e sim com a opinião sobre as questões levantadas. No primeiro item, a respeito da atuação da comunidade sobre aspectos de conservação, manutenção e melhorias do Parque não houve muita variação entre o índice médio e o índice por grupos. Os respondentes (89%) consideram que a comunidade deveria atuar de forma mais intensiva nestas questões. Alguns relacionaram a atuação da Associação de Moradores de Laranjeiras como insatisfatória, mas de modo geral não houve menção à própria atuação do respondente sobre o assunto.

A opinião geral que prevalece sobre a estética e ambiência do parque é positiva na avaliação dos grupos que em sua maioria concordaram com as afirmativas (94%), com poucos (6%) discordando com a qualidade estética dos edifícios modernistas. Já nos itens seguintes onde as avaliações foram negativas, houve discordância significativa sobre a falta de opções de comércio

e serviços, pois de fato o Parque está situado num bairro bem servido nestes aspectos e se encontra próximo a supermercados, magazines, cinemas, centros comerciais e a um comércio local sortido e diversificado. O grupo dos trabalhadores, neste item, foi o que mais reduziu o índice com a maior parte concordante (71%) e um menor número de respondentes, principalmente os trabalhadores dos edifícios mais altos e do Palácio discordante (21%).

Sobre as opções de lazer e recreação as opiniões divergiram e situaram-se numa média de discordância próxima ao zero. Isto pode ser devido ao fato que para as crianças há equipamentos e o próprio espaço físico do parque, mas para adolescentes e adultos não existem muitas opções. Os trabalhadores foram os que mais divergiram atingindo o índice parcial 0 na avaliação e tanto os moradores (68%) quanto os visitantes (61%) discordaram da afirmativa em maior ou menor grau.

A maioria dos entrevistados discordou da necessidade de um ponto social central, com os moradores (79%) atingindo o maior índice (-2), e os visitantes divididos entre a necessidade (40%) e a discordância de haver um centro social no Parque (45%).

Houve maioria absoluta entre os moradores do Parque Guinle (94%) e entre os visitantes que residem nas proximidades do lugar, no mesmo bairro de Laranjeiras (62%), quanto à discordância em mudar de bairro, cujo índice foi negativo (-1,41). Nesta análise não foram computadas as respostas dos trabalhadores entrevistados que estão no bairro por ser seu local de trabalho e não por opção. São muitos os usuários do Parque Guinle que moram no bairro das Laranjeiras por opção e há muitos anos, conforme demonstram os resultados da Pergunta 4, gostam do lugar, ali criaram laços familiares e sociais e a ele se afeiçoaram. As poucas concordâncias (6%) com a mudança de bairro partiram de jovens, tanto moradores quanto visitantes, em busca de um outro estilo de morar, mais próximo à orla da zona sul carioca ou na Barra da Tijuca.

Pergunta 10. Ordene os 10 elementos físicos que melhor caracterizam este lugar

Como resposta a esta pergunta, os respondentes listaram por ordem de preferência, do mais ao menos importante, os dez elementos físicos mais característicos do Parque Guinle. Na tabulação dos dados a cada elemento foi atribuído um valor de 1 a 10 conforme a ordem de importância dada pelo entrevistado. Ao final chegamos a índices parciais, por grupo de usuários, e a um índice geral que determinou a pontuação final de cada elemento. A tabela e o gráfico em anexo relativos à questão apresentam os resultados por grupo que geraram as médias finais conforme abaixo:

1°	Arborização.....	7,87
2°	Parque.....	6,77

3º	Palácio.....	6,12
4º	Todo o conjunto.....	6,05
5º	Portal.....	5,08
6º	Morros em volta.....	5,02
7º	Relação dos edifícios com o parque...	4,82
8º	Edifícios.....	4,41
9º	Relação dos edifícios entre si.....	4,04
10º	Ruas.....	3,89

Fica clara, conforme os resultados apontaram, a predominância da arborização na ordem de importância dos elementos físicos listados. A vegetação exuberante, tanto do Parque Guinle quanto das ruas do entorno – Paulo César de Andrade e Gago Coutinho – representa um contraponto aos tons acinzentados e ao ar poluído da cidade em volta. O parque é visto como “*um pulmão verde*”, conforme citaram alguns visitantes ou um “*pedaço da natureza*”, conforme outro morador do lugar.

Não houve discrepâncias ou divergências relevantes nos resultados obtidos, sendo que pode ser observada uma maior pontuação pelos visitantes nos elementos avaliados em primeiro e em segundo lugar de importância, a arborização (índice parcial 8,33) e o parque (índice parcial de 7,64), cujos índices excederam a média geral acima listada. Este resultado pode estar relacionado ao fato de que o parque representa o lugar de descanso, de lazer, o refúgio do cotidiano e o momento de paz para este grupo, para o qual a maior motivação de ali estar é o próprio parque e sua densa arborização.

Uma observação interessante foi no grupo dos moradores a pontuação dada ao elemento “todo o conjunto” elegendo-o como de maior relevância (7,12 pontos), ultrapassando a média geral do terceiro lugar, o Palácio (6,12 pontos), que obteve pontuação homogênea entre os três grupos. Ainda que demonstrem ter uma boa legibilidade e identificação com o lugar, deixam de estar atentos aos seus detalhes e pormenores pela repetição destes elementos em seu dia a dia, considerando assim o ambiente físico como um todo mais importante que as suas partes.

Dos elementos que obtiveram da quinta a sétima colocação na ordem de importância dos entrevistados, as médias praticamente se igualaram entre os grupos, indicando que possuem um grau aproximado de observação, distinção e de escala de valores de determinados elementos.

Já no que se refere aos edifícios, elemento que obteve o oitavo lugar na pontuação geral (4,41 pontos), a menor pontuação foi atribuída pelos próprios moradores (3,58 pontos) contra a maior (5,00 pontos) dos visitantes, causando um estranhamento quanto a este resultado. Temos porém dois aspectos a serem considerados que possam justificar o fato de os moradores avaliarem tão por baixo seu lugar de moradia. No momento das entrevistas os respondentes eram abordados na

rua ou no interior do parque, em sua maioria. Houve baixa ocorrência de moradores no parque, sendo que muitos foram abordados na rua, entrando ou saindo dos edifícios, muitas vezes com pressa ou compromissos com hora marcada. Como os visitantes estavam desfrutando momentos de lazer, dispuseram de tempo livre para responder ao questionário. Por isso, em suas respostas, os moradores muitas vezes atribuíram valores aos primeiros elementos, sem considerar os restantes aos quais foi atribuído o menor valor na pontuação. Outra razão é a existência do bloco maior edificado no alto da rua, cuja imagem mostrou-se negativa perante os moradores dos edifícios tombados de Lúcio Costa, ao qual muitos fizeram menção ao responder à questão. Este fato pode explicar também a baixa pontuação do elemento “relação dos edifícios entre si”, não somente para os moradores, como para os outros grupos.

As ruas, último elemento em importância na pontuação geral, possuem fraca representatividade perante os outros elementos de forte impacto visual e ambiental presentes neste lugar urbano.

Pergunta 11. A seguir há uma lista de coisas relativas a este lugar. Marque o quanto é positiva ou negativa a sua opinião sobre cada uma delas

Mantivemos aqui a mesma pontuação por escala de valores da pergunta 9, que será utilizada também na pergunta 12, de modo a se conhecer a média entre os grupos entrevistados. Os resultados obtidos estão abaixo listados:

1º	Arborização.....	2,63
2º	Estética do lugar.....	2,55
3º	Portal do Parque.....	2,41
4º	Circulação de micro-ônibus.....	1,60
5ª	Afastamento dos prédios	1,56
6º	Altura dos prédios do parque.....	1,54
7º	Comércio na Gago Coutinho.....	1,54
8º	Estética dos prédios do parque.....	1,50
9º	Largura da rua do parque.....	1,22
10º	Largura das outras ruas.....	1,04
11º	Largura da calçada do parque.....	0,74
12º	Estacionamento.....	0,60
13º	Largura das outras calçadas.....	0,45

Todos os índices, parciais e gerais foram positivos, com ênfase nos três primeiros, relacionados aos aspectos ambientais, visuais e históricos do lugar – arborização, estética e o Portal. Este resultado vem confirmar os da pergunta 10, onde a arborização é indicada como o elemento físico

mais importante do lugar, seguidos do parque, do Palácio, todo o conjunto – aspectos estéticos e históricos – e, mais uma vez o Portal.

Os itens relativos às edificações – gabarito, afastamentos, estética – obtiveram uma pontuação média (acima de 1,50 pontos), sendo aprovados pelos usuários, principalmente os projetados por Lúcio Costa, com algumas ressalvas feitas ao maior e mais alto da parte superior do parque. A circulação de micro-ônibus também foi um item que obteve aprovação da maioria, por ser o único meio para muitos de atingir as ruas acima do Parque Guinle, apesar do ruído que o motor emite ao passar.

Com respeito às características das ruas do parque e do entorno – larguras, calçadas, estes foram os itens cuja pontuação atingiu os índices mais baixos, ainda que positivos. A Rua Gago Coutinho é considerada estreita na caixa de rolamento, ocupada pelo estacionamento irregular e muitas vezes em fila dupla, e também nas calçadas, principalmente junto à Rua das Laranjeiras. Já as ruas e calçadas do Parque obtiveram uma pontuação um pouco melhor, ainda que abaixo do índice 1,50. O estacionamento – aspecto que mais dividiu a opinião dos usuários – obteve uma pontuação baixa, muitos citando o pouco número de vagas na área do Parque – apenas 10 vagas no largo do Portal – e a grande quantidade de carros estacionados regular ou irregularmente ao longo da Rua Gago Coutinho. Para a maioria porém, cujo percurso é feito a pé (visitantes que moram nas proximidades) ou possuem vagas nas garagens (moradores) este não representa um aspecto negativo.

Pergunta 12. Em relação a este lugar, marque o quanto você concorda com as afirmações abaixo.

1º	Feio/Bonito.....	2,73
2º	Ruim/Bom.....	2,72
3º	Ruim/Bom para morar.....	2,59
4º	Agressivo/Acolhedor.....	2,54
5ª	Desconfortável/confortável.....	2,50
6º	Desvalorizado/Valorizado.....	2,39
7º	Intranquilo/tranquilo.....	2,37
8º	Quente/Ameno.....	2,11
9º	Mal/Bem freqüentado.....	1,98
10º	Barulhento/Silencioso.....	1,71
11º	Inseguro/Seguro.....	1,24
12º	Sujo/Limpo.....	1,03
13º	Ruim/Bom para trabalhar.....	0,78
14º	Mal conservado/bem conservado.....	0,67

- 15° Mal/Bem equipado..... 0,63
 16° Mal/Bem iluminado..... 0,18

Não houve nenhum índice geral negativo, embora nas médias parciais por grupos tenha ocorrido um valor negativo. A menor média foi relativa à afirmação “mal iluminado/bem iluminado”. Neste item, tanto visitantes quanto trabalhadores indicaram índice zero por não terem por hábito permanecer no lugar após o cair da noite e não saberem portanto se o local é bem ou mal iluminado. Quanto aos moradores, muitos informaram que o interior do parque é mal iluminado, porém a iluminação das ruas é suficiente, mantendo a média próxima do zero. Outro aspecto que teve baixa pontuação foi “mal equipado/bem equipado”, único item onde houve pontuação negativa por parte dos visitantes, sugerindo que o parque necessita de mais equipamentos de suporte ao lazer e esportivos, como sanitários, quiosques, mais equipamentos para ginástica e até mesmo uma quadra esportiva, sendo indicado inclusive por alguns entrevistados equipamentos de iluminação mais adequados, corroborando o item relativo à iluminação. Já para os moradores, que são os que menos freqüentam o parque, o mesmo é relativamente bem equipado.

A razão de a pontuação do item relativo a “ruim para trabalhar/bom para trabalhar” ter sido uma das mais baixas pode ser explicada pelas características de uso do solo do lugar. Como o Parque Guinle é um lugar majoritariamente residencial, muitos dos entrevistados, entre moradores e visitantes, optaram por não avaliar este item por não trabalharem ali. Já os trabalhadores em sua maioria deram a pontuação máxima, indicando ser ali um ótimo local de trabalho.

Quanto à limpeza urbana e à conservação – itens “sujo/limpo” e “mal conservado/bem conservado”, os visitantes têm uma opinião menos positiva, puxando o índice para baixo, pois são os que mais usam o parque. Reclamam principalmente dos cachorros, cujos donos fazem de determinadas áreas do parque ponto de encontro dos animais, que ali fazem suas necessidades fisiológicas. Os mendigos que ocupam a parte alta do parque também foram muito citados como agentes de sujeira e mal cheiro. A conservação e a manutenção do parque por parte do poder público deveria ser mais eficiente, principalmente no que diz respeito à poda das árvores e aos cuidados com os jardins, o lago (e o animais) e os cursos d’água que atravessam o parque. No item relativo a “inseguro/seguro”, mais uma vez os mendigos foram citados como o principais agentes de insegurança no local, principalmente por parte dos trabalhadores que se utilizam dos caminhos do parque que cruzam os recônditos onde os “*inconvenientes moradores*” permanecem.

Todos os demais itens obtiveram pontuação positiva (acima da média 1,5), qualificando e valorizando os aspectos ambientais do lugar na percepção de seus usuários.

Pergunta 13. O que você gostaria que fosse verdade?

- 1° Que houvesse mais guaritas da polícia militar 74%

2º	Que houvesse mais áreas esportivas.....	72%
3º	Que houvesse mais áreas de lazer.....	69%
4º	Que houvesse mais estacionamento nas ruas.....	60%
5ª	Que houvesse mais e modernas lojas e salas comerciais na rua Gago Coutinho.....	56%
6º	Que no portal da rua Gago Coutinho tivesse cancela de segurança.....	46%
7º	Que o Parque fosse gradeado.....	34%
8º	Que todas as ruas fossem de paralelepípedo	19%
9º	Que fossem construídos prédios mais altos e modernos no parque.....	9%
10º	Manutenção:Brinquedos, Lagos, Portal / + Banheiro.....	3%
11º	Recanto para cães, pela sujeira deles / Proibido cães.....	3%
12º	Quebra molas na saída e na entrada, + sinalização de mão dupla.....	1%
13º	Redutor de velocidade sem ser quebra molas.....	1%

Ainda que a questão da segurança tenha obtido uma pontuação baixa, porém positiva, conforme visto na pergunta anterior e tenha sido citada poucas vezes ao longo do questionário , aqui ela representa o desejo da maioria de ter mais policiamento em toda área do Parque Guinle (74%). Consideramos que esta expectativa existe, não por ser o Parque um lugar inseguro, ou que exponha os usuários a riscos, mas por ser um problema inerente a cidade em geral onde todos sofremos com a falta de segurança.

Outro aspecto que merece atenção é a demanda por mais áreas esportivas no Parque Guinle, que atenda às necessidades de grupos específicos, como os adolescentes e os adultos, que obteve uma média de 82% de respostas positivas entre os trabalhadores e visitantes. Para os moradores entretanto esta não é uma demanda prioritária com 52% dos votos, o que dividiu o índice geral, atingindo 72%.

O Parque Guinle possui uma extensa área adequada ao lazer e à contemplação. Ainda assim a demanda por mais áreas de lazer atingiu o índice geral de 69%. Entendemos que esta demanda confunde-se com a demanda acima por mais áreas esportivas e de atividades afins, de modo que atendam aos outros grupos que atualmente não costuma freqüentá-lo. Consideramos esta uma reivindicação justificada, principalmente porque há no interior do Parque alguns trechos sub-utilizados ou semi-abandonados que poderiam ser melhor aproveitados em sua ocupação, beneficiando assim a todos os grupos de usuários.

O quesito “estacionamento” mais uma vez dividiu o índice geral, confirmando o resultado apresentado na questão 11, sendo uma demanda principalmente dos trabalhadores (78%) e dos visitantes (62%), não obtendo a mesma representatividade dos moradores (39%). Outra divisão entre os grupos surgiu na análise da demanda por mais comércio e escritórios na Gago Coutinho.

Aqui os trabalhadores apresentaram a maior aprovação (72%) por isto representar mais empregos e mais facilidades no local. Os visitantes se dividiram (51%) pois muitos moram nas proximidades e isto poderia tirar a tranqüilidade da rua, ainda que para a outra metade representasse mais opções de comércio. Os moradores foram os que menos aprovaram a afirmativa (45%).

O índice geral foi baixo e manteve uma homogeneidade entre os grupos no quesito “cancela no Portal” (46%), com a desaprovação da afirmativa. Também a instalação de gradis em torno do Parque ao longo da Rua Paulo César de Andrade obteve desaprovação geral (34%). Tanto a instalação de cancela quanto o gradeamento do parque poderiam representar um cerceamento de seu livre acesso para todos. O aspecto estético é relevante aqui, pois criaria uma ruptura entre os edifícios e a rua que para ele se abrem numa relação direta e harmônica conforme já demonstrado na nossa visão pessoal (vide Painéis Analíticos dos Percursos Perceptivos – item 3.2.2).

C. Tabelas e Gráficos

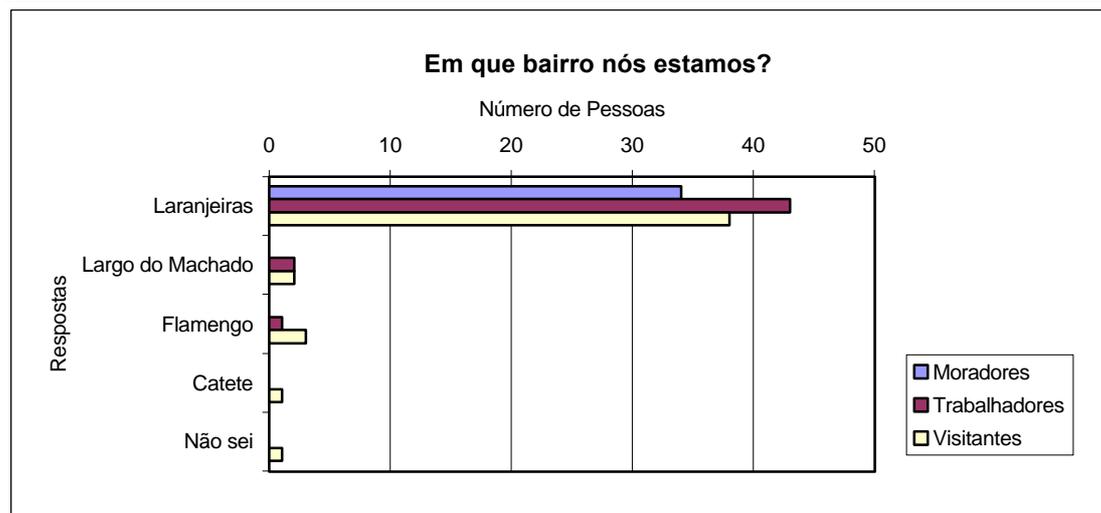
Nas próximas páginas são apresentados a compilação dos dados apurados e tabulados das questões abertas e fechadas e das questões avaliadas por pontuação em escala de valores do questionário. Ainda que não tenha sido dado tratamento estatístico em função da característica qualitativa da análise, a apresentação de seus resultados em forma de Tabelas e Gráficos¹⁴ auxilia na visualização e facilita a compreensão dos mesmos.

¹⁴ As tabelas e gráficos foram elaborados em planilha eletrônica através do programa “Microsoft Excel for Windows”, versão do Microsoft Office 2000.

TABELA 1 - Imagens Mentais - Pergunta 1

Em que bairro nós estamos?

Item	Respostas	Moradores	Trabalhadores	Visitantes	Média %
1	Laranjeiras	34	43	38	92%
2	Largo do Machado	0	2	2	3%
3	Flamengo	0	1	3	3%
4	Catete	0	0	1	1%
5	Não sei	0	0	1	1%
	Total de respondentes (n)	34	46	45	100%

**TABELA 2 - Imagens Mentais - Pergunta 2**

Que lugar é este ?

Item	Respostas	Moradores	Trabalhadores	Visitantes	Média %
1	Parque Guinle	33	41	38	90%
2	Parque Eduardo Guinle	1	1	5	6%
3	Palácio das Laranjeiras	0	3	0	2%
4	Parque	0	1	1	2%
5	Não sei	0	0	1	1%
	Total de respondentes (n)	34	46	45	100%

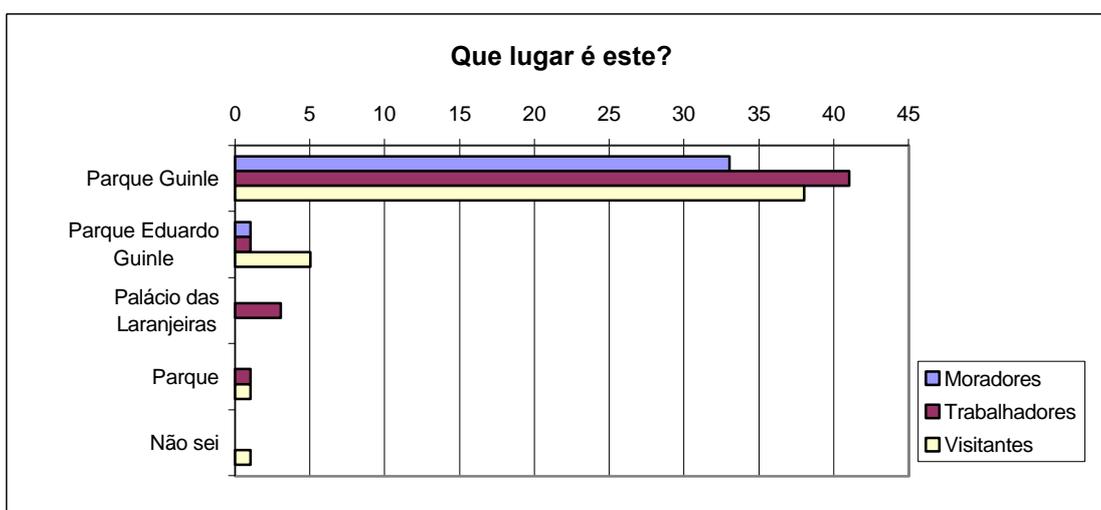
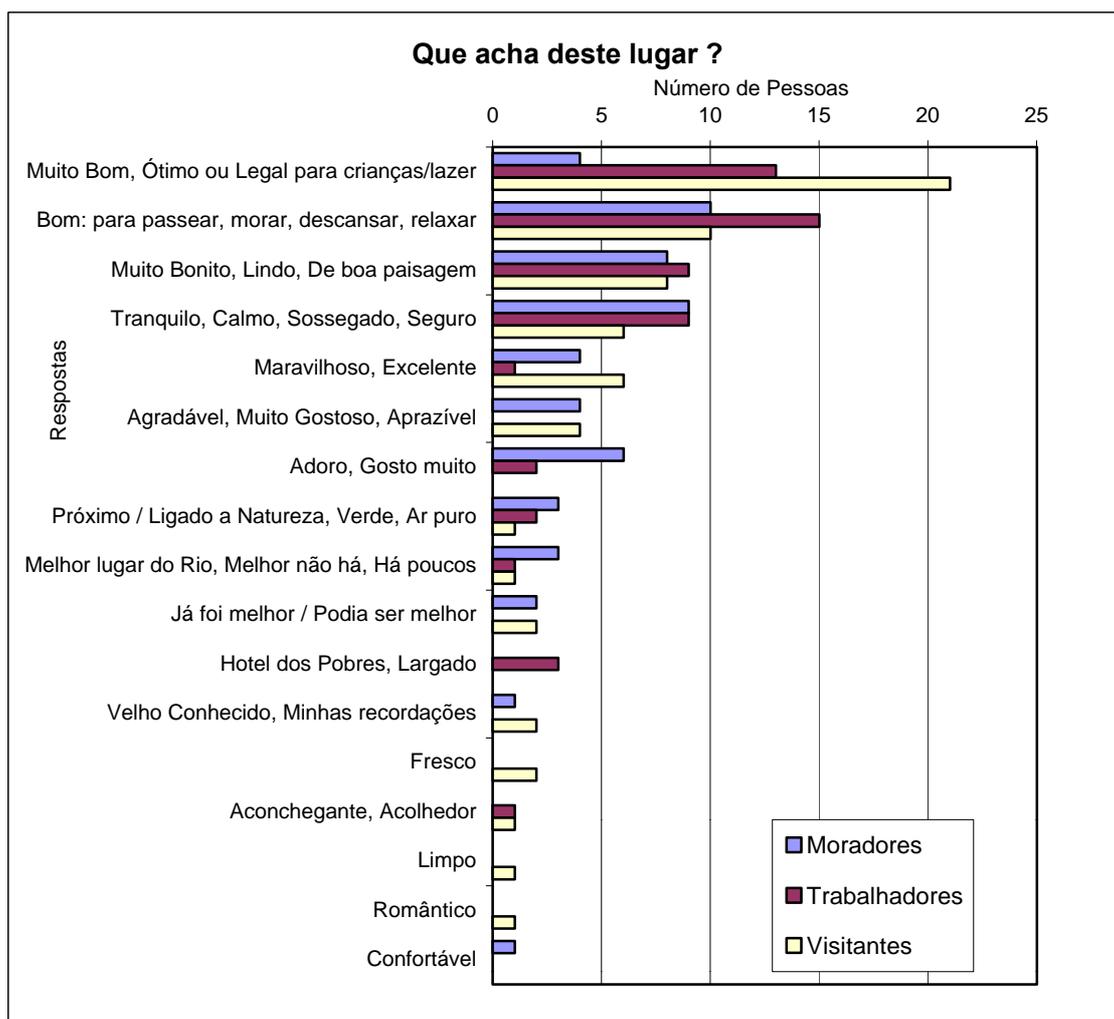


Tabela 3 - Impressões Ambientais - Pergunta 3

Que acha deste lugar?

	Respostas	Moradores	Trabalhadores	Visitantes	%
1	Muito Bom, Ótimo ou Legal para crianças/lazer	4	13	21	58%
2	Bom: para passear, morar, descansar, relaxar	10	15	10	48%
3	Muito Bonito, Lindo, De boa paisagem	8	9	8	34%
4	Tranquilo, Calmo, Sossegado, Seguro	9	9	6	31%
5	Maravilhoso, Excelente	4	1	6	14%
6	Agradável, Muito Gostoso, Aprazível	4		4	10%
7	Adoro, Gosto muito	6	2		8%
8	Próximo / Ligado a Natureza, Verde, Ar puro	3	2	1	7%
9	Melhor lugar do Rio, Melhor não há, Há poucos	3	1	1	6%
10	Já foi melhor / Podia ser melhor	2		2	5%
11	Hotel dos Pobres, Largado		3		5%
12	Velho Conhecido, Minhas recordações	1		2	4%
13	Fresco			2	3%
14	Aconchegante, Acolhedor		1	1	3%
15	Limpo			1	2%
16	Romântico			1	2%
17	Confortável	1			1%



n= 125 respondentes

Tabela 4 - Caracterização dos Respondentes - Pergunta 4
 Se é morador ou trabalha aqui, há quanto tempo?

Item	Tempo de residência/trabalho	Moradores	Trabalhadores
1	< 5 anos	8	29
2	5 a 10 anos	7	9
3	10 a 20 anos	11	6
4	> 20 anos	8	2
	Total	34	46

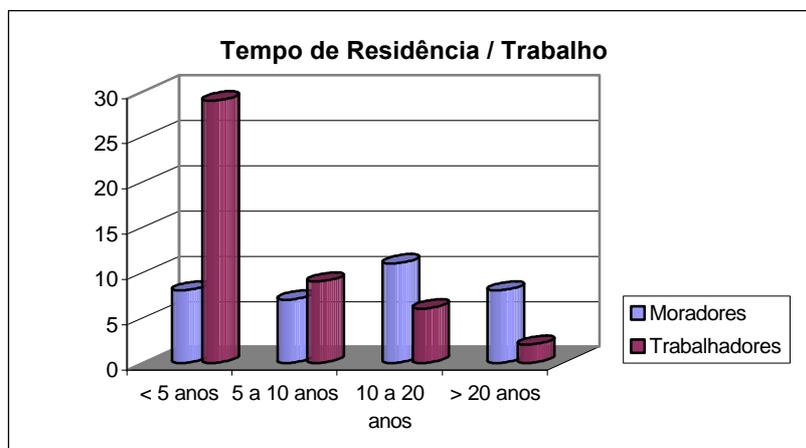
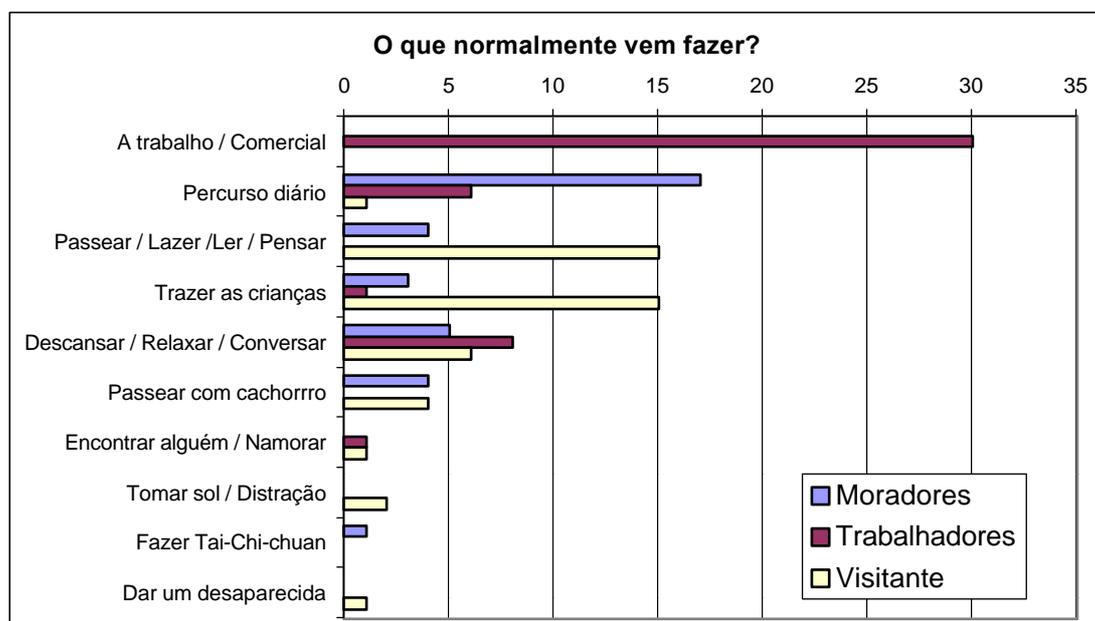


Tabela 5 - Caracterização dos respondentes - Pergunta 5

O que normalmente vem fazer ?

		Moradores	Trabalhadores	Visitante	Média
1	A trabalho / Comercial	0	30	0	24%
2	Percurso diário	17	6	1	19%
3	Passear / Lazer /Ler / Pensar	4	0	15	15%
4	Trazer as crianças	3	1	15	15%
5	Descansar / Relaxar / Conversar	5	8	6	15%
6	Passear com cachorro	4	0	4	6%
7	Encontrar alguém / Namorar	0	1	1	2%
8	Tomar sol / Distração	0	0	2	2%
9	Fazer Tai-Chi-chuan	1	0	0	1%
10	Dar um desaparecida	0	0	1	1%
	Total de respondentes (n)	34	46	45	100%



n= 125 respondentes

Tabela 5a - Caracterização dos respondentes - Pergunta 5.1

Com qual freqüência?

	Freqüência	Visitantes
1	Raramente	4
2	1 a 2 vezes p/ mês	4
3	3 a 4 vezes p/ mês	2
4	1 a 2 vezes p/ semana	18
5	3 a 4 vezes p/ semana	7
6	5 a 6 vezes p/ semana	4
7	Diariamente	6
	Total de respondentes (n):	45

n= 45 respondentes

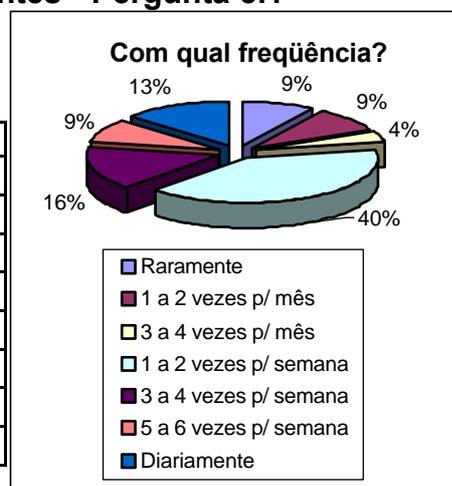


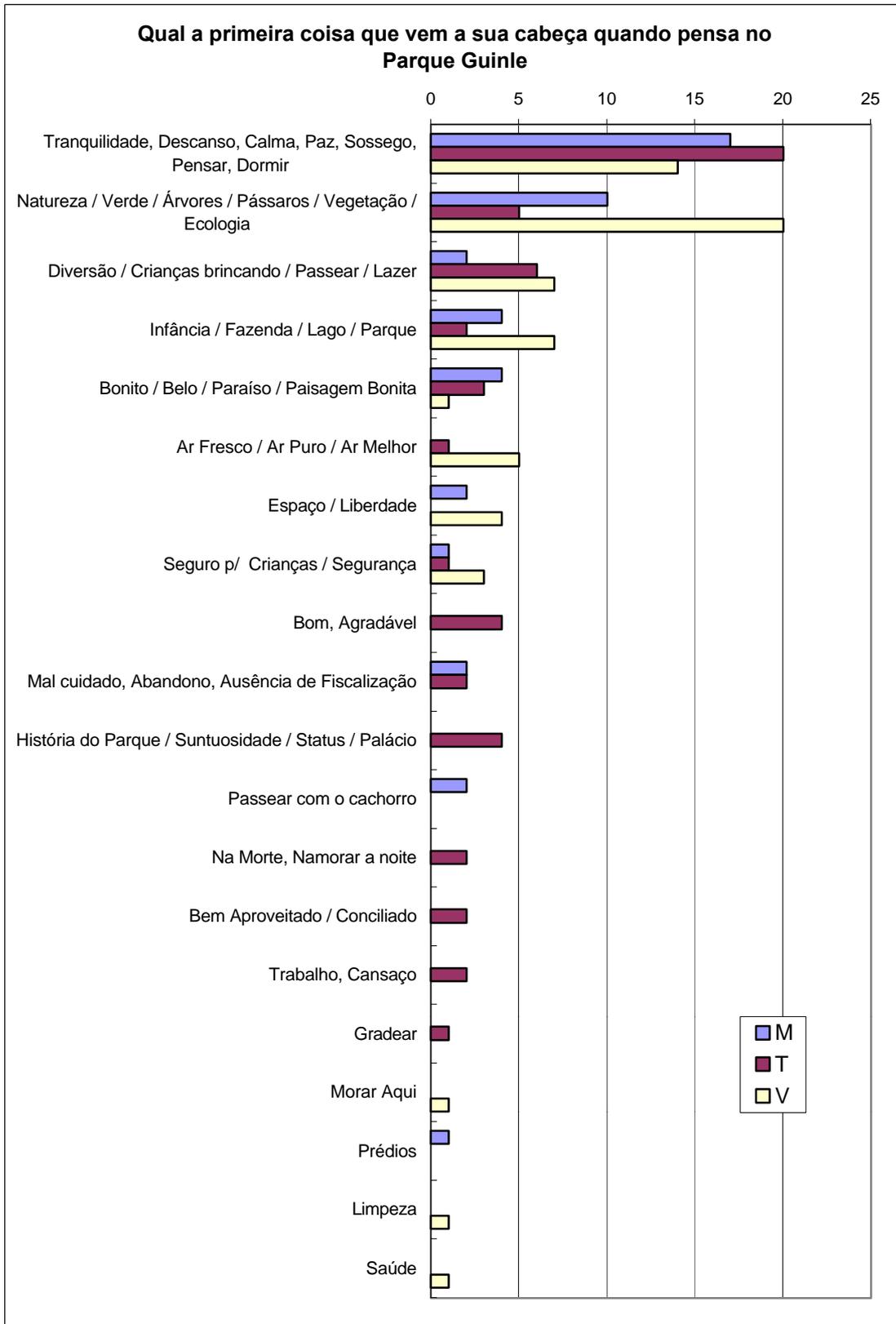
Tabela 6 - Imagens Mentais - Pergunta 6

Qual a primeira coisa que vem à sua cabeça quando pensa no Parque Guinle?

	<i>Respostas abertas</i>	<i>M</i>	<i>T</i>	<i>V</i>	<i>Média</i>
1	Tranquilidade, Descanso, Calma, Paz, Sossego, Pensar, Dormir	17	20	14	41%
2	Natureza / Verde / Árvores / Pássaros / Vegetação / Ecologia	10	5	20	28%
3	Diversão / Crianças brincando / Passear / Lazer	2	6	7	12%
4	Infância / Fazenda / Lago / Parque	4	2	7	10%
5	Bonito / Belo / Paraíso / Paisagem Bonita	4	3	1	6%
6	Ar Fresco / Ar Puro / Ar Melhor		1	5	5%
7	Espaço / Liberdade	2		4	5%
8	Seguro p/ Crianças / Segurança	1	1	3	4%
9	Bom, Agradável		4		3%
10	Mal cuidado, Abandono, Ausência de Fiscalização	2	2		3%
11	História do Parque / Suntuosidade / Status / Palácio		4		3%
12	Passear com o cachorro	2			2%
13	Na Morte, Namorar a noite		2		2%
14	Bem Aproveitado / Conciliado		2		2%
15	Trabalho, Cansaço		2		2%
16	Gradear		1		1%
17	Morar Aqui			1	1%
18	Prédios	1			1%
19	Limpeza			1	1%
20	Saúde			1	1%

Legenda M - Moradores
T - Trabalhadores
V - Visitantes

Tabela 6 (cont.) - Imagens Mentais - Pergunta 6



n=125 pessoas

Tabela 7 - Imagens Mentais - Pergunta 7

Se fosse descrever pra alguém, o que diria ?

	Respostas	M	T	V	Média
1	Natureza / Arborização / Verde / Lago, córregos, cachoeiras	12	6	12	24%
2	Tranquilo, Calmo, Recanto de Paz	10	11	5	21%
3	Lugar Bonito / Charmoso / Lindo / Paisagem deslumbrante / Belo	5	9	10	19%
4	Agradável / Bom / Muito Bom / Legal / Gostoso / Prazeroso / Fresco	7	8	7	18%
5	Bom para crianças	1	2	11	11%
6	Ótimo / Muito Bom / Maravilhoso	3	10		10%
7	Caminhada / Passeio / Vale apenas visitar	1	6	4	9%
8	Diversão, Lazer	1	5	4	8%
9	Relaxamento / Higiene Mental / Saúde / Meditação	2	3	4	7%
10	Oásis no espaço densamente edificado onde a natureza prevalece	1	2	3	5%
11	Segurança / Policiamento	2	2	2	5%
12	Palácio / Quintal do Governador / História	3	1	2	5%
13	Presença de animais positiva: pássaros, aves, micos, esquilos	2	1	2	4%
14	Espaçoso / Grande / Amplo	1		3	3%
15	Um pouco sujo / Abandonado / Deteriorado			4	3%
16	Harmonia entre Natureza e Prédios / Belo conjunto arquitetônico	2		2	3%
17	Lugar aristocrático, Privilegiado, Melhor bairro do mundo	2	1		2%
18	Lugar onde quero que meus netos sejam criados / Familiar / Infância		2	1	2%
19	Dentro do Rio	2			2%
20	Ideal para morar / Tem transportes / Bem situado	1	1	1	2%
21	Parque	1		2	2%
22	É perigoso a noite / Tem muita baixaria	1	1		2%
23	Barulho de carros	2		1	2%
24	Bom para idosos			1	1%
25	Romântico		1		1%
26	Presença de animais negativa: cachorros			1	1%

Legenda M - Moradores

T - Trabalhadores

V - Visitantes

Tabela 7 (cont.) - Imagens Mentais - Pergunta 7

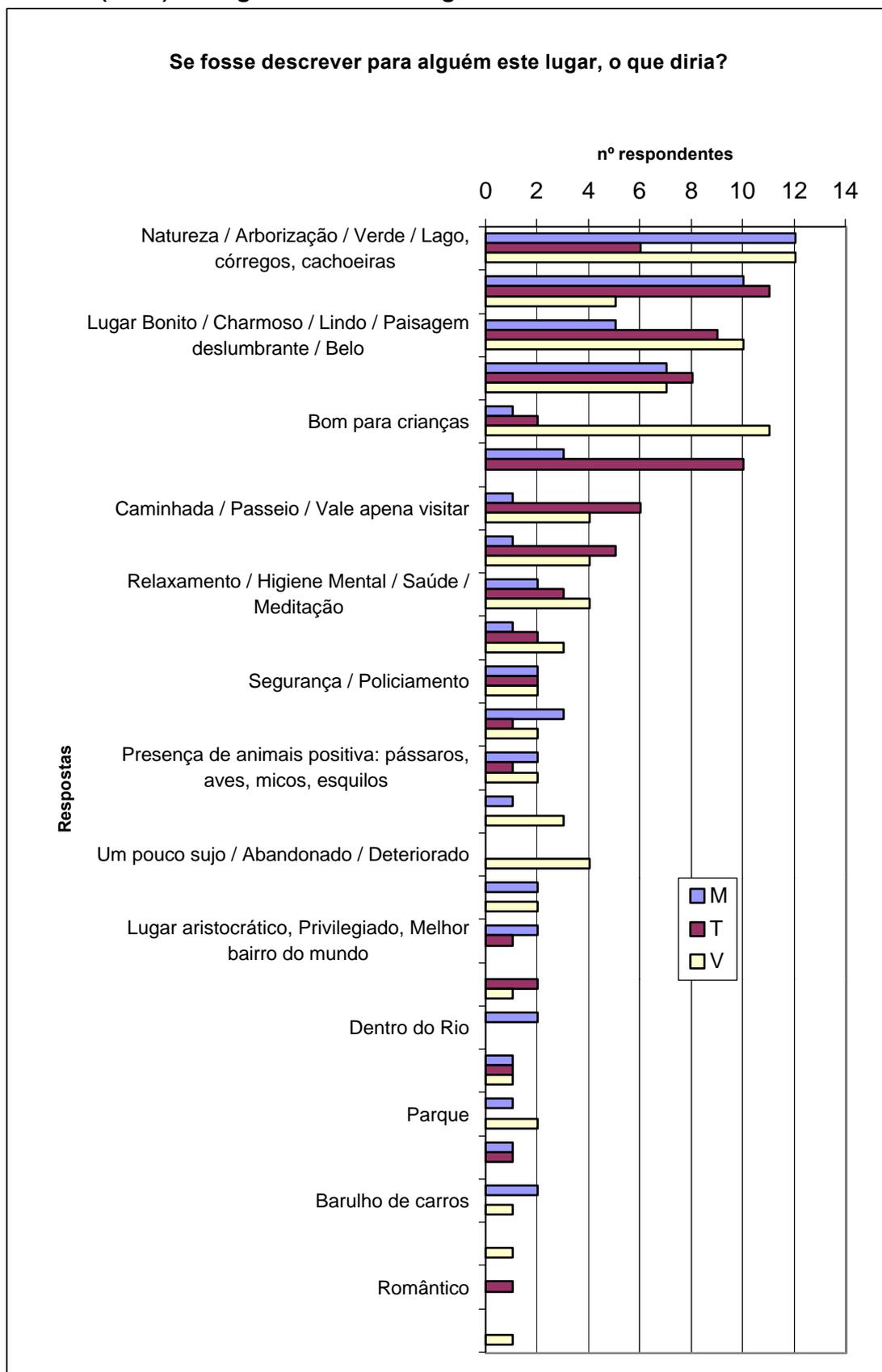


Tabela 8 - Imagens Mentais - Pergunta 8

O que melhor representa para você o Parque Guinle ?

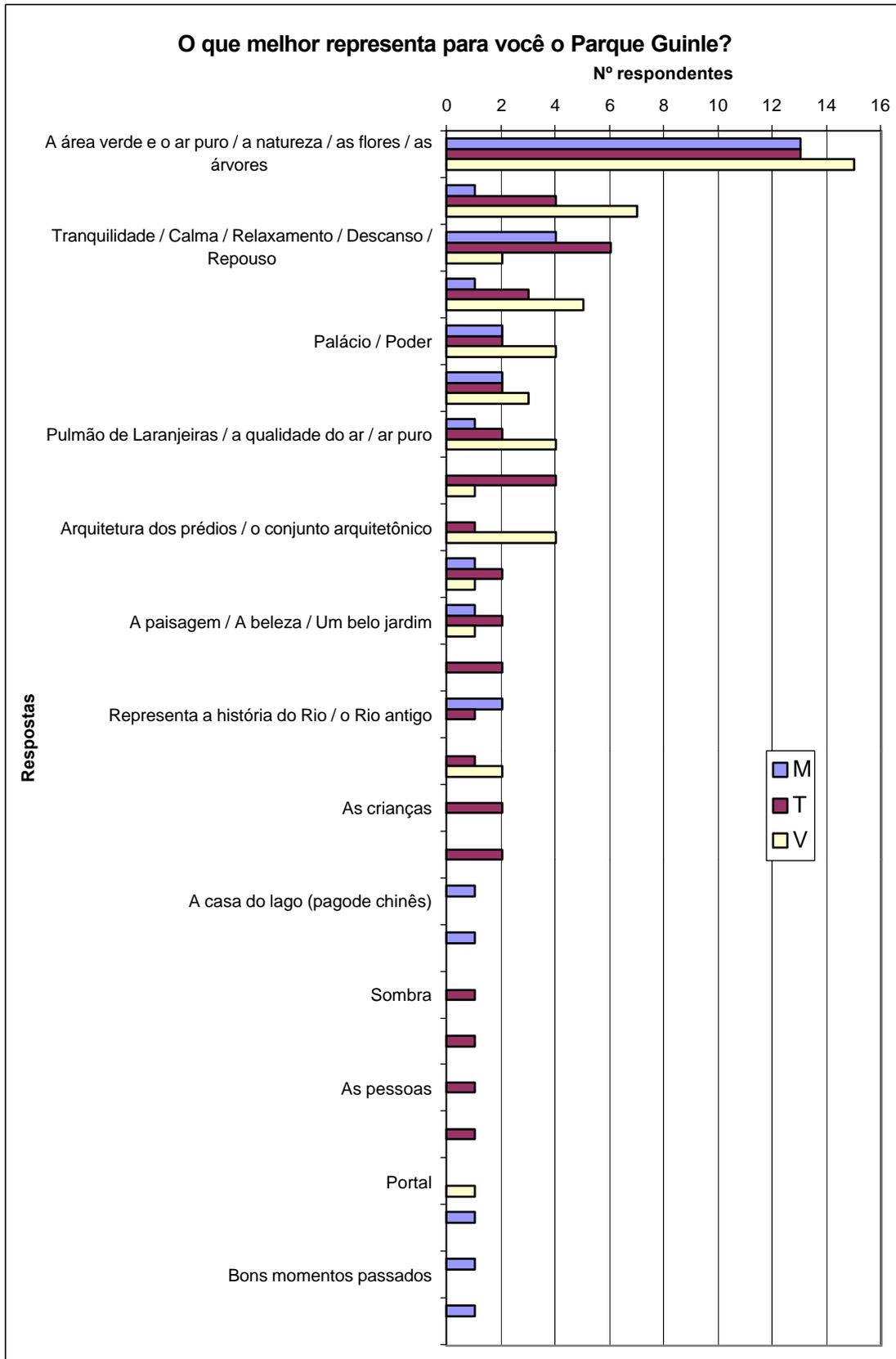
	<i>Respostas</i>	<i>M</i>	<i>T</i>	<i>V</i>	<i>Total</i>
1	A área verde e o ar puro / a natureza / as flores / as árvores	13	13	15	33%
2	Lago	1	4	7	10%
3	Tranquilidade / Calma / Relaxamento / Descanso / Repouso	4	6	2	10%
4	Os animais	1	3	5	7%
5	Palácio / Poder	2	2	4	6%
6	Paz / Recanto de paz / Recanto escondido na selva de pedra	2	2	3	6%
7	Pulmão de Laranjeiras / a qualidade do ar / ar puro	1	2	4	6%
8	Distração / uma área de lazer / brinquedos	0	4	1	4%
9	Arquitetura dos prédios / o conjunto arquitetônico		1	4	4%
10	Recorda a infância / a juventude	1	2	1	3%
11	A paisagem / A beleza / Um belo jardim	1	2	1	3%
12	Um lugar para passar o tempo		2		2%
13	Representa a história do Rio / o Rio antigo	2	1		2%
14	O ambiente / bem estar / qualidade de vida / alegria e vida		1	2	2%
15	As crianças		2		2%
16	Segurança	0	2		2%
17	A casa do lago (pagode chinês)	1			1%
18	Um lugar aberto, democrático	1			1%
19	Sombra		1		1%
20	Uma praça		1		1%
21	As pessoas		1		1%
22	Trabalho		1		1%
23	Portal			1	1%
24	Quebra da rotina	1			1%
25	Bons momentos passados	1			1%
26	Um bom lugar	1			1%

Legenda M - Moradores

T - Trabalhadores

V - Visitantes

Tabela 8 (cont.) - Imagens Mentais - Pergunta 8



n=125 pessoas

Tabela 9 - Preferências e Expectativas Ambientais - Pergunta 9

Esta pergunta e a próxima são para conhecer as suas preferências. Nas afirmativas abaixo, relativas ao Parque Guinle, indique o quanto você concorda com elas, marcando um X seguindo a escala abaixo

item	afirmativa	grupo											média parcial	média geral
		-3	-2	-1	0	1	2	3	n	média parcial		média geral		
1	A comunidade deveria ser mais atuante nas questões relacionadas à conservação, manutenção e melhorias do parque	M	2				2	2	2	28	34	2,47	2,51	
		T			1		3	42	46	2,87				
		V		3	1	4	13	24	45	2,20				
2	É agradável com prédios e paisagens bonitas	M				2	2	2	28	34	2,65	2,50		
		T			5	1	3	37	46	2,57				
		V		2	1	6	9	27	45	2,29				
3	O parque está mal situado com poucas opções de comércio e serviços	M	28	2	1	1		1	1	34	-2,47	-1,78		
		T	26	4	1	4	2	1	8	46	-1,28			
		V	19	14	4		2	2	4	45	-1,58			
4	Há poucas opções de lazer e recreação	M	18	4	2		6	1	3	34	-1,38	-0,71		
		T	14	3	2	6	4	5	12	46	0,00			
		V	13	11	4	4	2	4	7	45	-0,76			
5	O parque precisa de ponto social central	M	28				1	1	4	34	-2,03	-0,98		
		T	23			6	2	2	13	46	-0,52			
		V	15	7	2	3	1	8	9	45	-0,38			
6	Gostaria de me mudar de bairro	M	32						2	34	-2,65	-1,41		
		T	4			40		1	1	46	-0,15			
		V	18	8	2	14		2	1	45	-1,44			

Legenda

M - Moradores
T - Trabalhadores
V - Visitantes

Total de respondentes (n):
M 125
T 46
V 45

Tabela 9 (cont.) - Preferências e Expectativas Ambientais - Pergunta 9

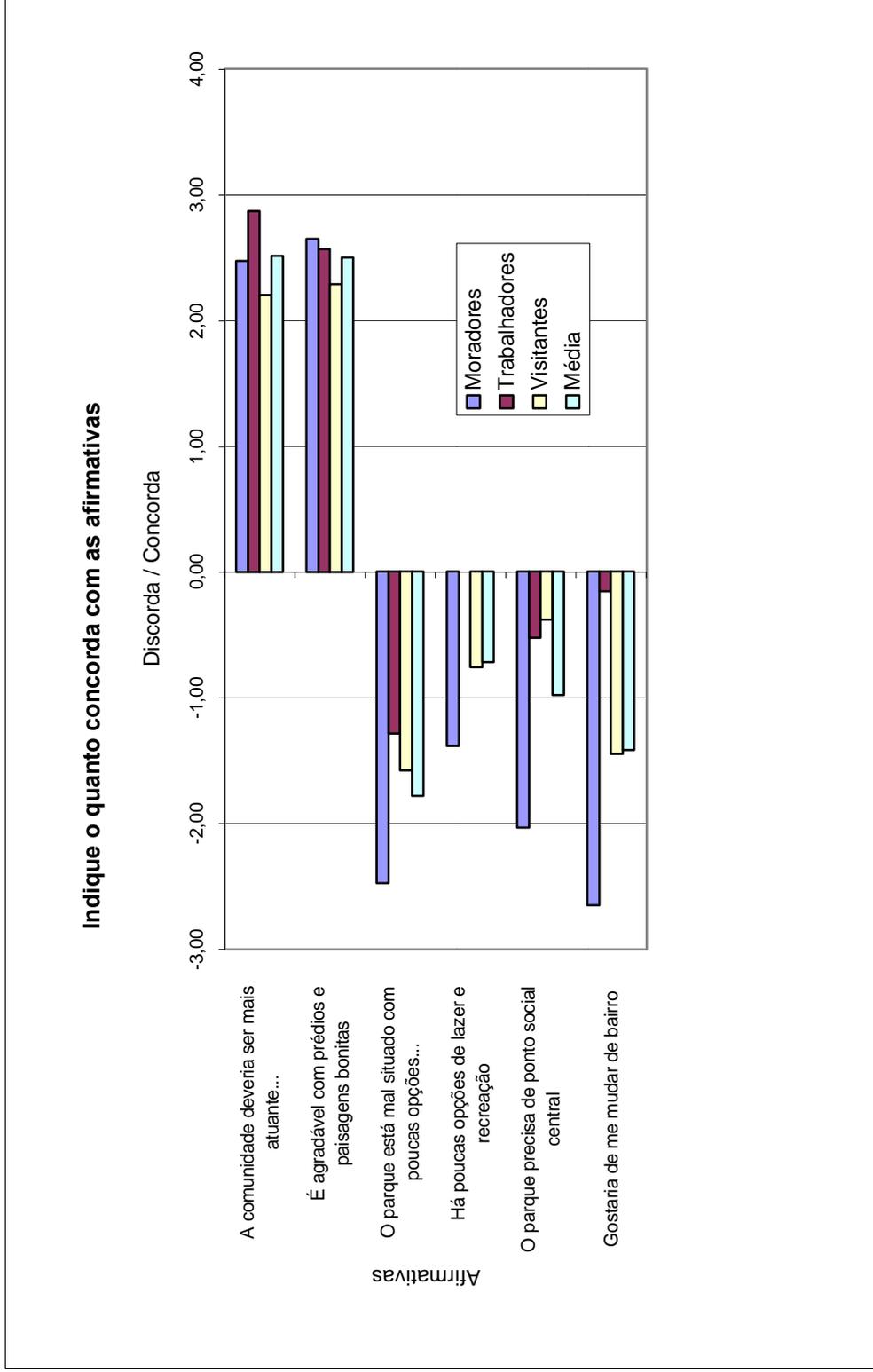


Tabela 10 - Imagens Mentais - Pergunta 10

Ordene os 10 elementos físicos que melhor caracterizam este lugar (importância: 1º a 10º).

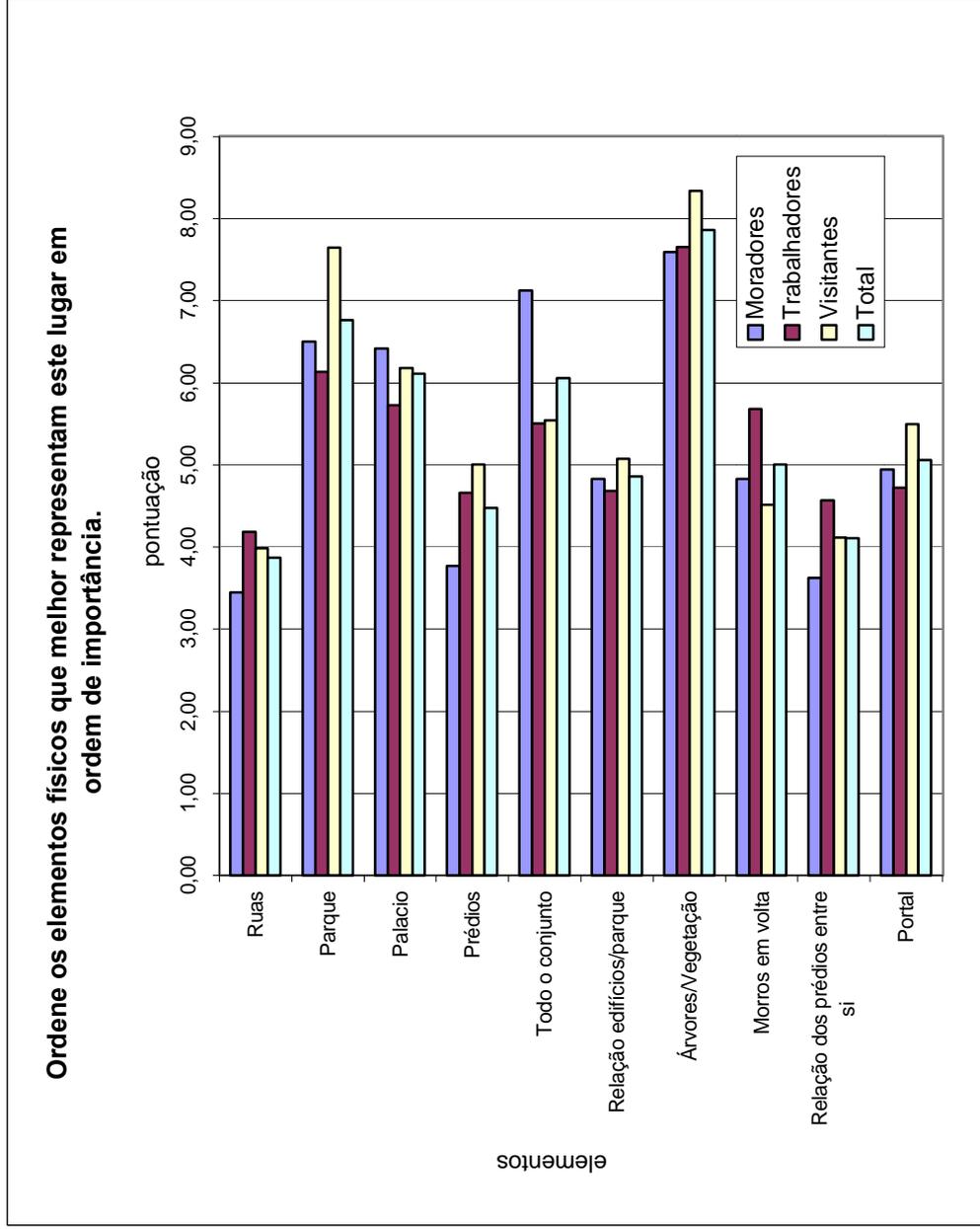
item	elementos físicos	grupo	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	n	média parcial	média geral	colocação	
1	Ruas	M		1	1	2	6	2	2	5	2	13	34	3,44	3,86	10º	
		I	2	2	2	3	7	3	3	3	7	12	46	4,17			
		V	1	1	4	2	6	3	7	3	8	10	45	3,98			
2	Parque	M	2	9	7	2	2	2	3	4	1	2	34	6,50	6,76	2º	
		I	8	7	2	5	4	5	6	2	2	5	46	6,13			
		V	8	11	7	4	9	3	3	3			45	7,64			
3	Palácio	M	3	6	4	8	2	4	1	1	2	3	34	6,41	6,10	3º	
		I	5	5	7	4	6	4	3		4	8	46	5,72			
		V	4	5	6	9	3	10	1	1	1	5	45	6,18			
4	Prédios	M	2		3	2	2	1	6	3	5	10	34	3,76	4,47	8º	
		I	3	5	3		6	5	5	5	5	9	46	4,65			
		V	3	3	5	3	6	3	4	7	8	3	45	5,00			
5	Todo o conjunto	M	10	2	6	5	1	2	5	1		2	34	7,12	6,05	4º	
		I	4	5	1	10	4	5	4	4	4	4	5	46			5,50
		V	9	2	4	3	3	5	4	5	4	6	45	5,53			
6	Relação dos edifícios com o parque	M	1	4	3	4	3	2	3	3	6	5	34	4,82	4,85	7º	
		I	1	2	4	4	5	8	5	8	4	5	46	4,67			
		V	2	2	5	6	4	5	6	4	5	9	45	5,07			
7	Árvores / vegetação	M	13	2	5	3	4	3	2	2	2	1	34	7,59	7,86	1º	
		I	15	8	9	4	1	1	2	2	1	3	46	7,65			
		V	18	12	4	4	3		1	1	2	1	45	8,33			
8	Morros em volta	M	1	5	3		4	4	4	5	2	6	34	4,82	5,00	6º	
		I	4	7	8	5	2	2	3	3	4	8	46	5,67			
		V	2	3	2	5	5	6	5	5	3	2	12	45			4,51
9	Relação dos edifícios entre si	M	1	2	2	2	2	3	3	8	8	5	34	3,62	4,10	9º	
		I	2	2		8	7	2	6	8	5	6	46	4,57			
		V	2	2	3	6		4	7	9	12	2	45	4,11			
10	Portal	M	2	2		4	6	9	1	1	5	4	34	4,94	5,05	5º	
		I	2	2	6	3	6	4	5	4	8	6	46	4,72			
		V	3	4	5	3	5	7	8	6	1	3	45	5,49			

M - Moradores
T - Trabalhadores
V - Visitantes

Legenda

Total de respondentes (n):
M 125
T 34
V 46
45

Tabela 10 (cont.) - Imagens Mentais - Pergunta 10



n = 125 respondentes

Tabela 11 - Impressões Ambientais - Prgunta 11

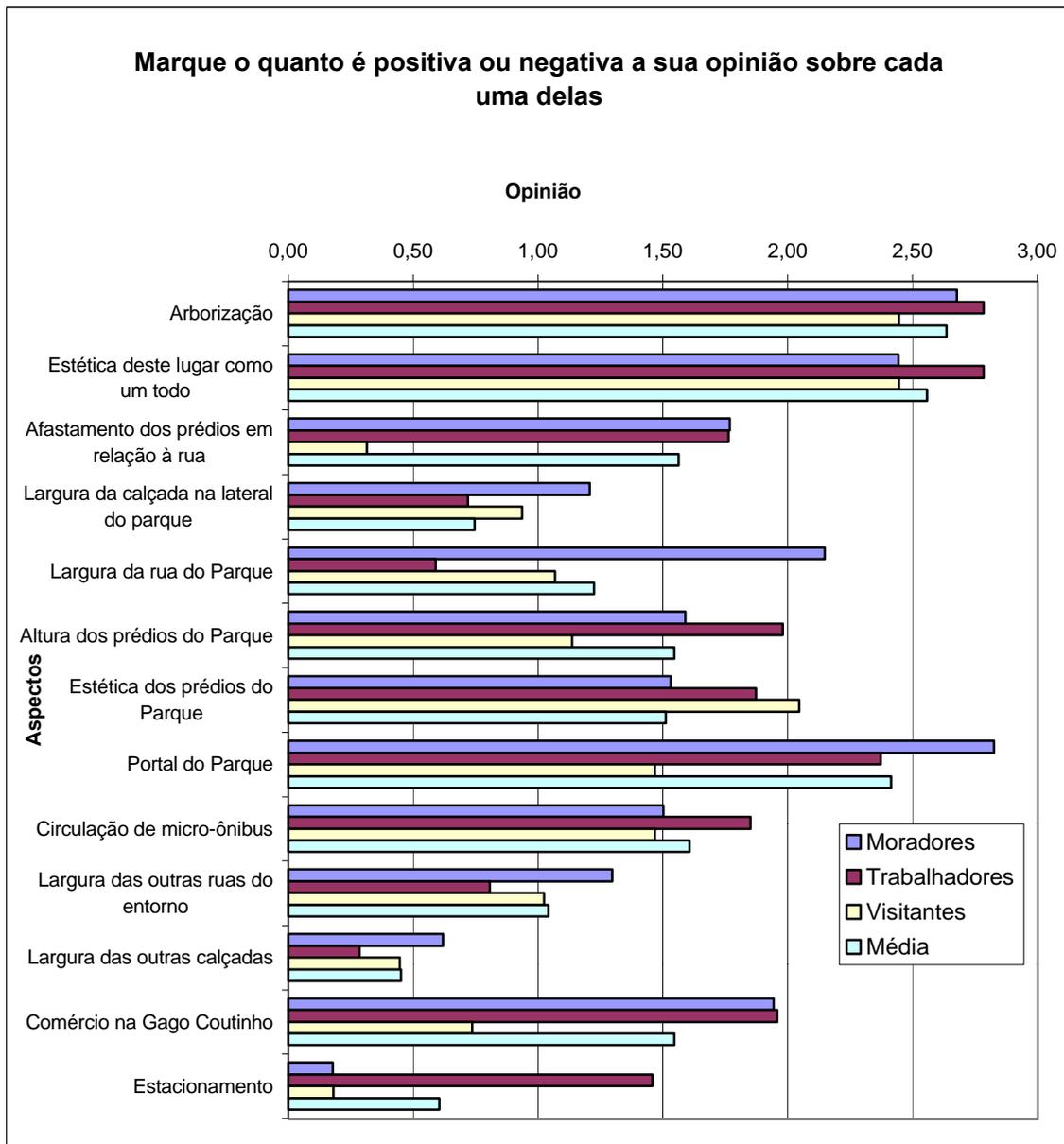
A seguir há uma lista de coisas relativas a este lugar. Marque o quanto é positiva ou negativa a sua opinião sobre cada uma delas.

item	elementos físicos	grupo	-3	-2	-1	0	1	2	3	n	média parcial	média geral
1	Arborização	M	1				2	1	30	34	2,68	2,63
		T		1		1		2	42	46	2,78	
		V					7	11	27	45	2,44	
2	Estética deste lugar como um todo	M				2	4	5	23	34	2,44	2,56
		T					3	4	39	46	2,78	
		V			1		4	13	27	45	2,44	
3	Afastamento dos prédios em relação à rua	M	4			3	2	5	20	34	1,76	1,56
		T	4	2	2	1	4	4	29	46	1,76	
		V	4	1	3	6	9	6	16	45	1,16	
4	Largura da calçada na lateral do parque	M	2	2	3	5	2	8	12	34	1,21	0,74
		T	6	10	1	1	5	2	21	46	0,72	
		V	2	8	7	6	7	9	6	45	0,31	
5	Largura da rua do Parque	M		1	2	2	1	8	20	34	2,15	1,22
		T	11	7	1		3		24	46	0,59	
		V	3	5	2	7	5	11	12	45	0,93	
6	Altura dos prédios do Parque	M	2	3		4	2	5	18	34	1,59	1,54
		T	3	1	4	1	2	1	34	46	1,98	
		V	4	4	2	4	7	9	15	45	1,07	
7	Estética dos prédios do Parque	M	4	2		3	1	5	19	34	1,53	1,51
		T	4	1	2	2	1	7	29	46	1,87	
		V	3	3	3	5	7	10	14	45	1,13	
8	Portal do Parque	M			1			2	31	34	2,82	2,41
		T	3			2		5	36	46	2,37	
		V	1			2	11	9	22	45	2,04	
9	Circulação de micro-ônibus	M	5			2	6	3	18	34	1,50	1,60
		T	5	2		1	3	4	31	46	1,85	
		V	1	1	3	8	5	12	15	45	1,47	
10	Largura das outras ruas do entorno	M	1	1	3	5	8	4	12	34	1,29	1,04
		T	9	6			4	9	18	46	0,80	
		V	3	1	4	9	8	7	13	45	1,02	
11	Largura das outras calçadas	M	4	2	7	2	4	5	10	34	0,62	0,45
		T	14	4	2	1	4	2	19	46	0,28	
		V	5	6	4	6	7	7	10	45	0,44	
12	Comércio na Gago Coutinho	M	1		1	4	4	6	18	34	1,94	1,54
		T	3	2		4	2	4	31	46	1,96	
		V	4	3	4	7	10	6	11	45	0,73	
13	Estacionamento	M	8	3	3	5	2	2	11	34	0,18	0,60
		T	10			1	1	6	28	46	1,46	
		V	10	2	6	4	8	5	10	45	0,18	

Total de respondentes (n): 125 M 34
T 46
V 45

Legenda M - Moradores
T - Trabalhadores
V - Visitantes

Tabela 11(cont.) - Impressões Ambientais - Prgunta 11



n = 125 respondentes

Tabela 12 - Impressões Ambientais - Pergunta 12

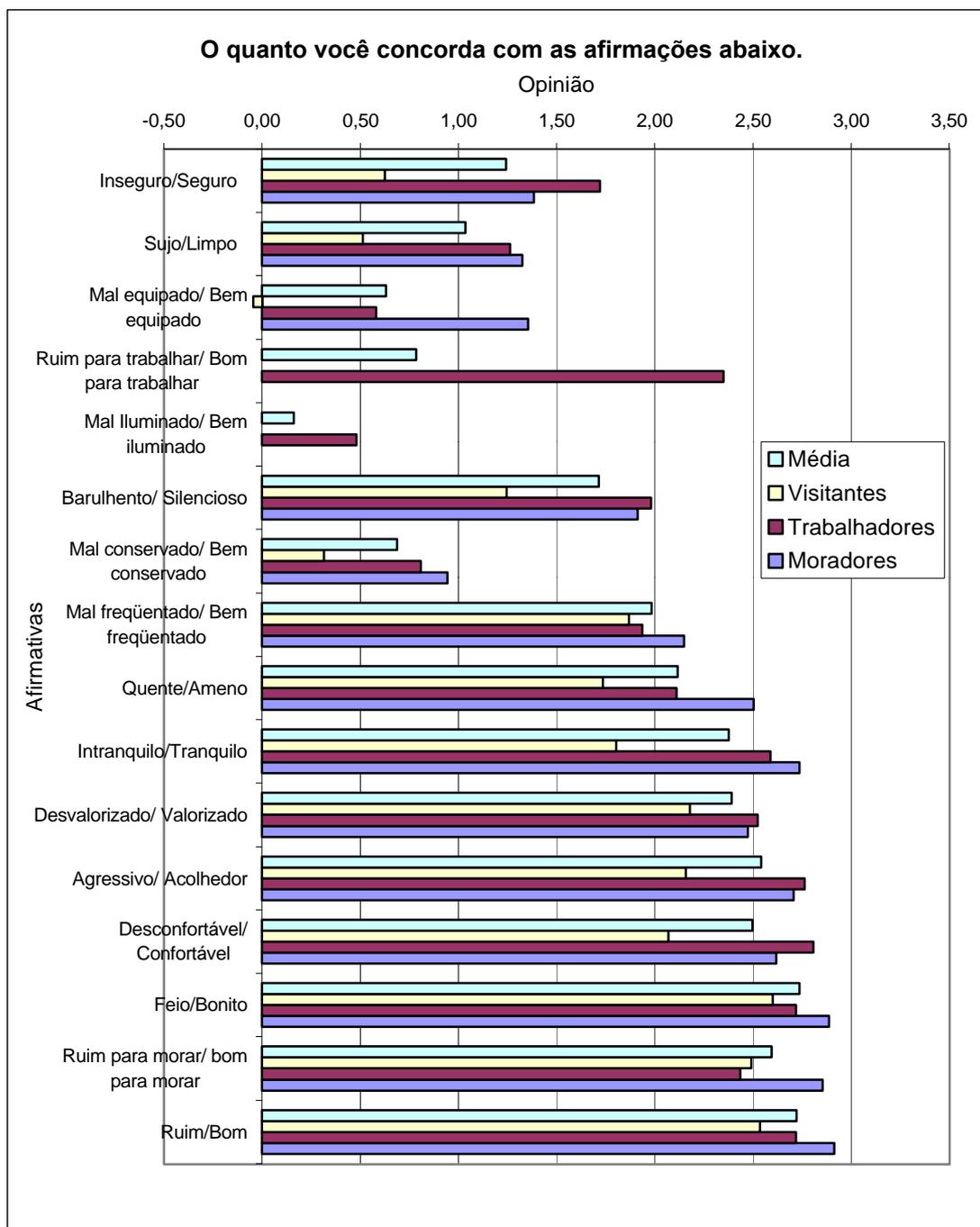
Em relação a este lugar, marque o quanto você concorda com as afirmações abaixo.

item	grupo	-3	-2	-1	0	1	2	3	n	média	média	
										parcial	geral	
1	Ruim/Bom	M				1	1	32	34	2,91	2,72	
		T	1			1	4	40	46	2,72		
		V					4	13	28	45		2,53
2	Ruim para morar/ bom para morar	M				2	1	31	34	2,85	2,59	
		T	3			2	2	39	46	2,43		
		V	1				1	15	28	45		2,49
3	Feio/Bonito	M					4	31	35	2,89	2,73	
		T	1			2	1	42	46	2,72		
		V				1	1	13	30	45		2,60
4	Desconfortável/ Confortável	M	1				2	3	28	34	2,62	2,50
		T				2		3	41	46	2,80	
		V			1	4	5	16	19	45	2,07	
5	Agressivo/ Acolhedor	M				2	1	2	29	34	2,71	2,54
		T				3		2	41	46	2,76	
		V	1	2			2	18	22	45	2,16	
6	Desvalorizado/ Valorizado	M		2		1	1	3	27	34	2,47	2,39
		T	2		1	1		3	39	46	2,52	
		V	3		1		2	11	28	45	2,18	
7	Intranquilo/Tranquilo	M				1	2	2	29	34	2,74	2,37
		T	2			1		4	39	46	2,59	
		V	1	3	1	2	6	11	21	45	1,80	
8	Quente/Ameno	M				3	3	2	26	34	2,50	2,11
		T	5		1	1	1	2	36	46	2,11	
		V	2	2	3	2	3	11	22	45	1,73	
9	Mal freqüentado/ Bem freqüentado	M			1	4	5	3	21	34	2,15	1,98
		T	2	2	2	3	3	4	30	46	1,93	
		V			2	3	11	12	17	45	1,87	
10	Mal conservado/ Bem conservado	M	4	2	3	3	6	3	13	34	0,94	0,69
		T	8	4	3	4	3	3	21	46	0,80	
		V	4	5	8	6	7	8	7	45	0,31	
11	Barulhento/ Silencioso	M	2	1		1	5	7	18	34	1,91	1,71
		T	5			3	2	4	32	46	1,98	
		V	4	1	3	4	7	12	14	45	1,24	
12	Mal Iluminado/ Bem iluminado	M	8	3	3	6	3	3	8	34	0,00	0,16
		T	11	2	2	9	2	1	19	46	0,48	
		V	9	3	3	14	5	2	9	45	0,00	
13	Ruim para trabalhar/ Bom para trabalhar	M				34				34	0,00	0,78
		T	1	1	1	4		3	36	46	2,35	
		V				45				45	0,00	
14	Mal equipado/ Bem equipado	M	4	2	1	2	5	2	18	34	1,35	0,63
		T	10	4	1	7		4	19	45	0,58	
		V	5	11	5	5	7	3	9	45	-0,04	
15	Sujo/Limpo	M	4	1	3	1	4	5	16	34	1,32	1,03
		T	6	3	1	6	1	5	24	46	1,26	
		V	3	4	4	11	10	5	8	45	0,51	
16	Inseguro/Seguro	M	3	2	4	1	4		20	34	1,38	1,24
		T	7	1		2	2	2	32	46	1,72	
		V	5	2	4	9	7	10	8	45	0,62	

Total de respondentes 125
M 34
T 46
V 45

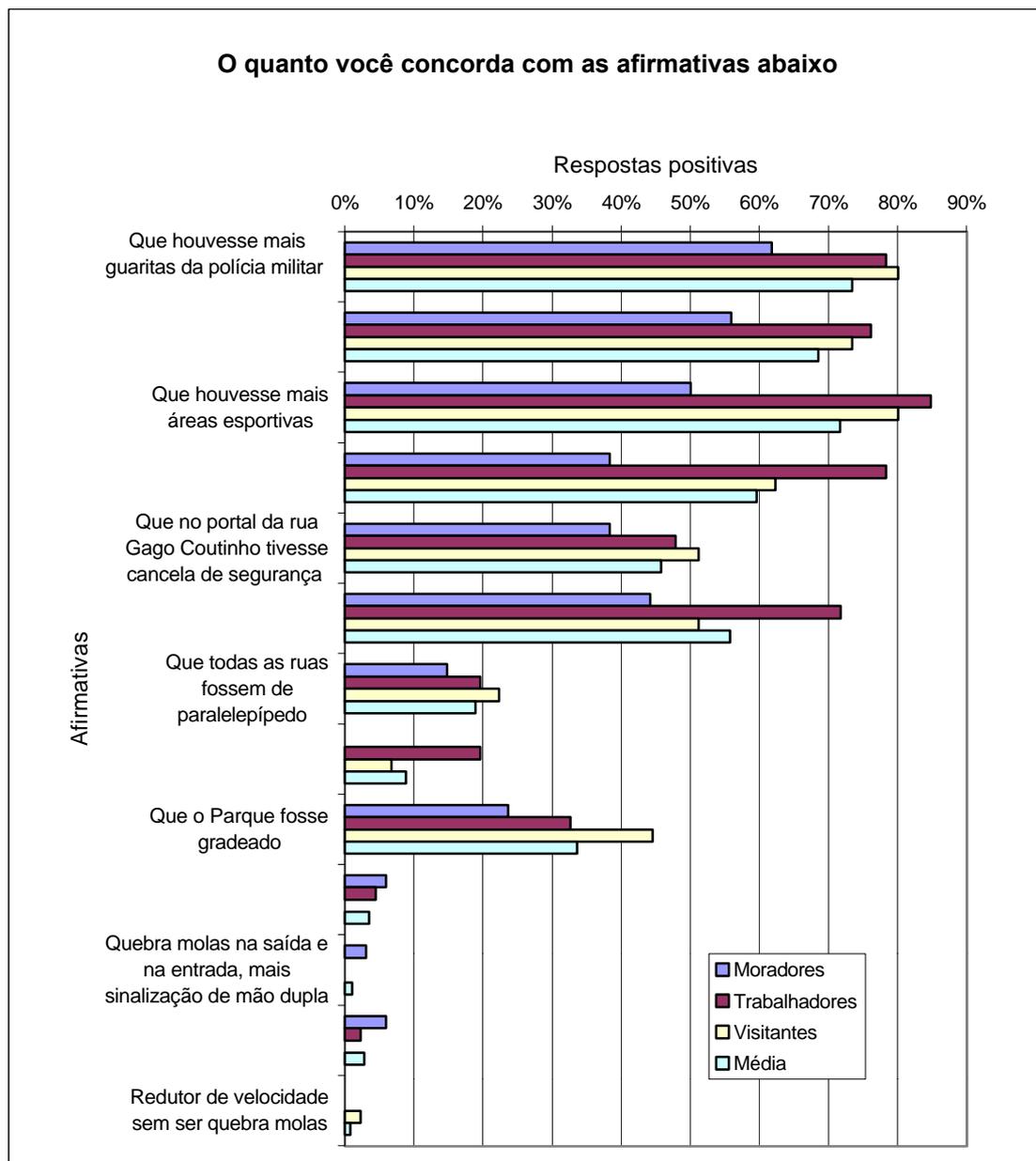
Legenda M - Moradores
T - Trabalhadores
V - Visitantes

Tabela 12 (cont.) - Impressões Ambientais - Pergunta 12



n = 125 respondentes

Tabela 13 (cont.) - Preferências e Expectativas Ambientais



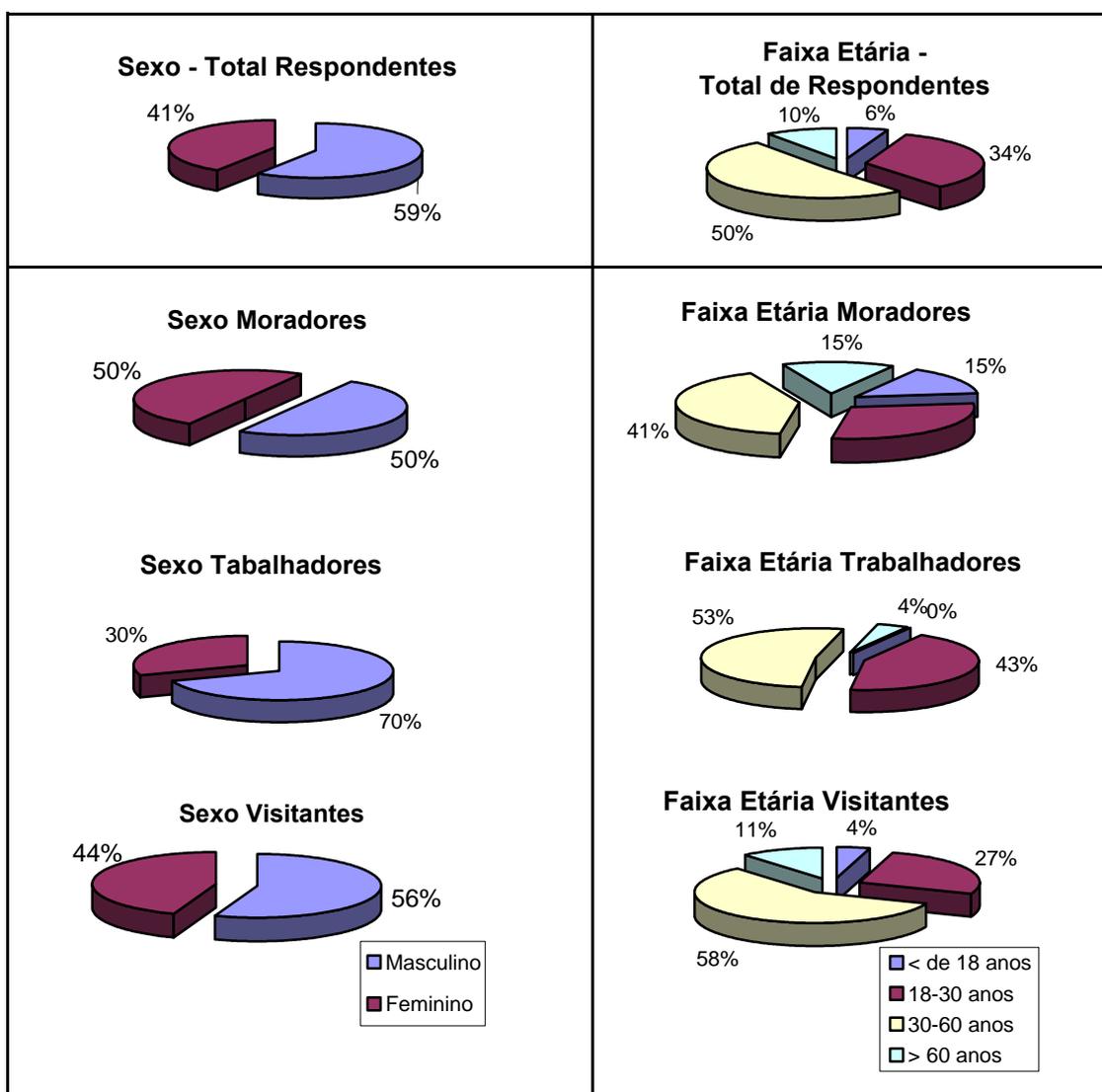
n= 125 respondentes

TABELA 14 - CARACTERIZAÇÃO DOS RESPONDENTES - SEXO

Sexo	Moradores	Trabalhadores	Visitantes	TOTAL
Masculino	17	32	25	74
Feminino	17	14	20	51
TOTAL	34	46	45	125

TABELA 15 - CARACTERIZAÇÃO DOS RESPONDENTES - FAIXA ETÁRIA

Faixa Etária	Moradores	Trabalhadores	Visitantes	TOTAL
< de 18 anos	5		2	7
18-30 anos	10	20	12	42
30-60 anos	14	24	26	64
> 60 anos	5	2	5	12
TOTAL	34	46	45	125



3.2.5 Mapeamento Cognitivo – A Visão do Usuário

Para a análise dos mapas mentais elaborados pelos usuários do Parque Guinle, concomitantemente com a aplicação das entrevistas, consideramos o estabelecido no quadro teórico no qual apresentamos a conceituação de *mapeamento cognitivo* (ver capítulo 1, item 1.2.2 Sentido).

Uma importante observação é que a operacionalização da análise dos mapas mentais, perfazendo um total de 71 desenhos, conforme já comentado, seguiu as bases determinadas na pesquisa *Qualidade do Lugar e Desenho do Ambiente* (PROARQ) e contidas em Fávero (2000).

Categorizamos inicialmente as representações gráficas em três tipos principais – simbólicos, semi-estruturados e estruturados – de acordo com o maior ou menor grau de complexidade e estrutura lógica apresentado nos desenhos. Assim como em todas as outras análises realizadas, foi feita também a classificação dos mapas pelos três grupos de usuários da área em estudo – moradores, trabalhadores e visitantes.

Após a primeira classificação por tipo de mapa, identificamos e tabulamos os elementos físicos relevantes representados nos mapas mentais, tais como: ruas, prédios, arborização, bancos etc. Uma vez identificados e quantificados estes elementos físicos, os mapas foram então classificados de acordo com os elementos estruturais definidos por Lynch (1960) como *marco, nó, limite, setor e percurso*.

Finalmente, estabelecemos duas categorias para setor e limite, após minucioso exame dos mapas, as quais definem a área de abrangência do Parque Guinle e seus limites, na visão do usuário:

- Setor 1: área compreendida entre o Portal, a Rua Paulo César de Andrade e o Palácio das Laranjeiras, com maior ênfase do parque.
- Setor 2: área compreendida entre a Rua das Laranjeiras, a Gago Coutinho e o Largo do Machado, com menor ênfase do parque.
- Limite 1: demarcação mais restrita estabelecida pela Rua Paulo César de Andrade.
- Limite 2: demarcação mais abrangente estabelecida pela Rua Gago Coutinho e pela Rua das Laranjeiras.

A seguir, apresentamos as tabelas de identificação e estruturação dos mapas mentais por grupo de usuários com os resultados das classificações dos elementos estruturais por tipo de mapas. Após as análises por grupo, uma amostragem do total de 72 mapas mentais é apresentada, considerando seis mapas por grupo de usuários – moradores, trabalhadores e visitantes – com dois exemplos de cada tipo de mapa classificado – estruturado, semi-estruturado e simbólico.

Tabela 16 - MAPAS MENTAIS - Elementos Físicos x Usuários

TOTAL DE MAPAS	22	17	32	71
USUÁRIOS	% Moradores	% Trabalhadores	% Visitantes	% Total
ELEMENTOS FÍSICOS	30,99	21,13	46,48	98,59
Portal	16,90	9,86	46,48	73,24
Rua(s)	19,72	18,31	32,39	70,42
Lago/curso d'água	16,90	12,68	25,35	54,93
Vegetação/árvores	9,86	4,23	26,76	40,85
Palácio	9,86	9,86	12,68	32,39
Caminhos do parque	7,04	4,23	19,72	30,99
Brinquedos	8,45	1,41	16,90	26,76
Prédios modernistas	8,45	8,45	11,27	28,17
Largo do Machado	9,86	5,63	2,82	18,31
Bancos	4,23	1,41	11,27	16,90
Praça inferior	5,63	0,00	9,86	15,49
Prédios (outros)	2,82	0,00	7,04	9,86
Escadas	1,41	5,63	2,82	9,86
Túnel	4,23	1,41	2,82	8,45
Animais	1,41	0,00	8,45	9,86
Igreja	2,82	2,82	0,00	5,63
Mercado São José	2,82	0,00	2,82	5,63
Montanhas/morros	1,41	0,00	4,23	5,63
Estacionamento	0,00	1,41	2,82	4,23
Banca de doces	1,41	0,00	1,41	2,82
Lojas Americanas	1,41	0,00	1,41	2,82
Metrô	0,00	1,41	0,00	1,41
Churrasc. Gaúcha	0,00	1,41	0,00	1,41
Viaduto	0,00	1,41	0,00	1,41
Banca de Jornal	0,00	1,41	0,00	1,41

Tabela 17 - MAPAS MENTAIS - Elementos Físicos x Tipos de Mapas

TIPOS DE MAPAS	Simbólico	Semi-Estruturado	Estruturado
ELEMENTOS FÍSICOS	(30)	(32)	(9)
Portal	40,00%	65,63%	88,89%
Rua(s)	36,67%	93,75%	100,00%
Lago/curso d'água	66,67%	37,50%	77,78%
Vegetação/árvores	50,00%	28,13%	55,56%
Palácio	16,67%	34,38%	77,78%
Caminhos do parque	40,00%	21,88%	44,44%
Brinquedos	40,00%	9,38%	44,44%
Prédios modernistas	20,00%	18,75%	88,89%
Largo do Machado	0,00%	31,25%	22,22%
Bancos	16,67%	15,63%	22,22%
Praça inferior	13,33%	12,50%	11,11%
Prédios (outros)	10,00%	6,25%	22,22%
Escadas	10,00%	6,25%	22,22%
Túnel	0,00%	9,38%	33,33%
Animais	16,67%	6,25%	0,00%
Igreja	3,33%	9,38%	0,00%
Mercado São José	0,00%	9,38%	11,11%
Montanhas/morros	10,00%	3,13%	0,00%
Estacionamento	0,00%	6,25%	11,11%
Banca de doces	3,33%	0,00%	11,11%
Lojas Americanas	0,00%	6,25%	0,00%
Metrô	0,00%	3,13%	11,11%
Churrasc. Gaúcha	0,00%	0,00%	11,11%
Viaduto	0,00%	0,00%	11,11%
Banca de Jornal	0,00%	0,00%	11,11%

Tabela 18 - MAPAS MENTAIS - Identificação e estruturação
Moradores: 22 respondentes

Item	Tipo	Quest. no	Marco	Percurso	Setor 1	Limite 1	Limite 2	Nó	Setor 2
1	S	3							
2	S	6							
3	S	15							
4	S	16							
5	S	47							
6	S	50							
7	S	68							
8	S	76							
9	S	81							
10	S	118							
11	SE	28							
12	SE	34							
13	SE	40							
14	SE	42							
15	SE	48							
16	SE	82							
17	SE	107							
18	E	30							
19	E	72							
20	E	104							
21	E	106							
22	E	137							
	Resultado		1°	2°	3°	4°	5°	6°	7°

Legenda: S - Simbólico
SE - Semi-estruturado
E - Estruturado

Tabela 19 - MAPAS MENTAIS - Identificação e estruturação
Trabalhadores: 17 respondentes

Item	Tipo	Quest. no	Marco	Percurso	Setor 1	Limite 1	Nó	Limite 2	Setor 2
1	S	7							
2	S	12							
3	S	13							
4	S	36							
5	S	94							
6	S	117							
7	SE	19							
8	SE	90							
9	SE	91							
10	SE	95							
11	SE	99							
12	SE	102							
13	SE	103							
14	SE	109							
15	SE	138							
16	E	93							
17	E	96							
	Resultado		1° (52%)	2° (29%)	3° (29%)	4° (23%)	5° (23%)	6° (11%)	7° (5%)

Legenda: S - Simbólico
SE - Semi-estruturado
E - Estruturado

Tabela 20 - MAPAS MENTAIS - Identificação e estruturação

Visitantes: 32 respondentes

Item	Tipo	Quest. no	Marco	Setor 1	Percurso	Nó	Limite 2	Limite 1	Setor 2
1	S	4							
2	S	45							
3	S	56							
4	S	58							
5	S	112							
5	S	113							
6	S	114							
7	S	119							
8	S	120							
9	S	124							
10	S	127							
11	S	128							
12	S	129							
13	S	132							
14	S	133							
15	S	136							
16	SE	22							
17	SE	26							
18	SE	66							
19	SE	67							
20	SE	115							
21	SE	116							
22	SE	121							
23	SE	123							
24	SE	125							
25	SE	126							
26	SE	130							
27	SE	131							
28	SE	134							
29	SE	135							
30	E	21							
31	E	122							
32	Resultado		1° (51%)	2° (45%)	3° (38%)	4° (22%)	5° (22%)	6° (13%)	7° (0%)

Legenda: **S** - Simbólico
 SE - Semi-estruturado
 E - Estruturado

Chegamos a algumas constatações pertinentes a cada grupo em separado – moradores, trabalhadores e visitantes – e, posteriormente, ao total dos mapas dos usuários como um todo, a partir dos dados tabulados organizados por tipos de mapas e pela identificação e estruturação dos elementos físicos. Tais considerações encontram-se relacionadas a seguir:

Moradores

- Os moradores do lugar, que numa primeira hipótese deveriam ter maior identificação e grau de legibilidade do espaço, apresentaram uma média de apenas 23% de mapas do tipo estruturados e 33% do tipo semi-estruturados contra uma média de 44% do tipo simbólicos. Uma relação mais lúdica, mais afetiva e menos pragmática com o lugar poderia ser considerada a razão deste desprendimento formal nas representações elaboradas.
- Na estruturação da maioria dos mapas dos moradores, os tipos mais relevantes foram os de percurso (55%), considerados tanto na parte interna do parque quanto nas ruas circundantes. A estrutura lógica das vias é facilmente reconhecida pelos seus habitantes que possuem boa orientação em relação ao lugar e ao entorno.
- A percepção relativa aos marcos referenciais existentes (43%), tem como principais elementos percebidos o Portal e o Lago, ambos aparecendo em 55% dos mapas. O Portal aparece muitas vezes em uma escala ampliada em relação a outros elementos referenciados, representando efetivamente a entrada do Parque Guinle. O Palácio das Laranjeiras também é percebido como marco (33%), principalmente por ter uma presença marcante a partir da paisagem vislumbrada das janelas dos edifícios residenciais que circundam o parque. Estes, por sua vez, possuem pouca relevância como elementos físicos, com os edifícios de Lúcio Costa aparecendo em pouco mais de 25% dos mapas, e o grande bloco no alto da rua em menos de 10%.
- O Setor 1 é o mais indicado nos mapas dos moradores (33%), cuja área é compreendida pelo arco da Rua Paulo César de Andrade apenas. Isto parece representar a real dimensão do lugar em relação ao bairro, ou seja, o *lugar* Parque Guinle é composto pelo parque público homônimo, pelos edifícios ao longo da Rua Paulo César de Andrade até a curva do Palácio das Laranjeiras. Foram mínimas as referências ao Setor 2 (10%) a qual amplia a abrangência do lugar até a Rua das Laranjeiras e o Largo do Machado.
- Quando aos limites houve um equilíbrio das referências ao Limite 1 – demarcado pela Rua Paulo César de Andrade – e ao Limite 2 – Rua das Laranjeiras e Rua Gago Coutinho.
- O largo entre a Rua Gago Coutinho e a Rua Paulo César de Andrade e onde está localizado o Portal foi considerado em termos gerais o único nó referenciado nos mapas. Sua presença nos mapas dos moradores entretanto possui pouca relevância (23%)

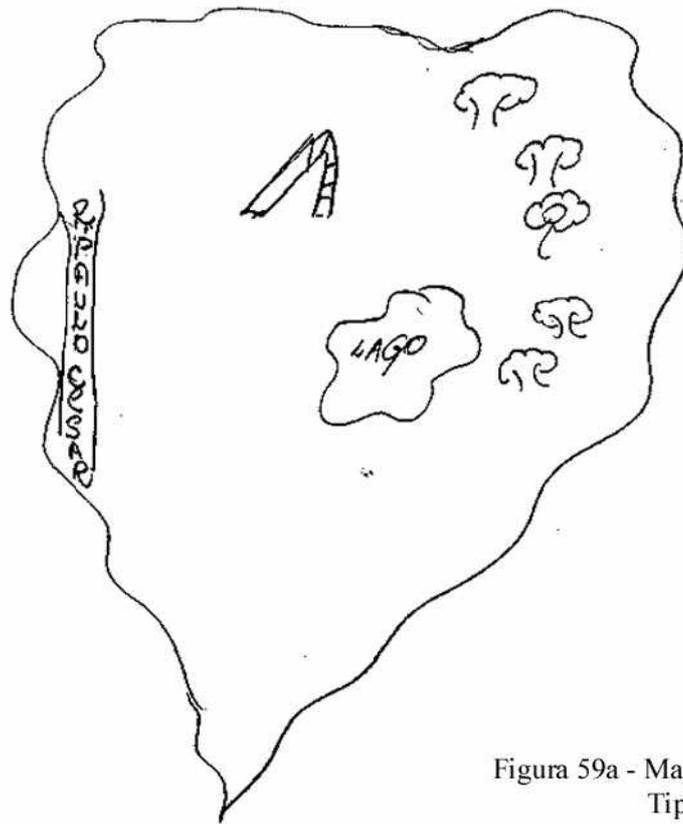


Figura 59a - Mapa Mental: Morador
Tipo Simbólico

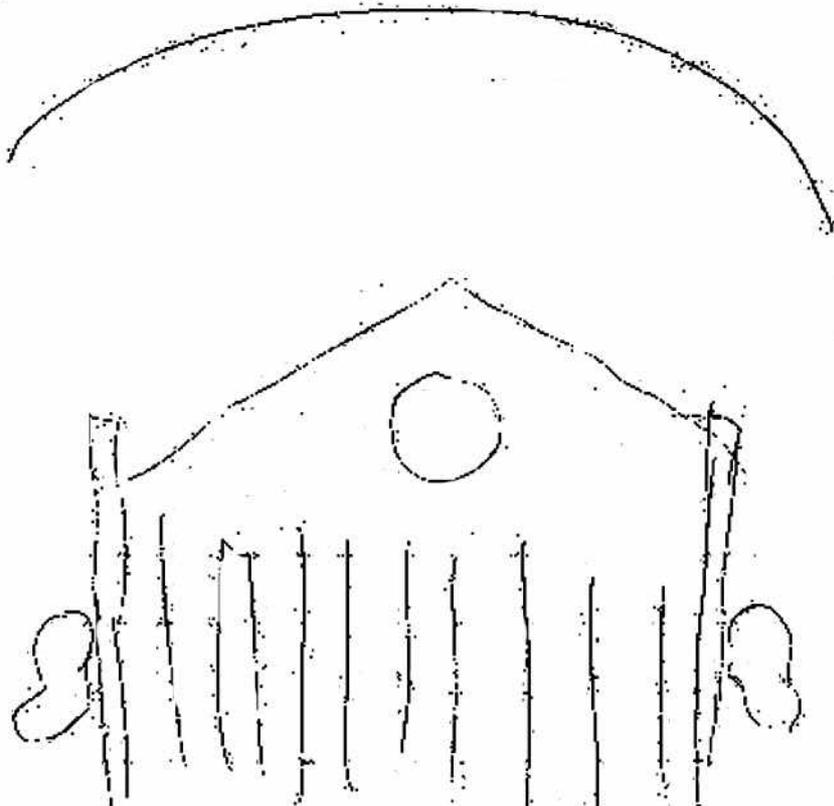


Figura 59b - Mapa Mental: Morador
Tipo Simbólico

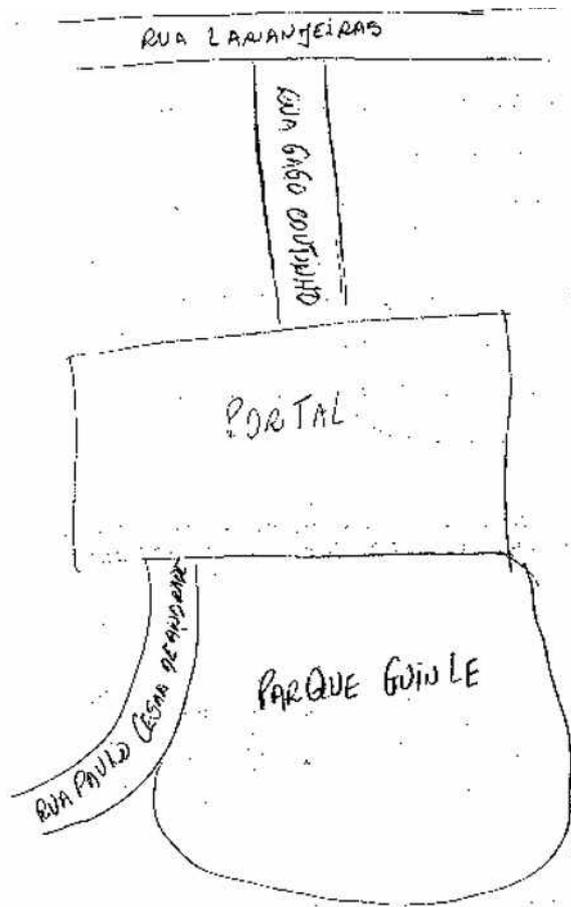


Figura 60a - Mapa Mental: Morador
Tipo Semi-estruturado

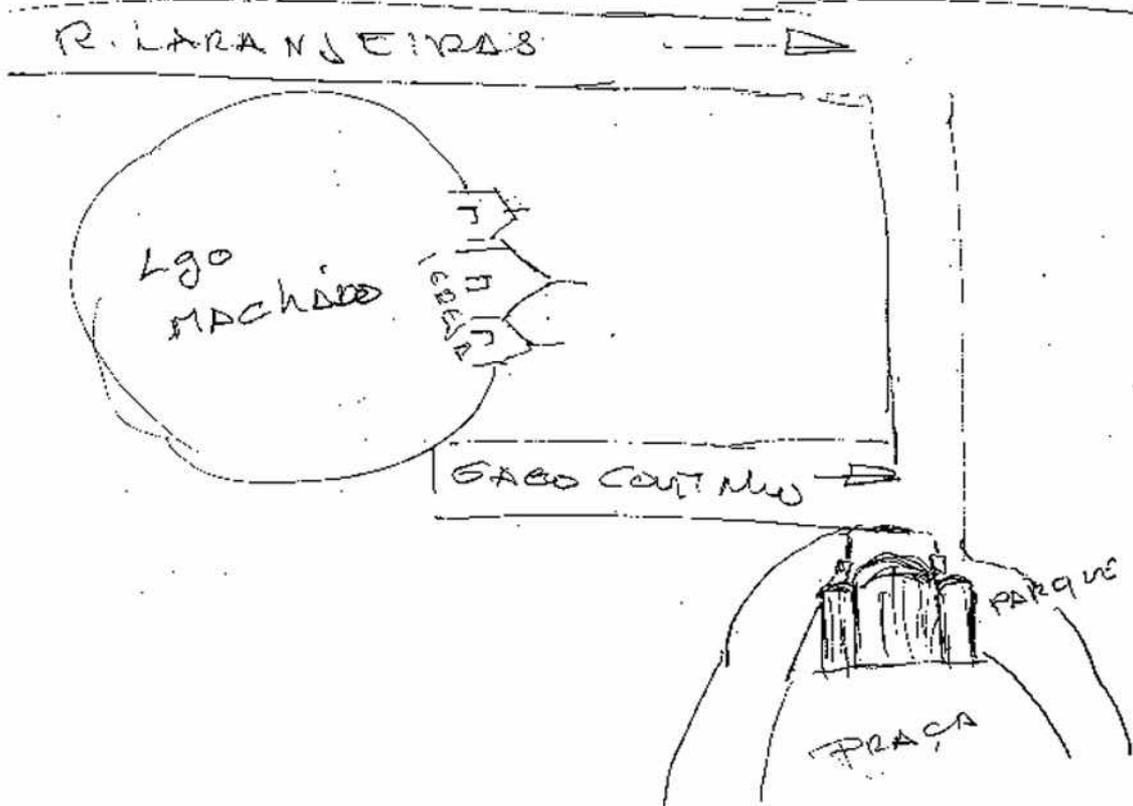


Figura 60b - Mapa Mental: Morador
Tipo Semi-estruturado

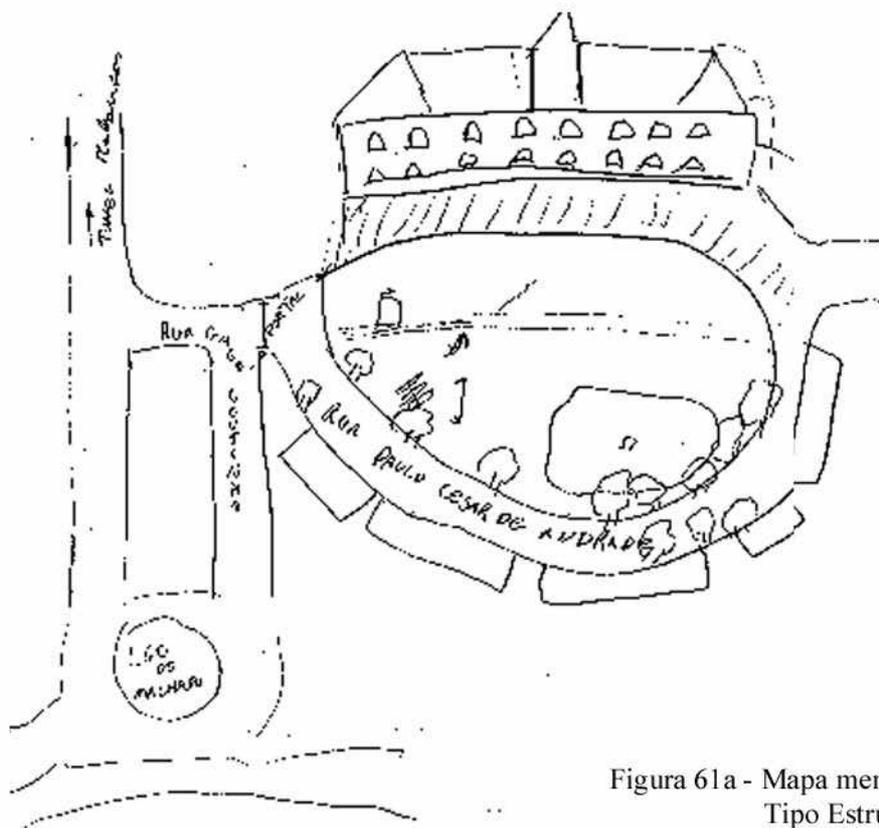


Figura 61a - Mapa mental: Morador
Tipo Estruturado

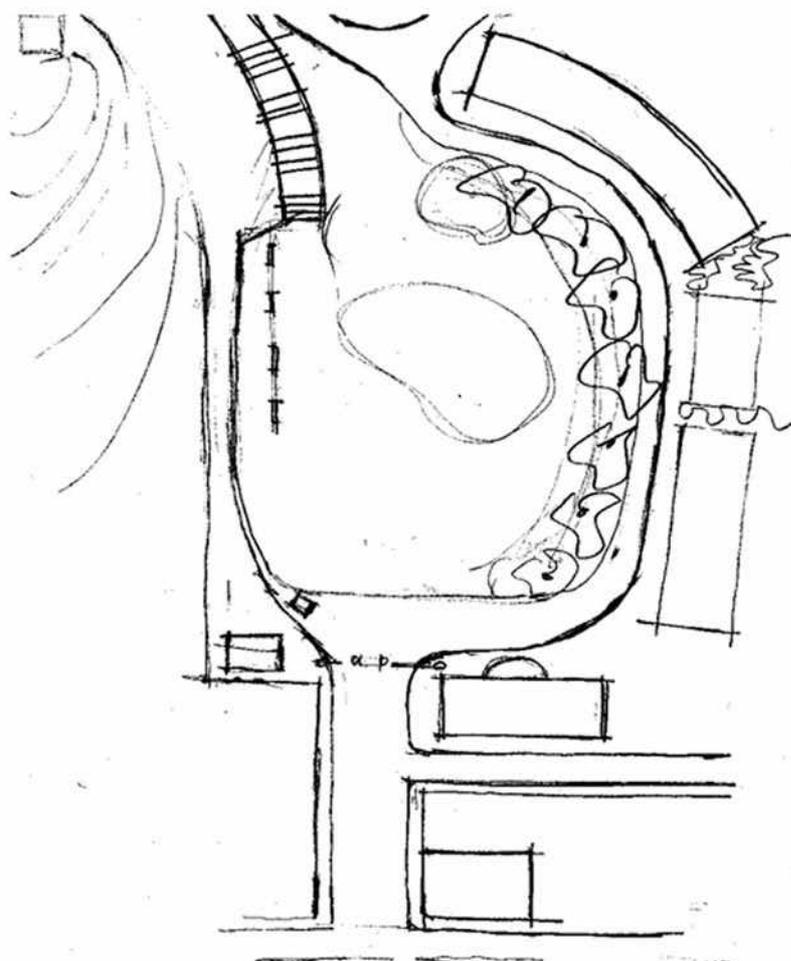


Figura 61a - Mapa mental: Morador
Tipo Estruturado

Trabalhadores

- A primeira análise dos mapas deste grupo determinou que a maioria dos mapas é do tipo semi-estruturado (53%), seguidos pelos simbólicos (33%) e apenas dois estruturados. O número de trabalhadores no lugar é reduzido, limitando-se aos funcionários dos prédios - porteiros, zeladores, serventes -, às empregadas domésticas e babás, aos poucos comerciantes locais e a alguns funcionários do Palácio. São em grande parte trabalhadores serviços de menor nível hierárquico e com baixo nível de escolaridade, alguns sendo moradores dos prédios onde trabalham. Em sua maioria estes trabalhadores possuem uma boa vivência do lugar, o que se reflete nos mapas, porém demonstrando não possuírem grande capacidade quanto à estruturação mental das partes relativas ao lugar. É interessante observar que os dois únicos mapas estruturados foram desenhados por um Capitão da PM, que faz ronda no Parque e o outro por um dos estagiários do Palácio das Laranjeiras, ambos com grau de escolaridade superior.
- Nos mapas examinados, identificados como marcos, os principais elementos físicos que aparecem são as ruas, seguidas pelo elemento água, representada pelo lago e pelos cursos d'água no interior do Parque. As ruas mais uma vez tornam-se preponderantes na percepção do ambiente urbano, pois é nelas que os trabalhadores circulam, fazem o percurso de ida e volta para casa e promovem as interações sociais com outros trabalhadores. Outros elementos referenciados em menor grau foram o Portal e o Palácio (47%) e os edifícios modernistas (40%), o primeiro como um marco referencial de entrada do Parque e os dois últimos provavelmente por representarem o local de trabalho dos entrevistados.
- O percurso aparece nos mapas (33%) com referência principal às ruas e acessos do Parque, principalmente à Rua Paulo César de Andrade. Nelas está contido o Parque, conforme representado pelo Setor 1 que aparece na mesma proporção (33%) e pelo Limite 1, que delimita-o (23%). Consideramos o percurso como mais relevante pois encontra-se em sua maioria nos mapas estruturados e semi-estruturados.
- O largo do Portal como ponto nodal foi observado em apenas uma pequena porcentagem dos mapas (23%) e somente entre os semi-estruturados e estruturados, possuindo pouca representatividade no grupo dos trabalhadores, apesar de que este nó é a confluência das ruas que dão acesso e saem do Parque, por onde todos necessariamente têm que passar.
- Poucos respondentes indicaram Limite 2 e Setor 2 nos mapas (11% e 5% respectivamente) com baixíssima representatividade e relevância nos mapas analisados.

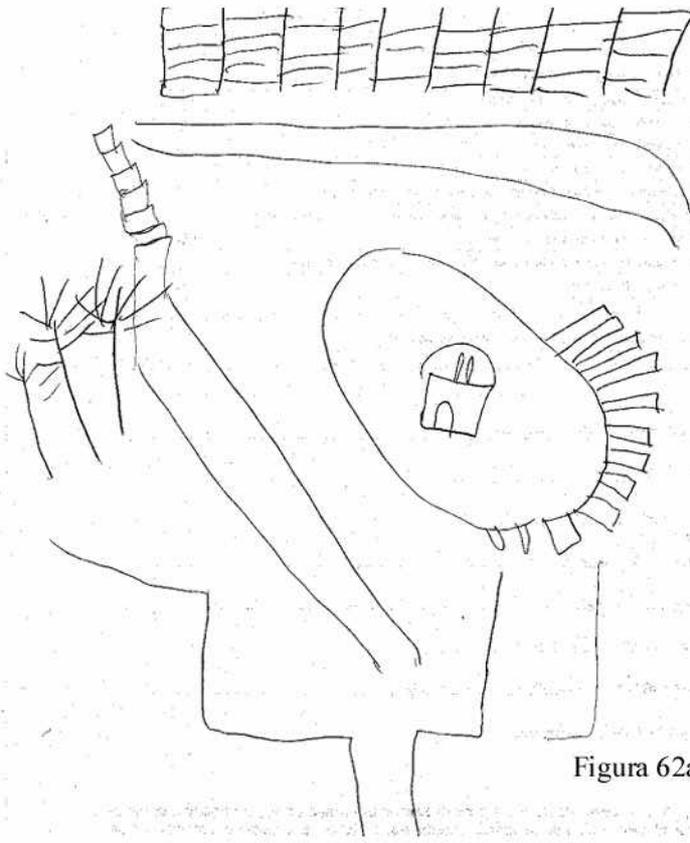


Figura 62a - Mapa Mental: Trabalhador
Tipo Simbólico

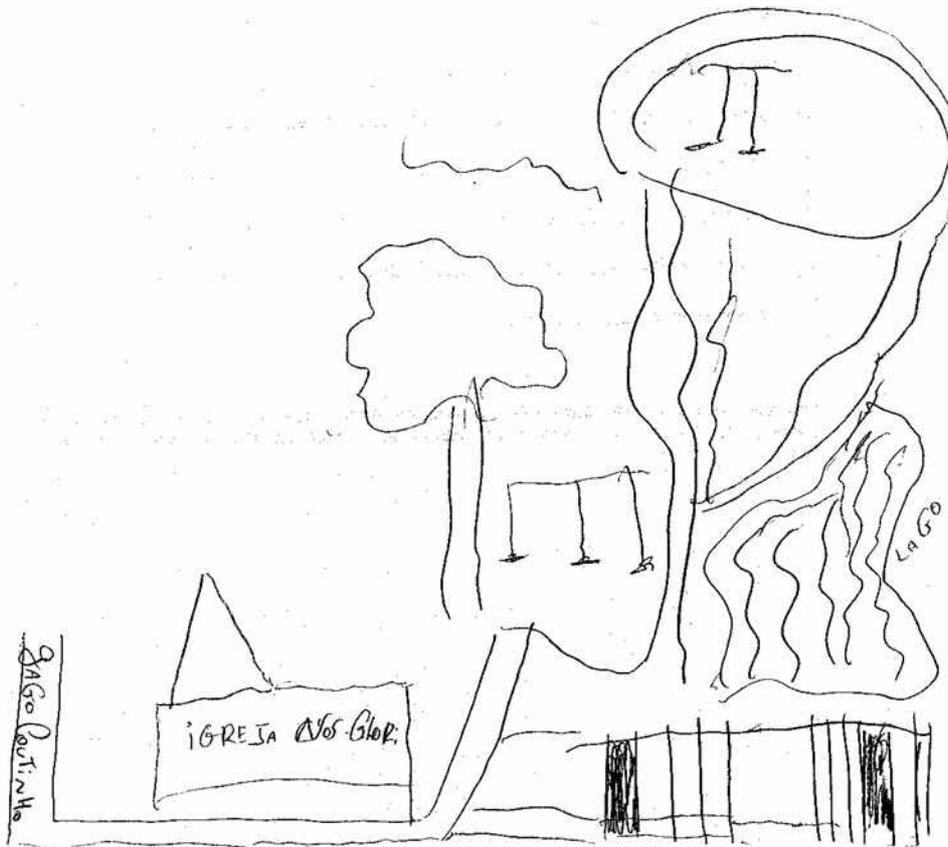


Figura 62b - Mapa Mental: Trabalhador
Tipo Simbólico

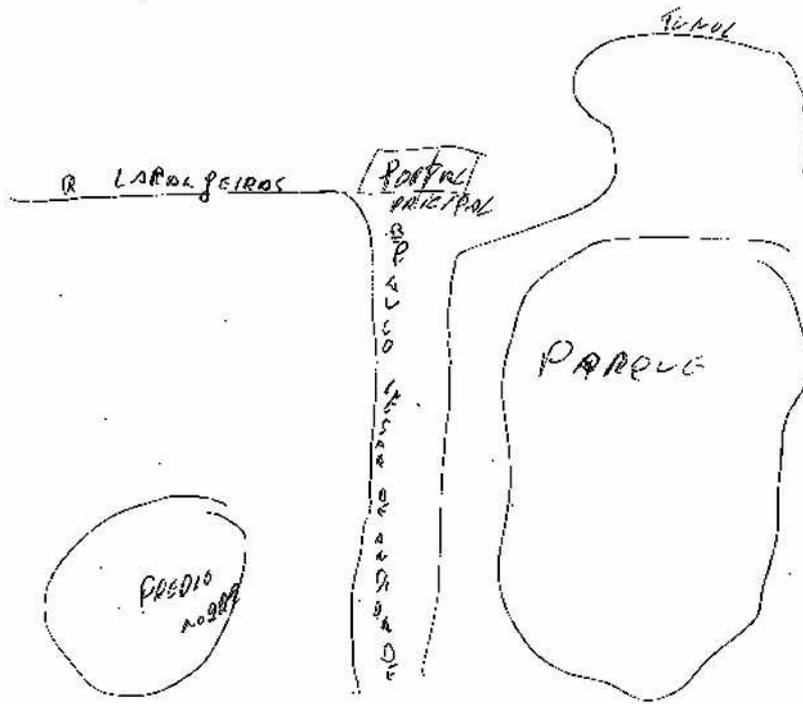


Figura 63a - Mapa Mental: Trabalhador Tipo Semi-estruturado

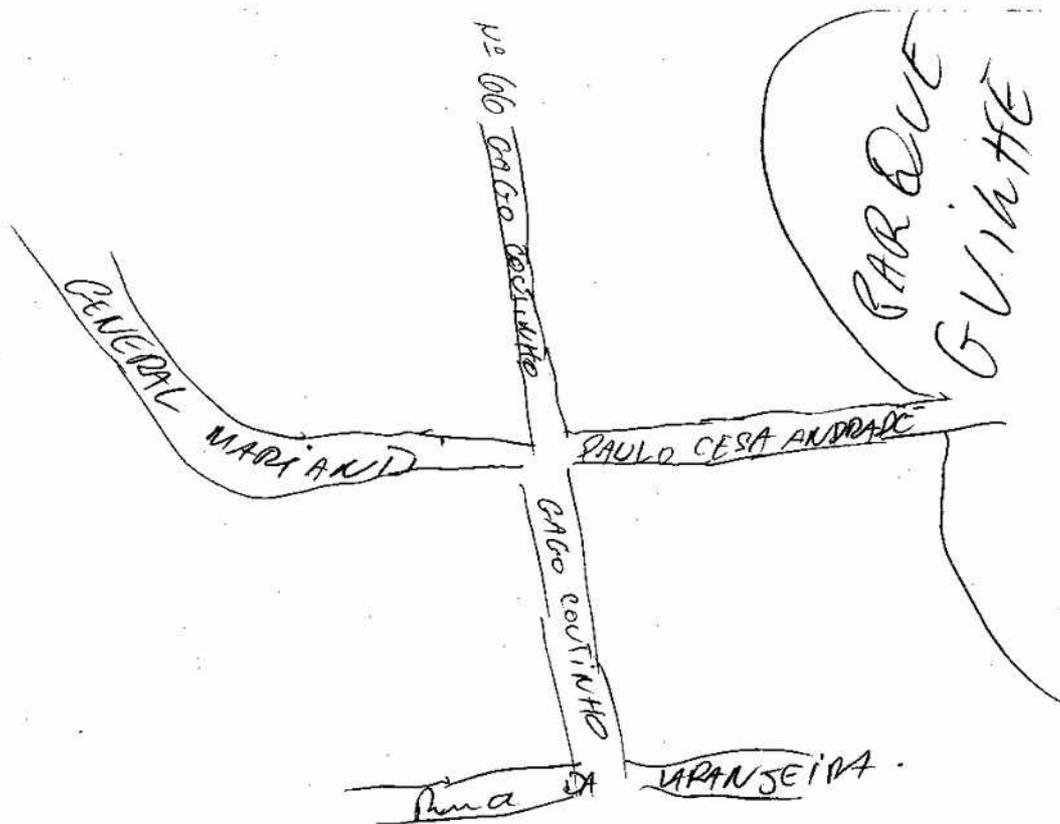


Figura 63b - Mapa Mental: Trabalhador Tipo Semi-estruturado

Visitantes

- Ainda que em contraposição ao grupo anterior, numa alusão à motivação da presença no lugar vinculada à liberdade de escolha, houve um maciço percentual de mapas simbólicos (48,5%) e semi-estruturados (45%) contra apenas dois (6,5%) estruturados. É importante ressaltar aqui que o principal motivo da presença de visitantes no Parque Guinle se relaciona ao lazer e à descontração e este era o espírito dos respondentes no momento das entrevistas. Tal fato pode explicar esta vinculação a uma imagem lúdica e sentimental que a maioria dos visitantes demonstraram em relação do Parque Guinle, em que este ambiente urbano representa um escape da realidade ou a uma pausa no movimento frenético do dia-a-dia citadino.
- A grande representatividade do *marco* (51%) no grupo dos visitantes, aparecendo homogeneamente em todos os três tipos de mapas – estruturado, semi-estruturado e simbólico – se mostrou como o elemento de maior força na percepção do lugar, assim como nos outros dois grupos analisados. Aqui e também mais uma vez o Portal foi o elemento físico indicado na totalidade dos mapas dos visitantes (100%) comprovando seu altíssimo grau imagético e simbólico.
- Em ordem de pontuação, em segundo lugar tivemos o Setor 1 (48%), que deixa claro que para a grande maioria dos visitantes a área do parque é a compreendida pelo Portal, pela rua em curva e pelo Palácio das Laranjeiras. A partir destes pontos podemos considerar que estamos do “lado de fora” do Parque Guinle na percepção dos visitantes.
- O elemento *percurso* teve uma razoável representatividade entre os visitantes (38%), principalmente no tipos de mapas estruturados e semi-estruturados, sendo porém menos relevante que os dois anteriores – marco e setor 1. As ruas aparecem como o segundo elemento físico mais representado nos mapas (70%), indicando um razoável senso de orientação e estrutura formal do lugar percebida por deste grupo.
- O Portal, como *marco*, possui força imagética e simbolismo, entretanto com ponto nodal sua representatividade foi pequena (22%), mostrando-se mais presente nos mapas semi-estruturados e estruturados.
- É interessante observar que, para os visitantes, ainda que o Setor 1 tenha sido bastante relevante nos mapas analisados, os limites para uma parte dos entrevistados (22%) expande-se até a Rua das Laranjeiras e ao Largo do Machado, as quais definem o Limite 2. Não foi feita uma menção sequer ao elemento definido como Setor 2. Destacamos a dificuldade de, em determinados mapas, fazermos uma distinção clara do que foi definido como limites e setores, pois estes elementos muitas vezes se confundem na representação gráfica dos entrevistados.



Figura 65a - Mapa Mental: Visitante
Tipo Simbólico

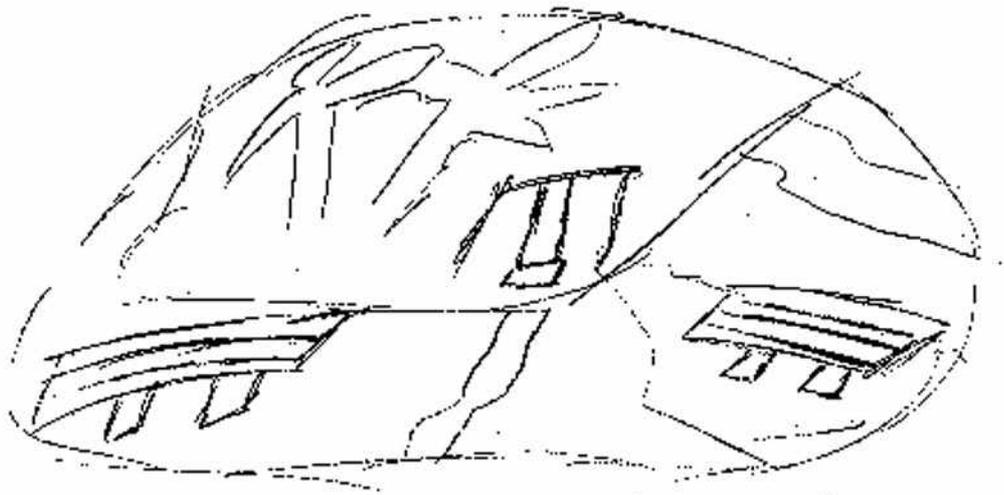


Figura 65b - Mapa Mental: Visitante
Tipo Simbólico

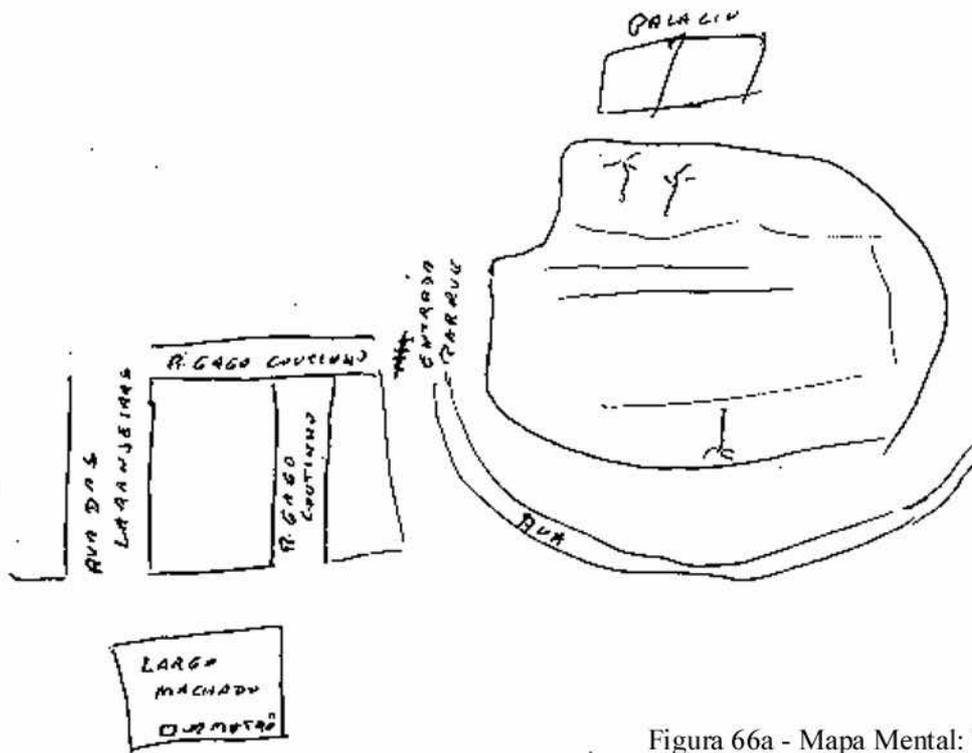


Figura 66a - Mapa Mental: Visitante Tipo Semi-estruturado

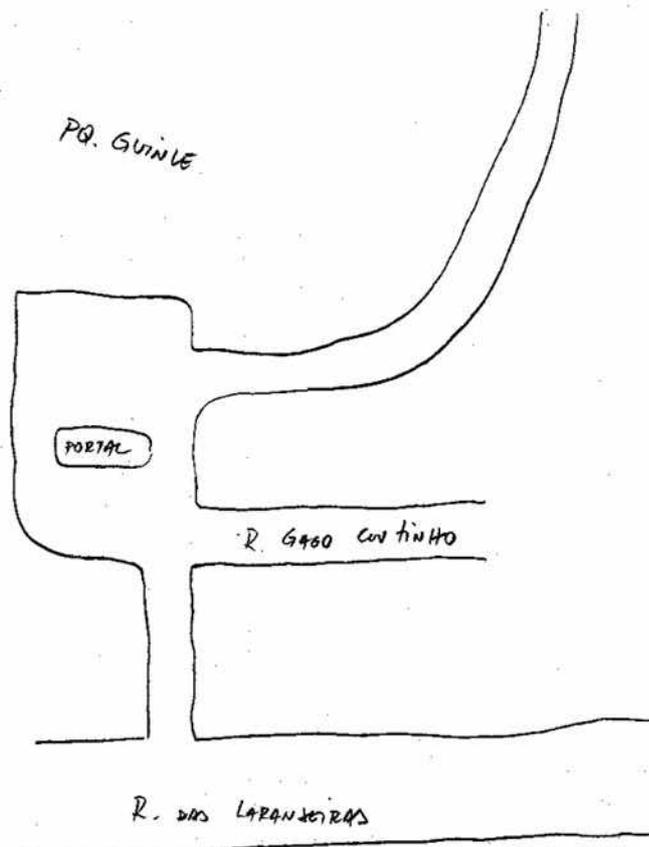


Figura 66b - Mapa Mental: Visitante Tipo Semi-estruturado

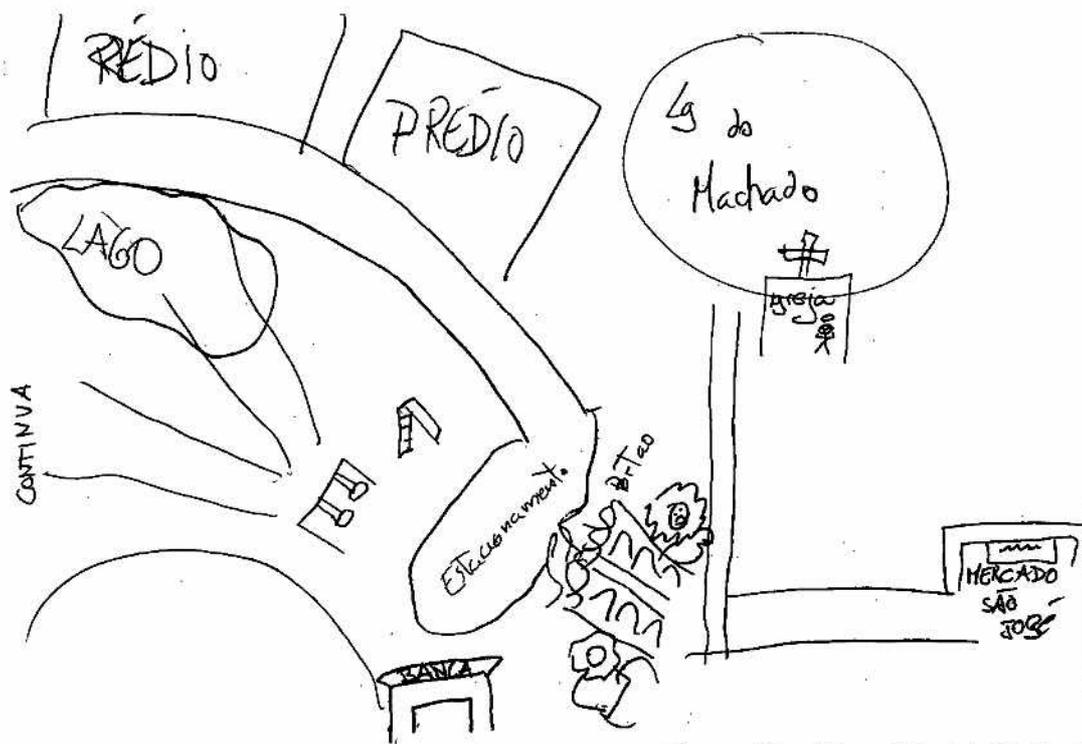


Figura 67a - Mapa Mental: Visitante Tipo Estruturado

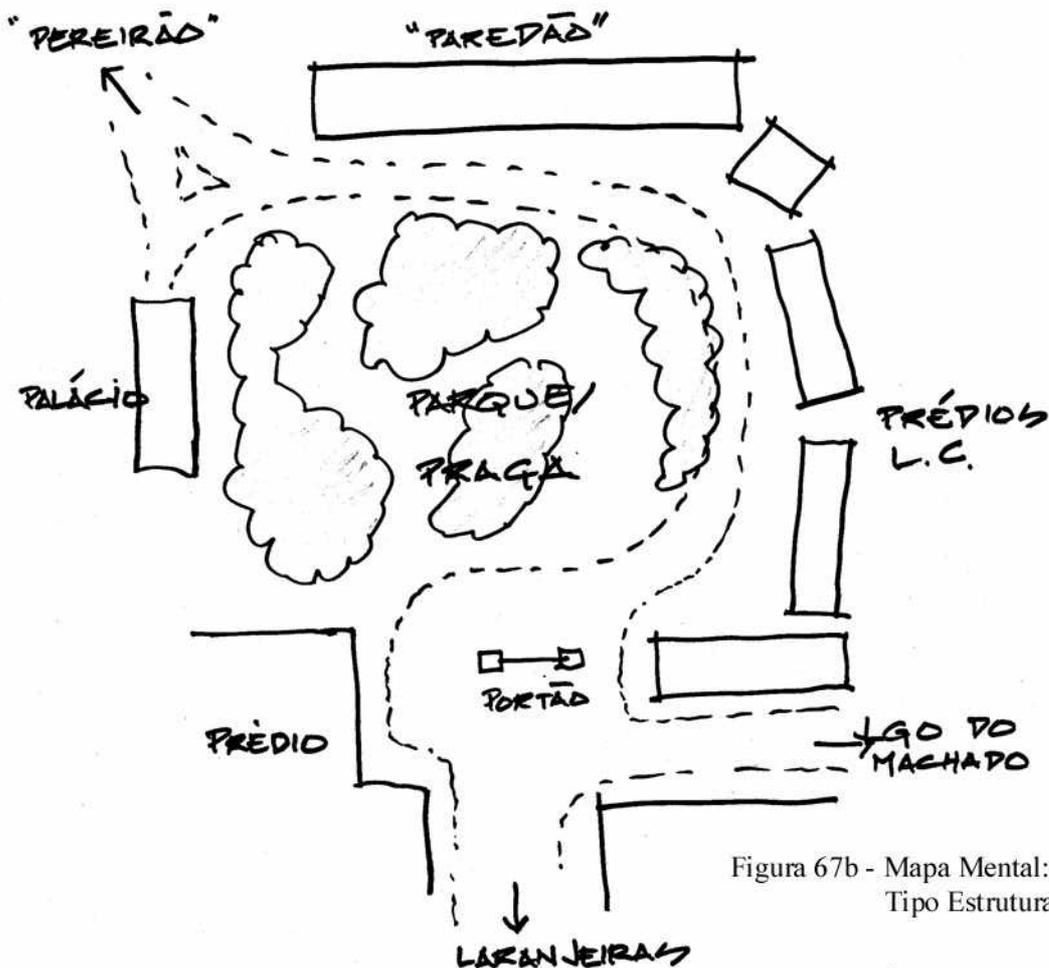


Figura 67b - Mapa Mental: Visitante Tipo Estruturado

Análise geral do mapeamento cognitivo

Os comentários acima possibilitam uma avaliação mais genérica sobre os diversos pontos observados relativos à percepção e à cognição dos usuários da área em estudo:

- A grande quantidade de mapas simbólicos e semi-estruturados observada na análise do mapeamento cognitivo em todos os grupos entrevistados, demonstra a força motivadora que a determinou. Ainda que o processo de interação com o ambiente se dê por um interesse consciente ou inconsciente, e seja fundamental para a compreensão e estruturação da imagem mental de um lugar (del Rio, 1991), a maioria dos entrevistados optou pelo viés da imagem lúdica, da fantasia e do subjetivismo, para representar o Parque Guinle.
- Apesar de não constarem dos comentários relativos aos grupos analisados, um elemento físico de presença marcante nos mapas é a vegetação exuberante que marca a paisagem do lugar. A simbologia ligada à imagem de uma árvore carrega em si todo um repertório de tons de cinza que se espalha cada vez mais pela cidade em detrimento dos verdes possíveis encontrados no Parque Guinle.
- Também a água, com elemento físico, possui um forte apelo imagético junto à população usuária do parque, tendo sido representado em grande parte dos mapas – tanto simbólicos, quanto semi-estruturados e estruturados. A presença da água pode ser percebida em todo o parque, através do som produzido por seu borbulhar, ao descer entre as pedras dos riachos artificiais, pela placidez do espelho d'água com seu pagode chinês na ilha central do lago e pelos pássaros que vivem soltos em suas margens, para deleite das crianças e dos adultos.
- O Portal do Parque Guinle, elemento físico de caráter referencial, ponto focal e marco mais importante do lugar, foi o mais representado na grande maioria dos mapas. Sua importância na estruturação da imagem mental que os usuários têm do lugar possui um valor simbólico muitas vezes percebidos de forma inconsciente. Entretanto, e sem sombra de dúvida, revela características suficientemente fortes e marcantes para a identificação e legibilidade daquele ambiente urbano apenas pela sua forma e localização.
- O largo da entrada do Parque Guinle pode ser considerado como um ponto nodal, ou nó, cujo teor imagético é devido à presença marcante do Portal, que aparece como o elemento físico percebido pela maioria e o elemento estrutural *marco referencial* de maior representatividade nos mapas mentais.

3.2.6 Anotações de Observação – o Comportamento Ambiental

Foram realizadas diversas visitas ao Parque no sentido de aferir como o indivíduo interage com o ambiente e como o ambiente interfere na conduta individual e coletiva. Nesta etapa, foram feitas anotações através de observação participante marginal, ou seja, o observador inserido no meio pesquisado porém adotando uma conduta natural como mais um visitante do parque, sem a interação do pesquisador com o objeto observado, ou seja, os outros usuários. Optamos por esta posição não intrusiva por se tratar de um lugar com vários pontos distintos, se configurando em cenários comportamentais diferenciados, e com uma gama de usuários diversificada e flutuante. Esta posição entretanto, demandou um trabalho criterioso e de forte controle pessoal do pesquisador, de forma a não gerar dificuldades e erros na interpretação das anotações e registros. Apesar de ser confortável e exigir uma preparação mínima de recursos, a familiaridade com o lugar pode limitar uma visão neutra e a habilidade do observador de se surpreender pelo que ele vê e pelo que está realmente acontecendo. Ao final da análise apresentamos um mapa-croquis do Parque Guinle com as indicações dos principais aspectos observados.

As visitas de observação ocorreram em dois dias da semana, às terças-feiras e sextas-feiras pela manhã, e nos finais de semana, aos domingos pela manhã e à tarde, durante um período de dois meses, com intervalos de quinze dias entre os dias visitados. Além disto, também durante a aplicação dos questionários, foram feitos registros de observação sobre os usos do parque e sobre o comportamento de seus usuários.



Figura 68 – Praça inferior do Parque Guinle numa manhã de domingo (foto da autora)

Observamos que durante a semana nos horários da manhã, entre nove e onze e meia, e à tarde, após as quinze horas, o parque é mais utilizado por crianças com suas mães, avós e babás – principalmente nas praças onde há equipamentos de recreação infantil – e por idosos que buscam um lazer contemplativo e são atraídos pelo burburinho e animação da criançada, o que os faz relembrar sua juventude¹⁵. Pudemos chegar a esta conclusão aliando as anotações de observação à análise dos questionários, onde muitas das respostas deixavam claro este aspecto saudosista de retorno à infância.

No início da manhã, por volta das sete horas, um grupo de praticantes de *tai-chi-chuan*, arte marcial chinesa, se apropria da área livre e plana da praça maior junto ao portal, tirando proveito do silêncio, da amplitude e do espaço verde e aberto do parque, tão propícios a esta prática. Este foi o único uso observado ligado à práticas esportivas ou de culto ao corpo, ainda que esta arte marcial busque mais a harmonização entre corpo-mente-espírito. O parque não possui atrativos para adolescentes e adultos jovens – com poucos e precários equipamentos de ginástica em um único local e nenhuma área para a prática de jogos esportivos em equipes ou individuais – e sua presença durante a maior parte do dia foi pouco observada.

Já ao cair da tarde, inicia-se uma maior afluência de jovens e adultos passeando com seus cachorros e fazendo dali um ponto de encontro e troca de informações sobre os animais. Este se torna um ponto conflituoso do lugar pois, além de muitos dos animais permanecerem soltos, sem coleiras ou focinheiras independentemente de seu tamanho, os mesmos fazem suas necessidades na grama ou nos caminhos do parque onde as crianças brincam em contato direto com estes elementos. Nos depoimentos registrados nas entrevistas houve um grande número de pessoas insatisfeitas com este fato, com sugestões de proibições de acesso dos animais ao parque, o que é dificultado pela falta de gradeamento e fiscalização.

O uso do Parque Guinle nos finais de semana não difere substancialmente do que ocorre durante a semana. A diferença está na presença em maior número de visitantes de outros bairros da cidade que trazem suas crianças e de turistas em passagem pela cidade.

No uso comunitário, detectamos um indício de ocupação do parque por parte da Associação de Moradores de Laranjeiras e algumas outras entidades não governamentais, as quais tentam trazer à consciência da população em geral aspectos como a preservação do meio ambiente, de sua flora e fauna, e também de saúde e educação. São promovidos ali nessas ocasiões encontros e reuniões da Associação de Moradores de Laranjeiras e atividades de recreação infantil para a garotada.

¹⁵ Muitos respondentes relacionaram o Parque aos tempos da infância lá vividos em suas entrevistas (vide item 3.2.4)

Uma banca de balas, doces e bebidas é diariamente montada na praça inferior, junto ao largo do Portal. Seus proprietários são moradores da Rua General Marianti e instalam seu ponto de venda no Parque há mais de quatro anos, já tendo se tornado conhecidos dos visitantes habituais do lugar – seus maiores fregueses. Este foi o único uso comercial, ainda que informal, observado no parque. Houve manifestações de vários entrevistados sobre a falta de um local mais adequado e permanente para este tipo de comércio, assim como sobre a falta de sanitários e bebedouros no parque.

Foi observado um interessante uso do parque como passagem entre a Rua Gago Coutinho, e o final da Rua Paulo César de Andrade, junto à entrada do Palácio que dá acesso ao Conjunto Residencial do Parque Guinle e às ruas à jusante. Registramos um fluxo bastante intenso de pessoas que usam os caminhos ascendentes do parque no percurso da escola ou do trabalho para casa e vice-versa. Estes pedestres, em vez de subir pela rua curvilínea ou tomar o microônibus que circula entre a Rua Gago Coutinho e a Rua Pereira da Silva preferem o clima ameno e o ar pitoresco e bucólico do interior parque para esta caminhada. Observamos os tipos mais diferenciados de caminhantes, desde jovens alunos voltando da escola, até office boys e pessoas idosas com boa disposição física para a suave, porém intensa subida.

Não foi detectado no Parque Guinle indícios de vandalismo ou depredação do patrimônio, e do mobiliário urbano ou destruição da fauna e flora do parque por parte de seus usuários. Ao contrário, notamos que as pessoas têm o cuidado de não causar danos ao lugar que tanto prezam, ainda que a precária manutenção de seus jardins tenha sido algumas vezes citada nas entrevistas.

Não foram feitas observações diretas no período noturno, entretanto encontramos traços e vestígios de que alguns locais mais recuados, confirmando recentes notícias publicadas na mídia impressa (vide Anexo V). Na parte alta do parque e de vegetação mais densa, os recantos mais recuados são utilizados como dormitório, lugar de preparação de alimentos e de evacuação por mendigos que, assim como todos os usuários, têm livre acesso ao parque. Os cursos d'água do parque são utilizados na lavagem de roupas e utensílios e também para banho e assepsia pessoal destes indivíduos que, sem pudor, o fazem sem roupas e a plena luz do dia, gerando os inconvenientes que a nudez causa. Além disto, foram relatados casos de utilização de drogas e de realização de sexo ao ar livre, o que vêm chocando a opinião pública pela grande repercussão na mídia impressa.

A vigilância realizada pela Guarda Municipal é feita perifericamente, não chegando a interferir com estes “moradores”. Tais fatos corroboram a reclamação dos entrevistados sobre a presença indesejada dos mendigos e, conseqüentemente, o desejo de poucos de gradear o parque (34%), ainda que não tenham sido relatados casos de violência ou danos físicos ou materiais devido a

esta “invasão”. Concluímos que o que mais incomoda, nesse caso, não é o risco iminente ou a real falta de segurança, mas a presença direta da miséria humana estampada nos rostos imundos, nas roupas rasgadas e nas atitudes consideradas inumanas daqueles homens e mulheres sem posses, em contraste com o ambiente considerado digno, saudável e privilegiado do Parque Guinle.

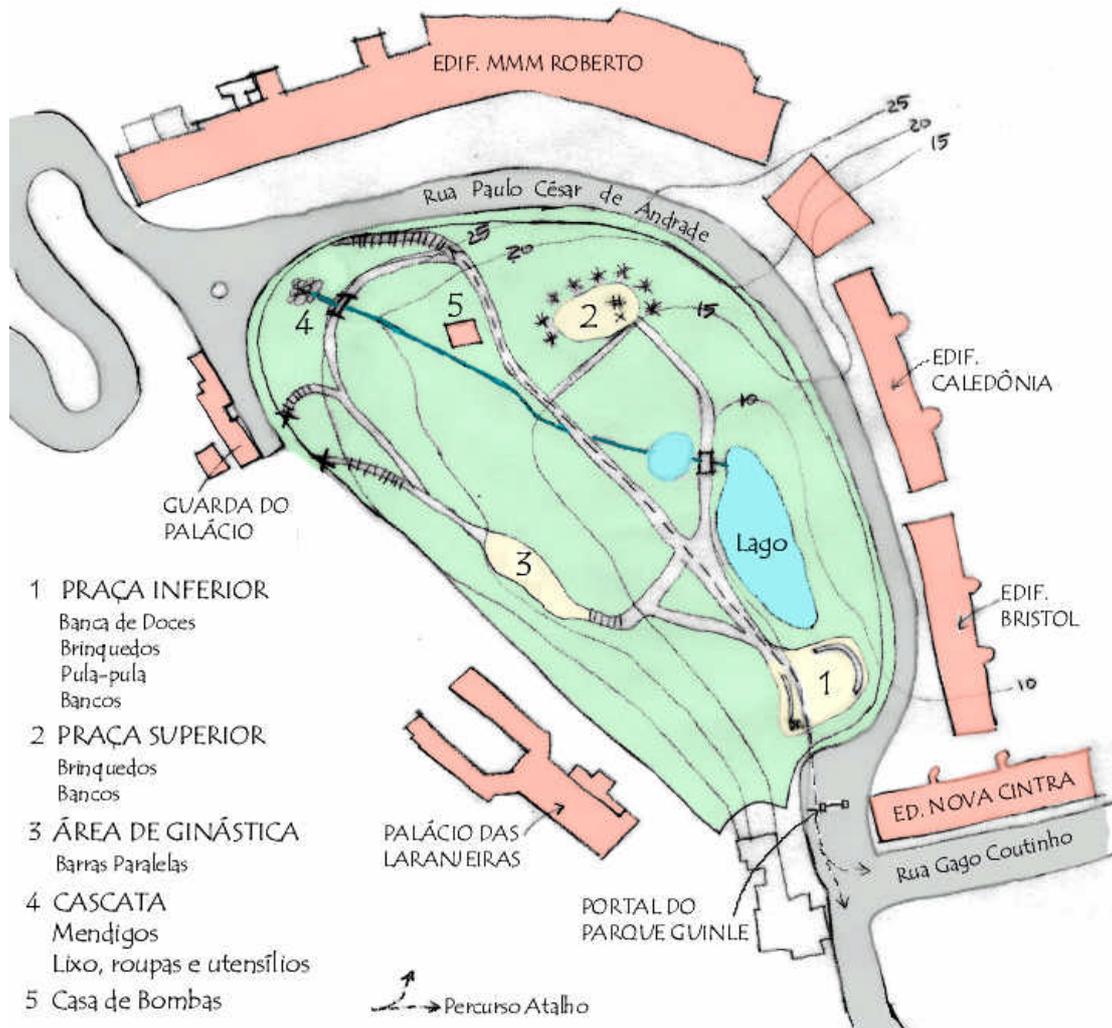


Figura 69 – Mapa-croquis do Parque Guinle com anotações de observação (croquis elaborado pela autora)

CONCLUSÕES

Antes de iniciarmos as conclusões desta pesquisa, retomamos algumas considerações feitas na introdução da dissertação que geraram o desenvolvimento do processo de avaliação do Parque Guinle. Considerando o tema inicialmente proposto – as influências e relações entre a qualidade reconhecida de um lugar, seu projeto original e o significado, para os usuários, dos aspectos visuais, perceptivos e cognitivos – e buscando atender aos objetivos da pesquisa, estruturamos as conclusões em três partes distintas: a) quanto à percepção e cognição em geral; b) quanto às dimensões de desempenho; e c) relativas à metodologia.

Podemos considerar que os objetivos específicos de nossa pesquisa foram atendidos no que diz respeito à descrição do processo evolutivo do Parque Guinle e aos levantamentos de suas características formais e tipológicas. Entendemos que tanto o projeto urbanístico quanto o arquitetônico de Lúcio Costa contribuíram sobremaneira para sua imagem atual.

QUANTO À PERCEPÇÃO E COGNIÇÃO EM GERAL

Após a finalização da tabulação e da análise dos dados da pesquisa obtidos através dos múltiplos métodos e técnicas empregados – questionários com perguntas abertas e fechadas, mapeamento cognitivo e visão serial – tornou-se necessário fazer o entrelaçamento de seus resultados – a análise cruzada de dados – para procedermos a uma avaliação perceptiva-cognitiva global. Tal avaliação foi realizada com base nas dimensões de desempenho – vitalidade, sentido, adequação, acesso e controle – de Lynch (1981) apresentadas no Capítulo 2.

Uma importante ressalva, é quanto ao caráter deste estudo de caso se enquadrar em um nível exploratório, ainda que relacionado à pesquisa *Qualidade do Lugar e Desenho do Ambiente* e ao estudo de caso realizado por Fávero (2000), onde a amostragem reduzida e os resultados não configuram referencial científico para a população como um todo. Valem entretanto como confirmação da aplicabilidade dos métodos e técnicas empregados na avaliação de outros lugares urbanos, conforme proposto pela pesquisa maior do PROARQ mencionada.

Assim, com vista nas observações feitas, apresentamos uma síntese dos dados tabulados e analisados qualitativamente:

- A imagem geral do Parque Guinle é positiva e sua qualidade percebida e reconhecida pela maioria da população usuária; sua inserção urbana diferenciada em um sítio privilegiado da Zona Sul valoriza e qualifica o lugar.

- A análise dos vários aspectos relativos à percepção, cognição e representação dos elementos físicos na mente mostrou-se positiva, conforme avaliado a partir dos mapas mentais, das questões sobre as imagens mentais do questionário e da análise da visão serial.
- Um item de avaliação altamente positiva é a arborização do parque e das ruas do entorno e, conseqüentemente, a ambiência do lugar. A arborização figura em primeiro lugar em quase todas as descrições e avaliações feitas pelos usuários, enfatizando seus benefícios para a cidade e a população. De fato, o lugar configura-se em um espaço que se destaca pela relação harmônica do ambiente natural com o espaço construído.
- Os principais elementos estruturais apontados foram os *marcos* – representados pelo Portal e pelo Palácio das Laranjeiras e mesmo pelo lago do Parque. São marcos referenciais físicos, ou seja, elementos urbano-arquitetônicos de significativa representação na imagem mental dos usuários. A identificação destes elementos é clara e possui um forte caráter na estruturação mental do lugar.
- Uma interessante observação que pode ser feita quanto à ordem em que se agruparam os resultados, de modo geral, em determinadas categorias: os aspectos ambientais e visuais – arborização, estética, Portal – obtiveram a maior aprovação e os aspectos arquitetônicos – estética dos edifícios, afastamentos, comércio – situaram-se em um índice positivo médio. Já os relacionados à parte urbanística – ruas, calçadas, estacionamento – os índices gerais foram os mais baixos, representando o menor índice de aprovação por parte dos respondentes. Embora tenham sido os percursos, representados por estas mesmas ruas, o segundo elemento estrutural mais nos mapas mentais, demonstrando uma boa orientação e estrutura formal em relação ao lugar.
- Apesar do forte caráter estético e ambiental presentes nas avaliações dos usuários do Parque Guinle, o fraco desempenho dos atributos imagéticos relacionados aos edifícios modernistas deve ser apontado. Não foi identificada uma consciência dos próprios moradores quanto ao significado histórico e a importância arquitetônica dos edifícios projetados por Lúcio Costa. Devemos considerar que atualmente eles se encontram parcialmente encobertos pelas copas das árvores, como pode ser observado nos Painéis Analíticos da *visão serial*, o que pode justificar em parte sua baixa pontuação.

QUANTO ÀS DIMENSÕES DE DESEMPENHO

a. **Vitalidade:**

O ambiente urbano analisado demonstrou possuir esta qualidade, ou seja, proporciona um bom suporte à vida, à saúde e à perpetuação das espécies. O Parque Guinle pode ser avaliado positivamente nos aspectos *sustentação* e *segurança*. É atendido por todas as facilidades e sistemas de abastecimento públicos – redes de água, energia elétrica, saneamento, telefone, gás canalizado – e localiza-se próximo ao comércio e aos serviços em geral. Sua ambiência, topografia e densa arborização criam um microclima agradável e ameno, além de servirem como filtros da poluição atmosférica e dos ruídos inerentes à cidade.

A segurança pública no lugar pode ser considerada de boa qualidade, em primeiro lugar por estar ali situada a residência oficial do Governador do Estado e possuir policiamento ostensivo dia e noite em suas vias. A violência é porém, e infelizmente, um fato urbano, que vem transformando a cidade como um todo numa seqüência de jaulas e gaiolas onde sentimo-nos psicologicamente mais seguros. A inexistência de grades em torno do parque e em alguns de seus edifícios e a própria avaliação dos usuários sugere que as pessoas se sentem seguras naquele lugar.

O ambiente do Parque Guinle é saudável não expondo a riscos de doenças ou endemias seus habitantes e usuários. Em nosso atual momento, onde ocorre uma epidemia de dengue na Cidade do Rio de Janeiro, a existência do lago e dos cursos d'água no interior do parque poderia sugerir um foco de infestação dos mosquitos transmissores, porém suas águas estão em permanente circulação e possuem tratamento adequado. Em seu ambiente vivem livremente e procriam animais e aves aquáticas muito estimadas pela população, principalmente o público infantil que, junto com os idosos, são seus maiores freqüentadores.

No parque público as crianças brincam, correm, pulam, se divertem, se arriscam, crescem e se desenvolvem. Os adultos e idosos entram em contato com a natureza e a paz que ela proporciona. Isto confere à consonância, aspecto mais subjetivo da dimensão, uma avaliação também positiva, pois o ambiente é harmônico tanto no que se refere às características edilícias – ambiente natural e espaço construído – quanto à relação ergonômica entre o ambiente e o homem.

b. **Sentido:**

A investigação feita com base nos questionários, entrevistas, mapeamento cognitivo e observação direta comprova que seus principais usuários – moradores, trabalhadores e visitantes – possuem uma forte ligação afetiva com o lugar. As pessoas demonstram um apreço por aquele ambiente e para ali são atraídas pelas suas qualidades e atributos. Identificam-se com o lugar que lhes é

familiar, para muitos representando sua história de vida. A permanência dos moradores e o desejo de lá ficarem, passa de pais para filhos, ou de avós para netos, não só pela qualidade de suas residências, mas pela própria existência do parque e suas qualidades intrínsecas, no qual os pequenos usuários passam a infância, criando marcas indeléveis e altamente positivas sobre o lugar.

Seus habitantes e usuários reconhecem os elementos físicos (conscientemente) e estruturais (inconscientemente) mais marcantes ali existentes, possuindo boa estrutura formal do ambiente, coerente orientação no espaço, além de aptidão na leitura de seus símbolos e características formais, o que demonstra possuírem uma boa legibilidade do espaço.

Pudemos apreender os aspectos de percepção e de cognição no lugar analisados a partir das entrevistas e da observação direta em campo para avaliar como se dá a interação do ambiente com o indivíduo e vice-versa. Os estímulos sensoriais e perceptivos gerados por aquele ambiente urbano são altamente impactantes – o momento em que atravessamos o portal penetramos em seu espaço verde e relaxante, a rua tranqüila e curvilínea que ascende suavemente até o alto da encosta, os edifícios suspensos sob os pilotis e abertos para a rua com suas múltiplas texturas e cores, o admirável panorama visualizado a partir das janelas e terraços que se abrem para o parque e para o Palácio, os odores das pétalas dos *flamboyants* que forram o chão após a primavera, o borbulhar das águas nas pedras dos riachos, as aves flutuando nas águas plácidas do lago ou fazendo sobrevôos serenos sobre as copas, as crianças brincando de ser crianças, os adultos desejando ser crianças e os velhos voltando a ser crianças.

Todos estes estímulos são filtrados de acordo com a motivação individual dos que ali se encontram ou permanecem por vontade própria e desobrigadamente. Passam por um processo mental que os registra na memória, organizando-os em imagens icônicas ou representações objetivas do lugar – as árvores, o Portal, o lago e as aves, o Palácio – ou mais subjetivas e simbólicas – ar puro, natureza, canto dos pássaros, saúde, quebra da rotina – que se transformam em estruturas significantes. São então avaliados por julgamentos, conhecimento prévio, valores e expectativas próprias de cada um e convertem-se em atitudes e conduta. Constrói-se assim o espaço percebido – o lugar Parque Guinle, reconhecido e valorizado por sua população, e confirma-se suas qualidades formais, paisagísticas e imagéticas.

É interessante ressaltar que a predominância da visão poética, lúdica e sentimental em relação ao Parque Guinle por parte principalmente de seus moradores e visitantes, interfere com a realidade observada no lugar. Esta visão subjetivamente positiva faz com que alguns dos aspectos negativos do parque, tais como a manutenção de seus jardins, a sujeira que os “estranhos habitantes” deixam e o aspecto degradado em alguns trechos do Parque tenham pouca ou

nenhuma relevância em sua avaliação final. Além disso, a própria fama e a história do lugar promovem e realçam sua imagem positiva perante a população.

c. **Adequação**

Na análise da observação direta do comportamento ambiental foi possível diagnosticar o grau em que o ambiente está em conformidade com as funções ali realizadas e como as ações e condutas correspondem ao meio. Com respeito aos aspectos urbanísticos, o uso residencial, encontra-se absolutamente consolidado e é valorizado, não só pelos atributos físicos e espaciais de seus edifícios, como também pela sua inserção urbana junto ao espaço verde do parque e pela proximidade com centros comerciais e de serviços. Seus moradores possuem uma grande afeição pelo lugar, promovendo melhorias e conservando o patrimônio. Ainda que sejam os frequentadores menos assíduos do parque tão próximo, possuem uma relação direta de espectadores e observadores daquele cenário verde e exuberante encimado pelo palácio eclético, de forte caráter imagístico e simbólico.

O parque público em que se transformou os jardins do palacete dos Guinle, além de cenário magnífico, atua como ponto de atração de visitantes provenientes de todos os lugares. Essas pessoas vêm em busca de lazer e recreação, de contato social, de ar puro e fresco, de descanso e de paz, e ali encontram estes atributos, disponíveis em sua extensa área verde, nos brinquedos infantis, nas sombras das árvores, nos sons, nos odores e principalmente na bela paisagem do lugar. A conduta pacífica e o comportamento sociável e pacato dos visitantes do Parque Guinle pode ser considerada uma reação direta aos benefícios relacionados aos seus aspectos físicos, estéticos e também simbólicos, percebidos e valorizados por todos.

É importante salientar que esta avaliação positiva ocorreu mesmo com o reconhecimento, por parte dos usuários em geral, de alguns fatores negativos que ocorrem no parque atualmente. Neste contexto foram observados: o livre e indiscriminado acesso de cachorros, a presença de mendigos e indigentes que fazem do parque seu abrigo e sua moradia e a insegurança que esta presença causa e que aflige a cidade como um todo.

A conduta observada com respeito a esses aspectos é de aceitação e de adaptabilidade ao meio, onde cada grupo respeita seus limites numa convivência pacífica. Ou seja, nos momentos de maior afluência de crianças, há menos pessoas passeando com seus cachorros; estes por sua vez frequentam mais o parque no final da tarde. Já os mendigos permanecem em áreas menos visíveis sem perturbar os outros usuários; conseqüentemente estes evitam estar ou passar por aqueles locais de dia ou à noite.

Podemos concluir nesta avaliação que uma participação mais ativa dos usuários do parque e mesmo da administração pública poderia contribuir com a eliminação ou trazer melhorias em relação a estes aspectos, atendendo ao desejo de seus usuários de que o parque permaneça o lugar que a todos satisfaz.

d. **Acesso e Controle**

A partir dos mapeamentos e levantamento das características físicas do lugar, apresentados no Capítulo 3, e complementados com a observação sistemática em campo fizemos a avaliação das dimensões acesso e controle. Lembramos que por se tratar de uma pesquisa que enfatiza os aspectos perceptivo-cognitivos, esta avaliação foi realizada sem um aprofundamento necessário a um estudo mais direcionado.

O Parque Guinle possui qualidades no que diz respeito ao acesso, com farta disponibilidade e diversidade de meios de transporte, dispondo de diversas linhas de ônibus nas proximidades, além de estar próximo à estação do metrô do Largo do Machado. A igualdade de acesso pode ser observada conforme o comentário da avaliação da adequação, onde não há impedimentos ou restrição de acesso às partes públicas e algumas semipúblicas do lugar. Possui intensa permeabilidade, com a pouca inclinação na rua favorecendo a circulação de pedestres até o final da mesma junto à entrada do Palácio. Carece entretanto de alguns pequenos incrementos, tais como: rampas para vencer os desníveis do meio-fio entre a rua e as calçadas para melhorar a acessibilidade aos portadores de deficiências, às mães com carrinhos de bebês, aos mais idosos, enfim, a todos de forma igualitária. A existência de escadarias para vencer as diferenças de níveis no interior do parque não configura uma restrição de circulação, com opções por caminhos em rampa pavimentados por todo o parque. Podemos avaliar portanto o Parque Guinle como um lugar com boas condições de acessibilidade, diversificado em termos de meios e alcances, e igualitário pois atende satisfatoriamente a todas as faixas de usuários.

Por ser um lugar urbano aberto e acessível a todos o Parque Guinle não possui um controle efetivo sobre seu espaço físico, mesmo com a presença de uma viatura da polícia civil que faz a vigilância do lugar a título preventivo. O controle ali é reconhecido apenas de forma subjetiva e psicológica pela própria condição topográfica do lugar, cujos edifícios voltados para o parque parecem em permanente vigília. Pudemos confirmar a presença de atributos que favorecem a percepção das idéias de escala e controle e da sensação de conforto do lugar. Tais atributos, indicados nos conceitos de “definição espacial” e de “espaço contido” (Cullen, 1996), são gerados por conta dos limites espaciais claramente definidos no Parque Guinle e por sua configuração geral em “anfiteatro” natural.

Foi diagnosticada em nossa avaliação a existência de alguns conflitos de ocupação que poderiam interferir negativamente neste aspecto – a presença dos mendigos – fato que vem ganhando destaque na imprensa. A instalação de grade ao redor do parque poderia ser uma solução para este problema pontual, sendo uma reivindicação da Associação dos Moradores com apoio minoritário dos usuários do parque (de acordo com nossa análise).

Apesar de que o gradeamento poderia gerar mais segurança no interior do Parque, em nossa visão técnica, consideramos que a rua curvilínea se transformaria num corredor de passagem de aspecto hostil e sem alternativas de saída a não ser nas duas extremidades. A rua se tornaria provavelmente bastante insegura para os pedestres em todas as horas, principalmente no trecho em frente ao bloco maior dos irmãos Roberto, onde a desconexão do edifício com a rua torna sua relação com o parque ainda mais intensa. Portanto, em nosso entendimento, o gradeamento traria o único benefício do maior controle de acesso ao parque público. Entretanto prejudicaria o *lugar* Parque Guinle, segmentando e causando uma ruptura naquele ambiente urbano que a despeito de suas partes diferenciadas e de características próprias configura-se num todo único.

RELATIVAS À METODOLOGIA DA PESQUISA

Conforme já mencionado, esta pesquisa participa, como estudo de caso, da pesquisa “Desenho Urbano e Qualidade do Lugar” (PROARQ), com sua metodologia embasada naquela já empregada no estudo de caso realizado por Fávero (2000). Verificamos ser necessária porém a ampliação do foco da pesquisa com a inclusão da visão do especialista/pesquisador utilizando, além da técnica de *visão serial*, a análise do comportamento ambiental por observação direta sistemática. Desta forma, paralelamente à obtenção dos dados relativos à percepção e cognição dos usuários do Parque Guinle, pudemos contribuir com a pesquisa maior, desenvolvendo e refinando a qualidade dos métodos utilizados.

A aplicação do sistema de múltiplos métodos, com técnicas e instrumentos diferenciados para a obtenção da maior coerência e legitimidade possíveis neste tipo de pesquisa qualitativa, pode ser considerada satisfatória e válida para futuras aplicações na qualificação do desempenho nos próximos estudos de caso. O cruzamento dos dados resultantes das entrevistas com questões abertas e fechadas e do mapeamento cognitivo aplicados sobre a população usuária – moradores, trabalhadores e visitantes – foi fundamental para uma melhor compreensão e confirmação dos resultados sobre a *cognição* no lugar. A análise da visão serial e a observação direta sobre o comportamento ambiental realizadas pelo pesquisador permitiu traçar paralelos com a imagem que o usuário possui do lugar de forma a verificar o grau de abrangência das duas visões perante o objeto estudado. Alguns pontos podem ser melhorados e adotados nas pesquisas futuras sobre a qualidade do lugar. São eles:

- Uma maior homogeneidade do extrato amostral, com um número idêntico de entrevistados por grupo – moradores, trabalhadores e visitantes. Isto poderia tornar a tabulação dos dados, assim como sua análise pelas médias parciais e gerais mais significativa e coerente.
- Uma cuidadosa preparação da equipe de pesquisadores para aplicação dos questionários, pois se trata de uma tarefa que abrange captar aspectos psicológicos e na pesquisa de cunho perceptivo-cognitivo lida com atitudes e sentimentos complexos. Assim, a confiança, a prática e a empatia do entrevistador poderão interferir na qualidade das informações obtidas e numa avaliação mais segura de seus resultados.
- Ainda no que concerne aos questionários, algumas de suas questões têm pontuação por escala de valores cuja avaliação das respostas fica a cargo do entrevistador. Deverão ser bem definidos *a priori* os critérios destas questões para não haver distorções entre as avaliações pessoais dos entrevistadores no momento da pontuação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação do Parque Guinle demonstrou que ele pode ser considerado um *lugar* com uma dimensão significativa e cuja identidade e qualidades são reconhecidas pela população.

Seu projeto original de urbanização, concebido por Lúcio Costa, preservou o parque existente e manteve o caráter icônico do Palácio e do Portal de acesso, implantando os edifícios modernistas ao longo da rua curvilínea e voltando suas fachadas para o primeiro, transformando-o num ponto focal. Lucio Costa reconhecia, sem dúvida, o valor paisagístico, estético e simbólico de tais elementos que fazem parte atualmente do imaginário de seus usuários.

O desenho urbano que gerou este lugar único e peculiar da cidade do Rio de Janeiro, assim como o projeto arquitetônico dos edifícios de Lucio Costa – inovador na época de sua construção e por isso pouco compreendido e assimilado – tiveram um papel de extrema importância na construção do lugar. Seus apartamentos possuem atualmente alto valor no mercado imobiliário, principalmente por sua rara disponibilidade de venda, pois seus moradores ali permanecem por gerações. Seu valor enquanto ambiente urbano torna-se inestimável à medida de seu significado e representatividade junto à população, aspecto que pode ser verificado pela aplicação das dimensões de desempenho e dos conceitos de formação de um lugar especial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEXANDER, Christopher et al. A New Theory of Urban Design. Oxford: Oxford University Press, 1987
- AMORIN FILHO, Oswaldo Bueno. Topofilia, Topofobia e Topocídio em MG. In: DEL RIO & OLIVEIRA (org), 1995.
- APPLEYARD, Donald. Why Buildings are known – a Predictive Tool for Architects and Planners. In: Broadbent, G. at al. Meaning and Behavior in the Built Environment. Londres: John Wiley and Sons, 1980.
- AUGÉ, Marc. Lugares e Não Lugares. Campinas: Papyrus, 1994.
- BACHELARD, Gaston, A Poética do Espaço. São Paulo: N. Cultural (Os Pensadores), 1988.
- BACON, Edmund N. Design of Cities. London: Thames and Hudson, 1974.
- BARNETT, Jonathan. The Elusive City: Five Centuries of Design, Ambition and Miscalculation. N. York, Harper & Row, 1986.
- BECHTEL, Robert B. Environment and Behavior – An Introduction. Thousand Oaks: Sage Publications, 1997.
- BAKER, Geoffrey H. Le Corbusier – uma Análise da Forma. São Paulo: Mratins Fontes, 1998.
- BERGER, Paulo. Dicionário Histórico das Ruas do Rio de Janeiro. Da Glória ao Cosme Velho. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1989.
- BRUAND, Yves. Arquitetura Contemporânea no Brasil. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1981.
- CANTER, David. The Psychology of Place. London: Architectural press, 1977.
- CAPRA, Fritjof. Sabedoria Incomum. São Paulo: Ed. Cultrix, 1991.
- CAVALCANTI, Lauro (org). Quando o Brasil era Moderno: Guia de Arquitetura 1928 – 1960. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.
- CHOAY, Françoise. O Urbanismo: Utopias e Realidades. Uma Antologia. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- COMAS, Carlos Eduardo D. *A racionalidade da meia-lua. Apartamentos do Parque Guinle no Rio de Janeiro, Brasil, 1948-52*. Internet: www.vitruvius.com.br, Arqtextos, 2001.
- COMAS, Carlos Eduardo D. *Da atualidade de seu pensamento*. Revista Arquitetura e Urbanismo, nº 38, São Paulo: PINI, 1991.
- COSTA, Lúcio. Lúcio Costa - Registro de uma vivência. São Paulo: Ed. UNB, 1995.
- CULLEN, Gordon. Paisagem Urbana. Lisboa: Ed. 70, 1996.
- DAMÁSIO, António R. O Erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Ed. Schwarcz, 1996.
- DEL RIO, Vicente. Introdução ao Desenho Urbano no Processo de Planejamento. São Paulo: Ed. Pini, 1990.

- _____. Desenho Urbano e Revitalização da Área Portuária do Rio de Janeiro: A Contribuição do estudo da Percepção Ambiental. Orientador: Lauro Birkholz. São Paulo: FAU/USP, 1991. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo).
- _____. Percepção Ambiental e Desenho da Cidade. Relatório Final de Pesquisa. Reg. SAG-SR2 320105P029-1. Rio de Janeiro: UFRJ, 1991.
- DEL RIO, Vicente, OLIVEIRA, Livia (org). Percepção Ambiental - a experiência brasileira. São Paulo: Studio Nobel, 1996.
- FÁVERO, Marcos. Qualidade do Lugar e Desenho do Ambiente: O Caso da General Glicério. Orientador: Vicente del Rio. Rio de Janeiro: FAU-UFRJ, 2000. Dissertação (Mestrado)
- FRAMPTON, Kenneth. *Lugar, Forma e Identidade Cultural (Reflexões sobre Arquitetura e a Condição Pós-moderna)*. Revista Arquitetura e Urbanismo, nº 25, São Paulo: PINI, 1988.
- FRAMPTON, Kenneth. História Crítica da Arquitetura Moderna. São Paulo: Martins Fontes Ed., 1997.
- GALLAGHER, Winifred. *The Power of Place*. N. Iorque: Poseidon Press, 1993.
- GERSON, Brasil. Histórias das ruas do Rio. Rio de Janeiro: Livraria Brasileira Ed., 1965.
- GIBSON, James. The senses Considered as Perceptual Systems. Boston: Houghton Mifflin, 1966.
- GOSLING, David &, MAITLAND, Barry. Concepts of Urban Design. Londres: Academy Editions, 1984.
- GUIMARAENS, Cêça de. Lúcio Costa: um certo arquiteto em incerto e secular roteiro. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Prefeitura, 1996.
- LYNCH, Kevin. A Theory of Good City Form. Cambridge: MIT Press, 1981.
- _____. The Image of the City, Cambridge MA: MIT Press, 1960.
- MINDLIN, Henrique E. Modern Architecture in Brazil. Rio de Janeiro/Amsterdam: Colibris Editora, 1956.
- MORIN, Edgar. Ciência com Consciência. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1996.
- MUNFORD, Lewis. A Cidade na História. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1965.
- NOGUEIRA, Mauro Neves. *Reinterpretação das "Unité d'Habitation"*. In: Arquitetura e Urbanismo, nº 38, São Paulo: PINI, 1991.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture. Londres: Academy, 1979.
- PETRINA, Alberto. *Uma inspiração Latino-Americana*. In: Arquitetura e Urbanismo, nº 38, São Paulo: PINI, 1991.
- PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. Anuário Estatístico da Cidade do Rio de Janeiro, 1998/99. Empresa Municipal de Informática e Planejamento S/A. Iplanrio.
- RAPOPORT, Amos. The Meaning of the Built Environment: A Non-Verbal Communication Approach. Beverly Hills: Sage, 1983.
- RYPKEMA, Donovan. *The Dependency of Place in Places* vol. 10 nº 2, 1996.

- _____. Human aspects of Urban Form. Oxford: Pergamon Press, 1977.
- SANOFF, Henry. Visual Research Methods in Design, N. Iorque: Van Nostrand Reinhold, 1991.
- SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo: Ed. Hucitec, 1996.
- SENNETT, Richard. Carne e Pedra - o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1994.
- SOMMER, Robert e SOMMER, Barbara. A Practical Guide to Behavioral Research – Tools and Techniques. New York: Oxford Press, 1997.
- SOUZA, Carlos Leite de. Cognição Ambiental e Desenho Urbano: APO de um Espaço Urbano com Enfoque dos Aspectos Perceptivos – O Caso da Nova Av. Faria Lima. Orientador: Profa. Dra. Élige Monzeglio. São Paulo: FAU-USP, 1997. Dissertação (Mestrado).
- TUAN, Yi-Fu. Espaço e Lugar - a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.
- _____. Topofilia: Um estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. São Paulo: Difel, 1980
- WISNIK, Guilherme. Lucio Costa – Espaços da Arte Brasileira. São Paulo: Cosac y Naify. 2001.
- ZEISEL, John. Inquiry by Design - Tools for Environment-Behavior Research. Monterey: Brooks/Cole Publ. 1981.

10. Ordene os 10 **elementos físicos** que melhor caracterizam este lugar (importância: 1 a 10).

Ruas	
Parque	
Palácio	
Prédios	
O conjunto todo	

Relação dos prédios com o parque	
Árvores/vegetação	
Morros em volta	
Relação dos prédios entre si	
Portal	

11. A seguir há uma lista de coisas relativas a este lugar. Marque o quanto é **positiva** ou **negativa** a sua opinião sobre cada uma delas.

	-3	-2	-1	0	1	2	3
Arborização							
Estética deste lugar como um todo							
Afastamento dos prédios em relação à rua							
Largura da rua do Parque							
Largura da calçada da rua do Parque							
Altura dos prédios do Parque							
Estética dos prédios do Parque							
Portal do Parque							
Circulação de micro-ônibus							
Largura das outras ruas do entorno							
Largura das outras calçadas							
Comércio na Gago Coutinho							
Estacionamento							

12. Em relação a este lugar, marque o quanto você concorda com as **afirmações** abaixo.

	-3	-2	-1	0	1	2	3
Ruim/Bom							
Ruim para morar/bom para morar							
Feio/Bonito							
Desconfortável/Confortável							
Agressivo/Acolhedor							
Desvalorizado/Valorizado							
Intranquilo/Tranquilo							
Quente/Ameno							
Mal freqüentado/Bem freqüentado							
Mal conservado/Bem conservado							
Barulhento/Silencioso							
Mal iluminado/Bem iluminado							
Ruim para trabalhar/Bom para trabalhar							
Mal equipado/Bem equipado							
Sujo/Limpo							
Inseguro/Seguro							

13. O que você gostaria que fosse **verdade**?

Que houvesse mais guaritas da polícia militar	
Que houvesse mais áreas de lazer	
Que houvesse mais áreas esportivas	
Que houvesse mais estacionamento nas ruas	
Que no portal da rua Gago Coutinho tivesse cancela de segurança	
Que houvesse mais e modernas lojas e salas comerciais na rua Gago Coutinho	
Que todas as ruas fossem de paralelepípedo	
Que fossem construídos prédios mais altos e mais modernos no parque	
Que o Parque fosse gradeado	

Nome (opcional) _____ Tel. p/contato(opcional): _____

Sexo _____ Idade _____ Ocupação _____

Domicílio/ Local de Trabalho _____ Há quanto tempo _____

Por favor, utilize o espaço abaixo ou o verso da folha para desenhar um mapa daqui, de cabeça, representando os elementos mais importantes para você, como se fosse para alguém que nunca tenha estado aqui. Não se preocupe em desenhá-lo bonito.

MUITO OBRIGADO POR SUA VALIOSA COLABORAÇÃO COM NOSSA PESQUISA

Coordenadores da Pesquisa: Prof. Dr. Vicente del Rio

Pesquisadores: Prof. Dr. Paulo Afonso Rheingantz
Arquiteta Denise de Alcantara Pereira
Daniel David C. de Medeiros

tel.p/contato: 2598 1663

tel.p/contato: 9995 4657

tel.p/contato: 9292 0731

ANEXO II

Questionário Modelo utilizado na Pesquisa de Fávero (Modelo Final)

ANEXO III

Tabela 1: População residente Rio de Janeiro e Freguesia da Glória, 1838/1920.

	Rio de Janeiro	Freguesia da Glória
1838	137078	6568
1870	235291	18624
1890	522651	44105
1906	805335	59102
1920	1147599	68330

fonte: Anuário Estatístico da Cidade do Rio de Janeiro 1998/99.
ABREU, Maurício de. Evolução Urbana do Rio de Janeiro.

Tabela 2: População residente Rio de Janeiro, Área de Planejamento e Região Administrativa, 1960/2000.

	Rio de Janeiro	AP 2	IV RA – Botafogo
1960	4678266	923417	233585
1970	4897481	1021165	256250
1980	5090700	11301j35	295261
1991	5480768	1034612	251668
2000	5678228	1008118	234712

fonte: Anuário Estatístico da Cidade do Rio de Janeiro 1998/99.
ABREU, Maurício de. Evolução Urbana do Rio de Janeiro.

Tabela 3: Área, população e densidade demográfica x Rio de Janeiro, Área de Planejamento, Região Administrativa e Laranjeiras.

	Rio de Janeiro	AP 2	IV RA – Botafogo	Laranjeiras
Área Territorial (ha)	125527,9	9898,5	1558,3	232,3
Área Líquida (ha)	100013,7	4760,3	1302,9	180,4
População Residente	5678228	1008118	234712	46205
Densidade Bruta (hab./ha)	45,2	101,8	150,6	198,9
Densidade Líquida (hab./ha)	56,8	211,7	180,1	256,2

fonte: Anuário Estatístico da Cidade do Rio de Janeiro 1998/99.

Tabela 4: Faixa etária x população Rio de Janeiro, Área de Planejamento, Região Administrativa e Laranjeiras.

	Rio de Janeiro	AP 2	IV RA – Botafogo	Laranjeiras
0 a 09 anos	901539	122147	27732	5661
	16,4%	11,8%	11,0%	11,4%
10 a 19 anos	938022	141571	32455	7144
	17,1%	13,7%	12,9%	14,4%
20 a 29 anos	954844	169775	41022	7771
	17,4%	16,5%	16,3%	15,6%
30 a 39 anos	910599	169315	42846	8211
	16,7%	16,3%	17,0%	16,6%
40 a 49 anos	663305	137099	34475	6934
	12,1%	13,2%	13,7%	14,0%
50 a 59 anos	496164	111786	27912	5293
	9,1%	10,8%	11,1%	10,7%
> 60 anos	616295	183919	45226	8519
	11,2%	17,7%	18%	17,2%
Total	5480768	1034612	251668	49533
	100%	100%	100%	100%

fonte: Anuário Estatístico da Cidade do Rio de Janeiro 1998/99

tabela 5: Segmentos etários x população Rio de Janeiro, Área de Planejamento, Região Administrativa e Laranjeiras, 1996.

	Rio de Janeiro	AP 2	IV RA – Botafogo	Laranjeiras
0 a 14 anos	1382971	192412	44084	9363
	25,2%	18,6%	17,5%	18,9%
15 a 59 anos	3481502	6659281	162358	31651
	63,5%	63,7%	64,5%	63,9%
> 60 anos	616295	183919	45226	8519
	11,2%	17,7%	18%	17,2%
Total	5480768	1034612	251668	49533
	100%	100%	100%	100%

fonte: Anuário Estatístico da Cidade do Rio de Janeiro 1998/99

tabela 6: Sexo x população Rio de Janeiro, Área de Planejamento, Região Administrativa e Laranjeiras, 1996.

	Rio de Janeiro	AP 2	IV RA – Botafogo	Laranjeiras
Homens	2583192	458804	110177	21595
	47,1%	44,3%	43,8%	43,6%
Mulheres	2897576	575808	141491	27938
	52,9%	55,7%	56,2%	56,4%
Total	5480768	1034612	251668	49533
	100%	100%	100%	100%
Razão dos sexos	89,2	79,7	77,9	77,3

fonte: Anuário Estatístico da Cidade do Rio de Janeiro 1998/99.

ANEXO IV

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM O SR. AUGUSTO GUIMARÃES FILHO

Entrevistadores: Denise de Alcantara Pereira
Daniel David Cassal de Medeiros
Convidados: Lucas Guimarães (neto do Sr. Guimarães e estudante da FAU-UFRJ)
Rafael , colega do Lucas, também estudante da FAU-UFRJ
Data: 13/11/2001 Duração: de 17:30h às 19:30h

Esta pesquisa trata da Qualidade do Lugar e do Ambiente Construído e estuda lugares de reconhecida qualidade na Cidade, como o Parque Guinle. Tem como um dos objetivos aprimorar a atividade projetual e do ensino de arquitetura. Seu relato poderá trazer informações importantes a respeito do arquiteto, seu projeto e da construção deste ícone da cidade.

- *Diga-nos seu nome completo, sua profissão e sua idade:*
Augusto Guimarães Filho, idade : 84 anos
Formação Técnica : Engenheiro Civil
Devo minha formação prática de Arquiteto e Urbanista ao Dr. Lucio Costa.
- *Qual foi sua participação em relação às origens do Parque Guinle? Em que época?*

Dr. Lúcio Costa trabalhava numa firma de engenharia: “Service Engenharia Ltda.”, na Rua Camerinos. Ele era o consultor para o projeto do Parque Guinle. Estavam sendo feitos dois projetos no escritório: a Fábrica Nacional de Motores e o projeto do Parque Guinle. Eu preferi ficar no segundo projeto. Eu era, oficialmente, o engenheiro de contrato, mas na verdade era o engenheiro chefe da obra. Conquistei o Dr. Lúcio porque eu era um cara calado, quase não falava. Eu já nasci moderno! Fiquei de 1942 até 1950, deixando a estrutura do Caledônia pronta, a pintura acabada do Bristol e o Nova Cintra já com as chaves. Saí do empreendimento após um desentendimento com César Guinle, do qual hoje me arrependo, pois ele foi muito aplicado para que o tudo fosse construído da melhor maneira. Inclusive presto aqui uma homenagem a Eduardo Guinle Filho e César Guinle, os dois filhos do Eduardo, que foram extremamente cuidadosos com a qualidade das construções no Parque. Foram eles que procuraram Lúcio Costa e o Oscar Niemeyer. Os três últimos edifícios a serem construídos no Parque Guinle foram projetados por Oscar Niemeyer e seriam os primeiros triplex da cidade, mas não foram feitos, pois não tinham vontade de investir na construção de triplex e o Brasil passava por uma grave crise econômica.

- *Como era sua relação com o arquiteto Lúcio Costa?*

Idolatria inicial - respeito profissional - amigo pessoal. Admirava o Lúcio Costa, e ele me ensinou a ser arquiteto! A minha relação com o Dr. Lúcio foi de aprendiz. Ele era mestre como na idade média, fazia tudo junto comigo. Pra você ter uma idéia ele não tinha mesa própria, a mesa dele era a minha mesa. Perguntaram para o Lúcio quem o ajudou quem o a fazer Brasília e ele citou meu nome. Eu era o “segundo nome”. Uma vez ele viajou, então eu fiz uma coisa escondida: peguei o carpinteiro (ou seja, a pessoa que mexe com a madeira de maneira mais bruta) e fiz divisórias no escritório, mesas para estender os projetos e bancos. Nós só tínhamos duas pranchetas e dois bancos! Quando ele gostava elogiava, mas se não gostasse ficava quieto. Ele disse: - O Corbusier deveria ver isso! Foi um elogio!

- *Na época de seu lançamento, o projeto trazia inovações arquitetônicas e tecnológicas importantes como a inserção de brises, os pilotis e a estrutura livre. Como foi a receptividade destes aspectos perante o mercado imobiliário?*

Com relação ao projeto havia aceitação total dos Guinle, à exceção de um deles que chamava o Nova Cintra de galinheiro. Quem não gostava do projeto era completamente hostil. Certa vez estava com o Dr. Plantz observando a escada do Nova Cintra e ele disse: Não faria esta escada nunca! Aí eu defendi o Lúcio Costa: Este projeto é do maior arquiteto brasileiro, o pai do modernismo, os donos gostam e o Dr. Lúcio é o maior do Brasil! Por causa disso o Dr. Plantz tentou me prejudicar e disse para o meu chefe que eu tinha pedido demissão. Mas como ele era meu amigo perguntou porquê e eu o desmenti e tudo permaneceu como era. (Aí você vê como são as pessoas!)

Na época havia uma crise muito grande no país, em todos os setores, principalmente imobiliário. Não se vendia nada. Outro problema era que os corretores não sabiam vender! Eu fiz um “meeting” para ensiná-los a vender para defender meu emprego, explicando a eles as qualidades e vantagens dos apartamentos. Corretor não conhece nada de termo técnico de arquitetura. O Dr. Lúcio não queria que falasse salão, mas sala. Eles ganhavam três por cento de comissão. Um corretor disse que eu vendia bem. Ele até me presenteou com um faqueiro. Houve até o caso de uma granfina paulista que reclamou que o apartamento não tinha sanca de gesso decorativa. E nem poderia ter!, eu disse, pois as esquadrias terminavam rente às lajes do teto e não havia vigamento aparente. O moderno ainda não havia sido bem compreendido! Ninguém ganhou dinheiro com o empreendimento, só uns dois corretores!

Tudo era difícil, não havia pessoal qualificado para aquele tipo de obra de “arestas vivas”, não se cumpria o que o detalhamento determinava. Havia uma luta constante contra o tradicionalismo rígido que permeava todos os níveis da construção.

- *O senhor participou do desenvolvimento do projeto? De que forma?*

Eu chefiava a equipe de projeto. Fui tomar conta, depois chefei o escritório e depois a obra. Trabalhava na R. Camerino, o prédio era defronte à umas lindas grades de ferro de uma casa antiga. Gostava muito de andar pelas ruas com o Lúcio. Aquelas ruazinhas do centro... Dali passamos para a R. Senador Pompeu e depois para a antiga usina de eletricidade do Palacete, colada na pedreira no final da rua curva, onde hoje fica a entrada dos prédios dos irmãos Roberto. Na época vários estrangeiros fugiram da guerra na Europa e vieram para o Brasil e trabalhavam na Service. Entre eles: Arquiteto Jorge Henze, Arquiteto Belatorok (húngaro), ambos vindos da Bauhaus e também o projetista Josife Landa. Eram ótimos profissionais e detalhavam o projeto muito bem. Na primeira fase estavam também o Leônida Cheffrino e o Alberto Borgetti Filho (filho do zagueiro de futebol Borgetti). Nos tratávamos como Dr. por respeito. O Niemeyer achava isto uma “caretime”.

- *O projeto possui elementos fortemente distintos que hoje fazem parte da imagem mental dos usuários e da população em geral, como o portal, a relação dos prédios com o parque e o próprio palácio. O senhor saberia dizer quais eram as intenções do arquiteto a respeito do futuro usuário/morador?*

O chão guarda o volume preciso, cabe ao arquiteto descobri-lo. É preciso conhecer o lugar antes da intervenção. O lugar tem potenciais muito claros. O desenho maravilhoso do Dr. Lucio (você já viu o croquis dos prédios naquele livro?*) possui eco – resposta – simetria. Esta é a explicação. Desenho aqui, no sentido de projeto, não desse “design” que deveria ser “varrido”... Arquitetura não é desenho, mas construção. A transmissão da idéia da obra não deveria ser passada somente através do desenho.

* Registro de uma vivência

- *O arquiteto Lucio Costa costumava participar ativamente da obra? Era muito rígido em relação ao projeto ou costumava alterá-lo durante a mesma?*

A primeira qualidade dele (Dr. Lúcio) era a bondade. O Dr. Lúcio olhava cada detalhe mas às vezes engolia o erro do peão. Não queria prejudicar ninguém. Aquelas bolas do cobogó deveriam ser circunferências perfeitas, mas a firma encarregada de produzi-lo considerou que haveria uma deformação após o cozimento do barro e elas ficaram ovaladas. Nesse ponto, Dr. Lucio não gostava de ver o trabalho perdido e deixava passar. Eu não deixaria, era o engenheiro encarregado, mas ele deixou.

Ele não mudava nada do projeto. O projeto tinha um nível de detalhamento muito alto. O projeto era tão detalhado, tão definido, que não deixava margem a alterações durante a construção. O Dr. Lúcio era muito detalhista, mas prático também. E tinha um desenho maravilhoso! Ele conseguia adoçar as linhas para quebrar a agudeza do ângulo. Os cordões das esquadrias tinham que ter precisamente 18mm chanfrados. Eu dava broncas nos caras, não eram 2.0 cm, mas 18mm!

- *No projeto estava prevista a manutenção do antigo portal na entrada do Palácio, hoje tombado?*

Não havia antes da obra aquele Portal, ele foi montado durante a obra. Não sei sua origem. A rua do Parque Guinle já existia, mas foi retraçada pouco antes dos prédios.

- *Os jardins sofreram alterações significativas durante a implantação do conjunto residencial ou mantiveram seu aspecto original?*

No parque aquele laguinho era de criação de rãs. Fizeram o projeto dos jardins depois, não havia um jardim e sim uma área meio mato, meio abandonada.

- *Como foi a reação de Lucio Costa com a conclusão dos três prédios restantes a cargo dos irmãos Roberto?*

Não sei dizer.

- *Dê-nos seu relato sobre fatos interessantes ocorridos durante a construção.*

Um dia, com o projeto do primeiro prédio já adiantado, o “Torok” abriu um desenho belíssimo. Ele disse – É a fachada do Nova Cintra! – Eu ainda não tinha contemplado aquele desenho e custei a reconhecer ali o belíssimo desenho da fachada como um todo em toda sua magnificência, embora soubesse todos os outros detalhes da construção.

PARQUE GUINLE É TOMADO POR MENDIGOS E DROGADOS

09/01/2002



Cascata perto do Palácio Laranjeiras é usada para tomar banho e casal faz sexo ao ar livre

O Parque Guinle está sendo invadido por mendigos e grupo de drogados que dormem ao ar livre e chegam a transformar a cascata em local para banho. Ontem, por volta das 12h, a menos de 50 metros da entrada do Palácio Laranjeiras, residência oficial do governador Anthony Garotinho, um casal foi flagrado fazendo sexo na cascatinha, próxima a uma ponte, depois de ter tomando banho no local.

O homem, de sunga vermelha, tomava banho em companhia de uma mulher que usava um vestido. Por diversas vezes, ele baixou a parte de cima do vestido, deixando os seios da mulher à mostra. Avisado, um PM de plantão na entrada do Parque Guinle foi até o lugar e retirou o casal.

Cenas desse tipo já se tornaram comuns para quem frequenta a área. Apesar de limpo e bem cuidado, o Parque Guinle sofre há mais de um ano com a falta de segurança e a presença de mendigos e grupos de drogados. Não há qualquer vigilância interna e apenas um PM e um carro da polícia ficam de plantão na entrada do parque.

Lider comunitário diz que é comum consumo de drogas

Segundo o presidente da Associação de Moradores e Amigos de Laranjeiras, Marcus Vinícius de Seixas, além do consumo de drogas e da presença de mendigos - que lavam suas roupas no lago e as estendem na grama - casais costumam se aproveitar das áreas menos frequentadas para fazer sexo.

- Sexo explícito é comum no Parque Guinle, a qualquer hora do dia ou da noite. Como não há policiamento dentro do parque, essas coisas acontecem e ninguém faz nada - queixou-se Marcus Vinícius.

Para acabar com os problemas, ele sugeriu que a segurança feita pelos PMs do Palácio Laranjeiras seja estendida aos jardins do Parque Guinle.

Ontem também, mendigos ocupavam os gramados do parque, onde também deixavam suas roupas para secar. Moradores reclamaram do descaso das autoridades.

A Guarda Municipal informou que um carro da corporação passa pelo lugar duas vezes por dia.

Jornal: O GLOBO
Edição: Rio
Edição: 1
Coluna:
Caderno: Primeiro Caderno

Autor: Patrícia Faria
Tamanho: 386 palavras
Página: 14
Seção:

ANEXO VI

VEREADORA QUER GUARDAS VIGIANDO PARQUE GUINLE

10/01/2002

Abaixo-assinado pedindo providências deve ser encaminhado ao prefeito Cesar Maia

A vereadora Leila do Flamengo (PFL) começará a recolher assinaturas amanhã junto aos moradores e freqüentadores do Parque Guinle, em Laranjeiras, onde O GLOBO flagrou anteontem um casal fazendo sexo no local. A vereadora vai entregar o abaixo-assinado ao prefeito Cesar Maia pedindo a presença da Guarda Municipal dentro do Parque Guinle, que está cheio de mendigos e grupos de drogados.

Os mendigos lavam suas roupas no lago. Por falta de efetivo, guardas passam apenas duas vezes por dia pelo Parque Guinle.

- Estamos lutando pelo policiamento há mais de um ano. É um absurdo o que acontece ali dentro. Vamos pedir ao prefeito que nos atenda. Afinal, a Polícia Militar não tem que fiscalizar parques - disse a vereadora.

Comunidade pode voltar a discutir gradeamento

Leila quer que o gradeamento no Parque Guinle volte a ser discutido com a comunidade. Há seis anos, a maioria dos moradores optou pelo gradeamento num plebiscito promovido pela prefeitura, mas as grades não foram instaladas.

- Vou começar a organizar a consulta, que pode ser feita em duas semanas - disse Leila.

O presidente da Associação de Moradores e Amigos de Laranjeiras, Marcus Vinicius de Seixas, é favorável à consulta:

- O gradeamento tem de voltar a ser discutido. A comunidade tem de ser ouvida.

Jornal: O GLOBO
Edição: Rio
Edição: 1
Coluna:
Caderno: Primeiro Caderno

Autor: Patrícia Faria
Tamanho: 242 palavras
Página: 17
Seção:

© 2001 Todos os direitos reservados à Agência O Globo

PLEBISCITO EM LARANJEIRAS

12/01/2002



Grade no Parque Guinle será o tema

No próximo dia 27, a partir das 9h, moradores de Laranjeiras vão, mais uma vez, dizer se querem ou não que o Parque Guinle seja gradeado. A vereadora Leila do Flamengo (PFL) estará recolhendo até domingo assinaturas para fazer um plebiscito sobre o gradeamento do parque. Consulta semelhante foi feita há cinco anos, quando a instalação das grades foi aprovada, mas depois vetada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), porque no parque há bens tombados.

Ontem, cerca de 300 moradores puseram seus nomes em dois abaixo-assinados. O primeiro para aprovar a realização do plebiscito e o segundo para pedir que a Guarda Municipal volte a pôr homens permanentemente no parque. Moradores reclamam de drogados e mendigos que, como mostrou reportagem do GLOBO esta semana, sujam a área e fazem sexo ao ar livre. Freqüentadores do parque se queixam também da falta de segurança.

- O parque está limpo e bem cuidado. Mas precisa de mais segurança - disse a enfermeira Solange Rodrigues.

Segundo Leila do Flamengo, o gradeamento seria a melhor solução para livrar a área de mendigos. Ela disse que há empresas interessadas em adotar a área, desde que o parque seja gradeado. Mas isso depende de aprovação do Iphan.

Jornal: O GLOBO
Editoria: Rio
Edição: 1
Coluna:
Caderno: Primeiro Caderno

Autor: Dimmi Amora
Tamanho: 230 palavras
Página: 20
Seção: